

Julho a Setembro de 1908

---

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

**AS RUINAS DO CARMO**

(Continuado do n.º antecedente)

\*  
\* \***O CORO ALTO (¹)**

«Huma das casas mais nobres de tão sumptuoso edificio». (²) Reedificado com magnificencia de 1680 a 1683. Era quadrado e tinha duas ordens de cadeiras, grandes janellas e uma magestosa tribuna na parede meridional.

Nesta tribuna foi erigido um riquissimo altar, em que se venerava Christo Crucificado, cuja imagem era ladeada pelas da Santissima Virgem e S. João Evangelista. Ao pé da cruz, um tabernaculo com trez nichos, e nelles as imagens do Menino Jesus, de metal, e as de Nossa Senhora da Conceição e S. José, de madeira.

Era de muito valor o respectivo Sacrario, d'onde sahia o viatico aos enfermos.

---

(¹) A leitura attenta da *Chronica* de Sant'Anna induz-nos a crer que este côro não existia na igreja, mas sim no convento. Como, porém, ha quem opine que ficava sobre o guarda-vento á entrada principal e possa aqui applicar-se o aphoristico *quod abundat, non nocet*, fazemos-lhe as referencias do texto.

(²) *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1661.

Neste côro, onde havia um bello orgão e preciosas pinturas, (1) rezava a Communidade as Matinas, a hora de Prima e Completas, e praticava varios exercicios religiosos. Nelle se celebravam tambem os Capitulos Provinciaes, os termos das Visitas e outras reuniões.

Por occasião das festas em honra da Conceição, Natividade e Encarnação da Virgem expunha-se aqui um preciosissimo santuario, em que se adoravam innumeradas reliquias, cuja relação occupa mais de trez paginas da Chronica. (2)

\*  
\* \*

### SACRISTIA

Não damos a sua descripção, mesmo succinta, visto que sempre foi nosso intento fallar apenas do templo. Algumas linhas, porém, sobre esta dependencia da igreja.

Era de notavel imponencia a Sacristia do Carmo. Causavam admiração especialmente as abobadas, um grandioso carneiro (com varias epigraphes e o escudo das armas dos Silvas Telles) pertencente ás Casas d'Alegrete e Sarzedas, o pavimento (de marmores brancos, vermelhos e pretos), a veneravel capella de Nossa Senhora da Assumpção (com curiosos labores), os ricos ornamentos, os formosos quadros, a livraria do côro com muitos volumes primorosamente encadernados e illuminados, os magnificos santuarios com reliquias, etc., etc.

\*  
\* \*

Pela recopilação, que acabamos de fazer, é facil aventar um juizo approximado sobre a traça da monumental igreja do Carmo, anteriormente ao terremoto de 1755, e bem assim sobre as enormes riquezas, que nella havia.

Como contra-prova á ultima parte do nosso asserto vamos apresentar ao leitor a copia do extenso, mas interessante inventario das perdas occasionadas por aquelle cataclismo, documento sem duvida

---

(1) «Estas bastavam a constituir um importante thesouro». *Chronica*, tomo 1.º, n.º 1662.

(2) Tomo 1.º, n.º 1664.

d'alto valor, que fomos encontrar, entre papeis avulsos, no maço 10.<sup>o</sup> do Cartorio do Carmo (Torre do Tombo). (1)

Comquanto se não refira exclusivamente á igreja, deliberamos transcrevel-o na integra.

É como segue:

*«Extracto da consideravel perda que tiveram os religiosos de Nossa Senhora do Carmo na sua magnifica Egreja e Convento de Lisboa em o primeiro de Novembro de 1755.*

No terramoto cahio o corpo da Egreja, e com o fogo se queimou tudo e fez a perda seguinte:

A capella mór se consumio uma custodia magnifica, que excedia a altura de hum homem; esta estava sobre um cofre que correspondia na grandeza e bojo á altura da Custodia, tudo de prata lavrada e coberta com seu pavilhão e castiças, que acompanhavam o mesmo throno, que serviam para a exposição.

Os dois patriarchas, este com resplendor e espada e egreja de prata, aquelle com resplendor e vaso e bordão de prata; e Nossa Madre Santa Theresa e Santa Maria Magdalena com suas insignias de prata.

O nicho de N. Mai com sua peanha de prata; o altar, com banquetta e frontal de prata.

O tumulo do nosso veneravel fundador, o sr. Conde D. Nuno Alvares Pereira. No coro, de uma parte e da outra quatorze nichos, onde se guardava com grande veneração infinitas reliquias de grande estimação, postas em corpos e meios corpos e braços e custodias e estatuas dos mesmos santos, de quem as reliquias eram; e em um d'estes nichos se guardava um breviario de Nossa Madre Santa Thereza; e nos dias communs cobriam estes nichos outros tantos paineis dos santos e santas da ordem, feitos em Roma; e na quaresma se punham outros com seus anjós e martyrrios da Paixão.

Por cima dos ditos nichos estavam quatro paineis magnificos por banda, insignes na arte, e não só estes mas todos os mais, que ornavam toda a egreja.

Consumiram-se as cadeiras do coro feitas com bella architectura; uma estante, em que se punham os livros de canto-chão, chapeada de bronze; as grades do coro, ricamente obradas; e os pulpitos, em que se cantavam a epistola e o evangelho, tudo de ebano menos as cadeiras; um candelabro dourado, duas alampadas magnificas pouco menos da altura de um homem; todos os livros de canto-chão, feitos de estampilha em pergaminho com bellas estampas de luxo e bronzeados nas encadernações, que se não podem recuperar com quinze mil cruzados.

A capella da Piedade com toda á sua talhá; imagem da Senhora e dos

---

(1) Suppomol-o inedito.

quatro evangelistas, de esculptura; todo o corlinoado que servia d'ornamento da capella, seis castiças grandes e cruz, á romana, de altura de pouco mais de cinco palmos; mais seis pequenos, tambem á romana, que serviam na boca da tribuna; duas alampadas á romana; uma banquetta de prata, seis estatuas de prata, as insignias da Senhora e guião, de prata; um esquife do enterro do Senhor, este esquife com armação de brocado e panno de cobrir, do mesmo, com franjas e galões d'ouro, com todos o mais ornamentos, e tudo o preciso para a procissão do enterro; casulas de todas as côres, um calix, quantidade de cera de acompanhar e para ornato da capella; castiças para os dias quotidianos, de estanho; alcatifas muito boas, com que ornavam toda a capella; e na sua casa de despacho com todo o ornato e preciso, com bastante dinheiro tanto no cofre dos pobres, como das joias.

Capella de Nossa Senhora da Conceição: a talha e imagem com sua coroa de prata; vestidos ricos e communs, meia duzia de castiças de prata, e seis de estanho, e uma alampada e cortinas das portas, e setial do arco da capella e outro de fóra, de damasco encarnado com franja e galão d'ouro, e alcatifas.

Capella do Sacramento: varios painéis que ornavam esta capella por ser magnifica na altura, o sacrario com pavilhão de todas as côres, de matizes guarnecidos de franjas e galões de ouro e seus docéis das mesmas côres e com as mesmas guarnições; um setial grande e varias portas de cortinas dos painéis e nichos, que ornavam a capella; duas estatuas de Santo Anastacio e de Santa Eufrazia, com suas insignias de prata; o corpo de S. Theodoro que se guardava debaixo do altar em um caixão de bronze; e tres duzias de palmas de prata, grandes e pequenas; duas alampadas de prata á romana; ciriaes e cruz de acompanhar com suas mangas e varas, e duas lanternas de prata; duas quartas para agua e vaso do lavatorio, tudo de prata, e varias toalhas de communhão; sepulchro, onde se depositava o Senhor na sexta feira e cortinado roxo; e muitas vestias encarnadas, com que a irmandade do Sacramento acompanhava o mesmo Senhor em todas as funcções da igreja e fóra d'ella; e seus cancellos de talha dourada, acabados de pouco tempo com todo o primor.

Capella de S. Simão Stoch: e sua imagem de Santo Elesbão e Ephigenia com as suas insignias de prata, uma boa alampada de prata, um setial novo e outro usado franjado, e castiças deitando para o commum, e alampada de latão.

Capella de Nossa Senhora da Vida: imagens de S. Simão e S. Judas Thadeu com seus resplendores e insignias de prata; seis castiças grandes e cruz de prata á romana, um setial grande na capella, e outra de dentro com franja e galão de ouro; varios vestidos da Senhora, preciosos e para o commum; castiças d'estanho e alampada de estanho á romana, e outra de latão para o commum; um candieiro magnifico de quarenta lumes, que servia pela festa do Nascimento de Nosso Senhor.

Capella de S. Pedro, S. Francisco Xavier e S. Francisco de Assis: seis castiças e cruz de prata grandes á romana e alampada de prata, outra de

latão, castiças e cruz d'estanho, do commum; um setial do arco da capella, cruz e ciriaes de acompanhar, suas capas com que sahiam os irmãos nas procições e enterros, e quantidade de cera de acompanhar.

Capella de Santa Thereza, S. Pedro d'Alcantara e S. João da Cruz: com suas insignias de prata, setial do arco da capella, uma duzia de castiças de prata pequenos e grandes, cruz e ciriaes de acompanhar e suas capas com que os irmãos acompanhavam, e quantidade de cera de acompanhar e sua alampada grande de prata e outra de latão.

Capella de Santa Maria Magdalena de Pazzi, um setial do arco da capella, cruz e ciriaes de acompanhar, alampada e insignias da Santa, tudo de prata; vestidos da Santa, preciosos; duas mangas de cruz, ricas; varios castiças á romana de pau prateado e d'estanho e alampada de latão; capas dos irmãos e cera em quantidade de acompanhar, e cofre com dinheiro.

A Capella de S. João Baptista ficou intacta, e só se lhe queimou o seu andor magnifico com o seu Santo e o seu cartorio. ....

A Capella de S. Roque, a sua imagem e retabulo magnifico feito de novo, e suas insignias de prata e quatro castiças grandes e seis pequenos, e quatro palmas grandes e oito pequenas, e uma custodia com uma reliquia do Santo, e uma alampada grande tudo de prata e outra de latão; cruz e ciriaes de acompanhar, capas de acompanhar e cera em quantidade e grande porção de dinheiro no cofre; andor do Santo e castiças de estanho, á romana, e cruz e varios tocheiros e alcatifas da capella e setial de dentro e de fóra do arco, com galão e franja de ouro.

A Capella de Nossa Senhora da Paz ficou intacta; porém perdeu o setial da capella, quatro castiças e uma cruz de acompanhar e a corôa da Senhora e vestidos que se guardavam nos armarios.

A Capella das Almas e S. Miguel ficou intacta, porém perdeu a sua fabrica, que diremos quando fallarmos da capella da Senhora da Boa Morte.

A Capella de S. João Evangelista um setial novo e outro velho; as insignias dos Santos de prata e um Santo Christo de grande devoção em uma redoma de vidro e alampada de prata, e outra de latão.

A Capella de S. José, setial, cruz de acompanhar e insignias dos santos, tudo de prata; e capas de acompanhar e cera; e castiças de estanho, e o seu cofre com dinheiro bastante.

A Capella de Santo Alberto, Santo André Corsino e S. Pedro Thomaz com suas insignias de prata e seu setial e alampada grande, e quatro castiças e huma cruz grande de acompanhar com haste, vara e frontal, tudo de prata; e castiças deitando para o commum e alampada de latão.

A Capella de Santa Luzia e S. Braz e Santa Apollonia com suas insignias de prata e magnifico retabulo e painel acabado de pouco por um grande artifice; seu setial e alampada e seis castiças, tudo de prata; vestidos preciosos dos Santos, e castiças e cruz de estanho e alampada de latão para os dias communs e mais ornato da capella e mealheiro com dinheiro dos ditos santos.

A Capella de Santo Antonio e Santa Barbara e S. Ioaquim e Nossa Senhora pequenina com suas corôas e resplendores e mais insignias de prata, e

uma custódia de prata com uma reliquia de Santa Barbara, seu setial novo, só se salvou a prata excepto a Santo Antonio e Santa Barbara; e varios castiças de pau dourado e de estanho, alampada de latão, jarras e mangas da India que tinham custado cincoenta mil réis, ramalhetes preciosos, duas arrobas de cera e capas dos irmãos e todos os livros de receita e despeza e compromisso e a insigne talha da capella feita a moderno e de novo.

A Capella de Nossa Senhora do Soccorro e Santa Rita e Santa Quiteria, toda de talha dourada e insignias da Senhora e santas de prata, uma alampada, uma cruz de acompanhar, castiças d'estanho, alampada de latão e suas capas de acompanhar e cera.

A Capella de Nossa Senhora da Porta do Claustro e seu nicho, castiças, ramalhetes e alampada de prata.

A Capella de Nossa Senhora da Encarnação uma veneranda imagem de Christo Crucificado da estatura de um homem e as imagens da Senhora da Soledade e da Encarnação com suas insignias de prata e nove painéis antiquissimos de insigne artificio, e todos estes painéis com cortinados, e da mesma sorte o altar das santas imagens; uma alampada magnifica e seis castiças á romana, grandes, uma cruz de acompanhar e varas e quatro dirandellas, tudo de prata; um calix e galhetas e prato e caixa de hostias, tudo de prata; vestimentas ricas e para o commum, de todas as cores; capas de acompanhar com murças de seda e quantidade de cera de acompanhar e para o ministerio do altar e sua casa de despacho com todos os preparos e alcatifas.

A Capella de Nossa Senhora da Boa Morte, a devotissima imagem da Senhora, seu tumulo e armação e a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, seu nicho e cortinados que ornavam a capella; uma alampada e seis castiças e cruz á romana; cruz e ciriaes de acompanhar e suas capas com murças de seda, casa do despacho com todo o seu ornato, e cartorio e cofre com algum dinheiro e quantidade de cera de acompanhar, alampada de latão e castiças d'estanho.

Todos os altares da egreja, que eram vinte e cinco, se achavam ornados com frontaes de todas as cores; duas ordens, brancas e encarnadas que d'estas duas côres havia ricos, de damasco de ouro, com franjas e galões d'ouro; e quantidades de mealheiros com as esmolas que n'elles se achavam. Todos estes altares tinham insignes painéis feitos por grande auctor, em que se veneravam em pintura as mesmas imagens, que nos altares se viam de vulto.

Dois pulpitos de prata lavrada, com cupula de talha dourada. Por cima da Porta do Claustro um magnifico orgão com uma magestosa varanda feita de talha dourada com varias figuras que seguravam a dita varanda; outro orgão no coro especioso e outro no coro de cima, e outro no noviciado.

O coro alto, em que iam os religiosos á meia noite, se queimou o seu altar com uma veneranda imagem de Christo Crucificado, da altura de um homem; e a Magdalena e Evangelista, ambas da mesma altura, com suas insignias de prata; e no mesmo altar estava um nicho de talha dourada, onde estavam collocadas as imagens de Jesus Menino, S. José e Nossa Senhora da Conceição com suas insignias de prata: e um sacrario, d'onde sahia o viatico para os

religiosos enfermos; o vaso dos Santos Oleos, uma caldeirinha de prata e outra de latão, um candelabro de prata, uma capa d'asperges branca com guarnição de ouro, um calix, casulas de todas as côres, um pallio de damasco branco com guarnição de ouro e seis varas, armação do altar e docel do mesmo com seis castiças e cruz d'estanho, seu veo d'hombros, um setial da boca da capella com guarnição de ouro, alcatifas com que se ornava o côro, cinco portas de cortinas das janellas do côro, umas roxas outras encarnadas, todas de damasco; oitenta cadeiras, todas de bordo, vinte candieiros de latão feitos ao moderno, que serviam nas matinas á meia noite, e seus candelabros, estante grande do meio do coro e livros de canto-chão. O altar com frontaes de todas as cores; debaixo d'este se guardavâm fechadas com tres chaves as reliquias mais especiaes que havia neste reino, a qualidade e quantidade se poderá ver na Chronica da provincia. Estavam com tão grande veneração que se mostravam tres vezes no anno, nas festividades da Conceição, Encarnação e Natividade.

Sacristia, o seu altar com um painel de Nossa Senhora da Assumpção e seu retabulo de talha dourada; frontaes de todas as côres, ricos e communs; um setial com guarnição e franja de ouro; uma alampada de prata á romana; paineis grandes e pequenos, que ornavam a sacristia, de grandes auctores; toda a sacristia, guarnecida de caixões, onde se guardavam os ornamentos seguintes: um ornamento branco de damasco de ouro, guarnecido de galões largos e franjas de ouro. Constava este ornamento de nove capas d'asperges, nove casulas, duas dalmaticas, panos d'estante grandes e pequenos; dois panos dos pulpitos; dois véos de hombros ricamente bordados; um véo do calix, bordado; oito borlas de ouro das dalmaticas; um pallio irmão quarteadado de oito varas, e frontaes de toda a igreja, tudo irmão com os mesmos galões e franjas; uma manga de cruz com suas borlas e cordões de ouro com que se atava; um habito do R.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> e capa, magnifica, que servia nas procissões: outro ornamento rico, que estava servindo no mesmo dia do terramoto, que constava de capa de presbytero, dalmaticas e casula de seda de matizes com ramos de ouro, as dalmaticas com borlas de ouro; mais sete capas d'asperges de lhama de prata, pannos d'estante e de pulpito e frontal da Capella môr, tudo guarnecido de franja e galão d'ouro: outro ornamento branco, de damasco liso, que se via nos dias em que officiam os Reverendos Padres Mestres. Constava de sete capas d'asperges, duas dalmaticas, oito casulas, véo de hombros, panos d'estantes e de pulpitos, tudo guarnecido de galões e franja de ouro, e manga de cruz, da mesma sorte guarnecida: Outro ornamento antigo, de tela branca com flores de ouro, que constava de sete capas d'asperges, duas dalmaticas, oito casulas, dois panos do pulpito, panos d'estante, véo de hombros bordado e do calix; manga de cruz; um pallio de seis varas com seis borlas de ouro, com que se atavam, e mais borlas de ouro, que serviam nas dalmaticas: Outro ornamento branco, de damasco liso, que constava de tres capas d'asperges, duas dalmaticas, véo de hombros, panos d'estante, duas borlas de ouro guarnecidas de franja e galão de ouro: Outro ornamento de damasco branco com sabastos de velludo, que constava de tres capas d'asper-

ges, casula, dalmaticas, panos d'estante, véo de hombros guarnecido de franjas e galão de retroz; mais duas dalmaticas e uma casula branca de damasco com galões: Outro ornamento de damasco branco, que constava de tres capas d'asperges com sabastos encarnados, duas dalmaticas, oito casulas, véo de hombros, panos d'estante.

#### ENCARNADO

Um ornamento encarnado de damasco de ouro, que servia sómente no dia do N. Padre e do Espirito Santo. Constava de sete capas d'asperges, duas dalmaticas, oito casulas, um véo de hombros ricamente bordado, panos de pulpito, panos d'estante, frontaes de toda a egreja, manga de cruz e duas borlas guarnecido tudo com galões largos e franjas de ouro: Outro ornamento encarnado de damasco liso com galões e franjas de ouro, que constava de cinco capas d'asperges, uma casula, duas dalmaticas, véo de hombros, dois panos de pulpito, panos d'estantes e seis borlas de ouro e manga de cruz: Outro ornamento encarnado de velludo com sabastos bordados á antiga, que constava de uma capa d'asperges, duas dalmaticas, uma casula, panos d'estantes, manga de cruz, véo de hombros, mais quatro capas d'asperges, sete casulas, isto de brocadel encarnado guarnecido com franja e galões de ouro e retroz, á antiga: Outro ornamento commum de damasco encarnado com franjas e galão de retroz, que constava de tres capas d'asperges de damasco com sabastos de velludo; duas dalmaticas, véos de hombros, panos d'estantes, oito casulas e manga de cruz.

#### ORNAMENTO VERDE

Um ornamento verde de damasco de ouro, com franjas e galões do mesmo, que constava de uma capa d'asperges, duas dalmaticas, uma casula, véo d'hombros, panos d'estante e frontal da capella mór: Outro ornamento verde com galões e franjas de retroz, que constava de uma capa d'asperges, duas dalmaticas, pannos d'estante, véo de hombros, panos de pulpito e nove casulas.

#### ORNAMENTO ROXO

Um ornamento rico de damasco de ouro com galões e franjas de ouro, que constava de capa dasperges, duas dalmaticas, uma casula, véo de hombros bordado, panos d'estante, frontal da capella mór, mais quatro capas d'asperges de lhama de prata, borlas d'ouro das dalmaticas e manga de cruz: Outro ornamento roxo commum com galões e franjas de retroz, que constava de capa d'asperges, duas dalmaticas, véo de hombros, panos d'estante e panos de pulpito, manga de cruz, frontal da capella mór e oito casulas.

#### ORNAMENTO PRETO

Um ornamento de velludo preto com galões largos e franja de ouro, que

constava de tres capas d'asperges, uma casula, duas dalmaticas, panos d'estante, frontal da capella mór, seis borlas de ouro e manga de cruz: Outro ornamento de velludo preto com galões e franjas de ouro, que constava de tres capas d'asperges, duas dalmaticas, panos d'estante, frontal da capella mór, oito casulas, manga de cruz, duas borlas de ouro, dois panos de eça de velludo com galões e franjas de ouro, e um esquiife com armação de velludo guarnecido com galão e franja e almofada de velludo com borlas, tudo de ouro: Outro ornamento de damasco preto com franja e galão de retroz, que constava de tres capas d'asperges, duas dalmaticas, panos d'estante, frontal da capella mór, oito casulas e manga de cruz: Outro ornamento, que servia só em sexta feira de Paixão; este era de setim, ricamente bordado que constava de uma casula, duas estolas, doze manipulos, oito capellos com oito borlas de ouro, panos d'estante do altar e véo de calix; um pano d'adoração, de setim roxo, com bordadura larga á roda e no meio com resplendor bordado, guarnecido de galões e franja de ouro; uma almofada de setim roxo, com bordadura larga á roda, e em cada canto uma borla de ouro; duas umbrellas, uma rica de damasco de ouro quarteado de galões finos e franjados, páo de prata lavrada; outra, de damasco liso, com galões e franjas entre-finas.

#### ARMAÇÃO

De seis portas de cortinas novas de damasco encarnado com sanefas de velludo liso, quarteadas e franjadas de galões de ouro; outras tantas portas de cortinas usadas de damasco encarnado com sanefa de velludo lavrado com franja e galão de ouro; nove portas de cortinas roxas, que se punham pela quaresma, e então cobriam a capella mór por uma e outra parte; outra porta de cortinas que cobria todo o frontespicio da capella mór, quarteadas e franjadas de retroz.

#### ROUPA BRANCA

Tres alvas ricas com renda larga de fóra, que tinha custado a vara duas moedas; quinze sobrepellizes do mesmo com renda larga que custou a vara a moeda e meia; oito alvas da mesma qualidade, sete alvas antigas quarteadas de rendas finas; trinta e seis alvas com rendas de pano de linho fino; outras tantas sem renda; vinte e quatro sobrepellizes com renda de pano de linho; e communs, trinta e tantas sem renda; amictos communs de pano de linho seriam mais de cento e cincoenta; finos com renda, doze corporaes ricos e communs; sanguinhos, não se sabe o numero; toalhas do lavatorio, vinte e quatro; cordões encarnados e brancos, não se sabe o numero; toalhas da crendencia, quatro; do lavabo, seis.

#### CASA DA PRATA

Uma cruz grande dourada, antiga, que por sua grandeza já se não levava

fôra nas funcções; outra moderna feita á romana com dois ciriaes irmãos, tudo dourado ao ultimor primor; outra cruz tambem á romana, commum, com dois ciriaes; dois calices grandes, antigos, com campainhas douradas; doze de prata lavrada, dourados no ultimo primor, que não tinham servido mais que duas vezes; outros doze, communs, de prata, e dourados.

#### CREDENCIA QUE SERVIA QUANDO O PRELADO OFFICIAVA

Um jarro e bacia; uma salva; pires e galhetas; caldeirinha; caixa de hostias; campainha, calix grande lavrado, dois thuribulos, duas navetas, dois castiçaes á romana e uma palmatoria, tudo de prata dourada e lavrada, que se guardavam em caixas de marroquim, forradas por dentro de velludo encarnado.

#### OUTRA CREDENCIA QUE SERVIA QUANDO OFFICIAVAM OS PADRES MESTRES

Um prato grande e um jarro de prata lavrada, antigo; uma salva da mesma qualidade; um prato e galhetas, de prata; dois thuribulos, duas navetas, dois missaes com capas de velludo e chapas de prata; uma salva e copo de prata, que serviam quando se renovava o Sacramento, hum evangelho de prata de S. João, um portapaz de prata, dourado.

#### CREDENCIA COMMUM

Um prato, um jarro, galhetas e pires de prata lisa, dois thuribulos, dois missaes de marroquim.

Uma custodia grande, da altura de um homem, antiga, que algum dia servio na tribuna, na exposição do Sacramento; outra custodia pequena, das procissões, de prata dourada feita ao moderno; outra custodia que servia na procissão do Corpo de Deus da Casa, de prata dourada com circulo de diamantes; seis castiçaes e cruz grandes da banquetta da Capella Mór, feitos á moderna no ultimo primor, que não tinham servido mais que duas vezes e que tinham custado vinte mil cruzados; quatro estatuas de prata, feitas ao moderno no ultimo primor, acompanhavam na grandeza os castiçaes; outros seis castiçaes e cruz da mesma banquetta, tambem feitos á romana, que foi da primeira obra do Frederico, tambem grandes; dois castiçaes á romana, de prata, que commummente estavam a Nossa Senhora, seis castiçaes de columna pequenos, um candelabro grande de prata lavrada, seis varas de pallio de prata lavrada, tres vasos de communhão e lavatorio de prata, tres vasos sagrados, em que se guardava o Sacramento e que serviam nos dias das funcções; um cofresinho de prata lavrada, dourado, em que na tribuna estava o Santissimo Sacramento; uma corôa de Nossa Senhora, de prata lavrada; um resplendor grande feito á romana, de Nosso Padre.

## RELICARIO DA SACRISTIA

Um relicario magnifico dourado, feito á antiga, onde estava uma cruz do Santo Lenho, prenda que nos tinha deixado o nosso veneravel e sempre Amabilissimo sr. Conde D. Nuno Alvares Pereira; uma Custodia de prata lavrada, onde se venerava uma cruz feita do Santo Lenho; uma Custodia de prata dourada, dentro se veneravam dois espinhos da Corôa de Nosso Senhor Jesus Christo; outra custodia de prata dourada, onde estava um dente do glorioso Santo Alberto; outra tambem de prata dourada, onde estava em uma redoma de crystal o leite de Nossa Senhora. Aqui se queimou tambem uma veneranda imagem de S. José com resplendor e mais insignias de prata, outra de S. Braz, e outra de Santa Luzia com sua reliquia; uma imagem de Christo Crucificado, que servia na adoração, e varias custodias de entalhado dourado com seus *Agnus Dei* de Innocencio 8.<sup>o</sup>; um candelabro das Trevas e um grande tocheiro do Cirio Paschal, dourado; um leito dourado, onde estava um menino Jesus, que se venerava na Noite de Natal; outro em uma cadeira com corôa de prata, que se venerava em dia de Reis, ambos tinham custado trezentos mil reis; uma nova expressão de processionarios ou directorios do coro, que tinham custado quatrocentos e tantos mil reis; todos os livros do primeiro e segundo tomo da *Chronica*, cuja impressão tinha custado quatro para cinco mil cruzados, quatrocentos e tantos mil reis de fazenda para mortalhas dos defuntos; e um sepulchro que servia na Capella Mór na Semana Santa, que tinha custado para cima de seiscentos mil reis.

## CAPELLA DOS AMABILISSIMOS IRMÃOS TERCEIROS

A capella que era toda de talha dourada em roda tinha doze nichos, seis de santos da ordem, e seis das Imagens dos Passos, que iam na procissão; o altar mór, a imagem de Nossa Senhora do Carmo, e outra do Senhor Crucificado, que ia na procissão, e todas as referidas imagens com corôas e resplendores de prata; frontal e banquetta de prata, e de todas as cores com franjas e galões de ouro, e outros de retroz; um andor do Senhor, de prata; duas duzias de palmas de prata, entre grandes e pequenas; dois calices de prata dourada, dois vasos do lavatorio e duas quartas, de prata; caixa d'hostias, pires e galhetas, um vaso que servia na communhão, tudo de prata; duas alampadas de prata, seis castiças grandes antigos, de prata; outros muitos mais, dourados e d'estanho, que serviam para o ornato da capella, vestimentas de todas as cores, ricas e communs, e toda a roupa pertencente á sacristia da dita capella, como alvas ricas e communs, sobrepellizes, toalhas da communhão e corporaes. Armação de damasco encarnado, guarneçada de franjas e galões de ouro, que cobria toda a capella; alcatifas, que ornavam toda a capella, e dois tocheiros entalhados dourados.

Na capella de dentro uma imagem da Senhora do Carmo assentada em um monte, que foi do principio da Ordem, com quatro santos, que ornavam o altar; uma Senhora da Soledade; todo o ornato, que pertencia aos Passos da

quaresma e frontaes roxos, ricos e communs para todos os Passos; toalhas, castiças de pau santo, e maçanetas e aciprestes e cruces, tudo chapeado de brõnze, e uma cruz de prata, de acompanhar, e mangas de cruz ricas e com caldeirinha de prata.

A sua casa de despacho com todo o seu cartorio e ornato da mesma casa; seu altar com a imagem da Senhora da Soledade, com insignia de prata; e gavetões dos ornamentos das procissões, e mesa redonda com sua cobertura de damasco; e na dita casa estavam os ornamentos dos andores e dos anjos e pallios, tudo magnifico com franjas e galões de ouro e insignias de prata, e muita quantidade de habitos de acompanhar os Terceiros, e quantidade de cera.

E o seu sumptuoso e magnifico Hospital, que constava de duas enfermarias, uma para homens e outra para mulheres, cada una com seu altar e com todo o preparo pertencente a elles; e com o preparo preciso e necessario nas enfermarias com o aceio que era constante e notorio.

#### CAPELLA DOS IRMÃOS DO BENTINHO

O seu retabulo de novo ricamente obrado e dourado, com seus paineis e a imagem de Nossa Senhora do Carmo com suas corõas de prata. Um andor de prata, em que ia a imagem da Senhora assentada em uma cadeira da prata, e deante da Senhora uma imagem de S. Simão Stoch e o pontifice João 22.º que mandou passar a Bulla Sabatina, este com sua tiara e cruz de prata, aquelle com resplendor; banquetta e frontal de prata, seis castiças de prata, antigos; seis palmas grandes, uma cruz e ciriaes, varas, escrevaninhas e tinteiros, dois calices, pires e galhetas e caixa de hostias, tudo de prata; sua casa de despacho bem ornada e seu relógio de parede e todo o seu cartorio e preparo e seu cofre com dinheiro; e capas, com que acompanhavam, e quantidade de cera; mangas de cruz, ricas e ordinarias, e ornato commum da capella.

No claustro se queimou a Capella do Senhor dos Agonisados e de Santa Margarida; a do Senhor dos Passos e varios Santos que nelles se veneravam com seus retabulos, e ornamentos e preparos precisos e necessarios para se celebrar».

Extenso sem duvida, mas, a nosso ver, interessante, pois deve ser a nota fidelissima das enormes perdas causadas pelo grande cataclismo.

\*  
\* \*

Em seguida ao terremoto os carmelitas foram estabelecer-se em baracas no Campo Grande, passando d'ali para as Amoreiras, onde, junto ao arco das Aguas Livres, tinham mandado cõstruir uma capella.

Ao mesmo tempo trataram da reconstrucção do convento, onde fo-

ram habitar até 1833, e bem assim da igreja, bastante modificada na traça antiga, e cujas obras nunca se completaram.

Pinho Leal no *Portugal Antigo e Moderno* (artigo *Lisboa*) diz que parece impossível não haver memoria escripta, pela qual conste quando e por quem foram levadas a effeito as magnificas obras de reedificação do templo depois do terremoto. A resposta é facil, embora não muito clara. As obras foram iniciadas em seguida á derrocada, durando algumas dezenas de annos, e foram custeadas pelos redditos do convento e esmolas dos fieis.

Quanto a averiguar a importancia despendida é que *hoc opus hic labor est*. Não é facil a tarefa. Talvez mesmo seja impossível. Nós manuseamos quasi todo o cartorio do Carmo, (1) que é enorme, e, se alguma coisa encontramos, não é o bastante para a explanação clara do assumpto. São extremamente curiosos os livros de receita e despeza do Convento remettidos dos Proprios Nacionaes para a Torre do Tombo, mas uteis ao intento ha poucos.

No n.º 328 de ordem (2) ha um «termo de visita» feito pelo prior provincial, em que declara ter revisto o livro magistral da receita e despeza (3) desde 16 d'Abri! de 1758 a agosto de 1761. No final d'esse «termo» lê-se:..... «e resumindo por conta geral de todo o recibo d'este livro e da obra (4) se acha haver-se recebido em tres annos e quatro mezes quarenta e quatro contos trezentos noventa e sete mil cento e quarenta e um real; e no mesmo tempo haver-se dispendido com o convento e obra d'elle (4) cincoenta contos novecentos sessenta e tres mil novecentos noventa e seis réis, a qual fica excedendo o recibo em seis contos e quinhentos sessenta e seis mil oitocentos cincoenta e cinco réis, dos quaes não consta haver credor, nem que se deva nada a ninguem, em fé do que se mandou fazer este termo,» etc.

No n.º 374 de ordem (47 nos Proprios Nacionaes) que na capa tem o titulo *Livro das Memorias do Carmo de Lisboa feito no anno de 1756 pr.º depois do terramoto*, citam-se (a pag. I verso) dividas a di-

(1) Durou alguns mezes o nosso trabalho, infelizmente pouco proficuo.

(2) Tinha o n.º 1 nos Proprios Nacionaes. Na etiqueta lombar, de papel, que presumimos posta no Convento, está escripto o n.º 28. O que seria feito dos anteriores? Desappareceriam no terremoto?

(3) É o mesmo em que se acha lavrado o «termo», a que alludimos no texto.

(4) O italico é nosso.

versos na importancia de 14:133\$333 réis; a pag. 3 vem a «lembrança dos dinheiros tomados a juro», na de 8:400\$000 réis, (1) o que prefaz o total de 22:533\$333 réis, destinados á reedificação do convento, como ali se diz.

Nos livros subsequentes ha varios «termos de visita,» mas com tal baralhamento de datas e de verbas, que, repetimos, nos parece difficil, se não impossivel, averiguar ao certo as despezas com as obras de reparação em todo o edificio, e muito menos nas da igreja, que em parte nenhuma achamos discriminadas das geraes.

Se Pinho Leal se refere tambem á direcção technica das obras, diremos que a este respeito fomos, parece-nos, mais felizes nas nossas pesquisas. No já citado livro n.º 374 ha algumas listas dos religiosos do convento, e na dos que existiam de 1764 para 1765, em seguida ao nome do padre fr. Patricio José, lê-se a seguinte cóta.

*Superendente nas obras d'este convento pela grande experiencia, que tem.*

Não se poderá inferir d'esta annotação que fr. Patricio foi o architecto?

Talvez não: ficando, portanto, evidenciada a nossa incapacidade para aclarar o assumpto.

\*  
\* \*

Damos por findo o nosso modesto trabalho.

Depois da extincção das ordens religiosas, a igreja do Carmo foi cedida para officina de serração de madeira, o que arrancou um braço de indignação ao conhecido escriptor archeologo abbade de Castro, que na *Descripção do Real Mosteiro de Belem*, ao terminar semelhante informação, exclama: «vergonha da nação, desdouro das Bellas Artes em Portugal»!

Que escreveria elle se soubesse o destino que teve depois, o de vasadouro publico?.....

---

(1) A' testa d'esta «lembrança» figura a irmandade do Santissimo de Santa Justa com 1:600\$000 réis, a 4 % (2). A maior verba é de 2:000\$000 réis emprestados em 9 de maio de 1758 por um tal Manuel Gonçalves.

(2) Tambem no maço n.º 24 encontrámos um recibo d'esta quantia, passado pelo Chronista Sant'Anna, que, como é sabido, foi Provincial da ordem.

Felizmente em 1864, graças especialmente aos esforços de Possidonio da Silva, foi cedida para a instalação do Museu Archeologico do Carmo, ao cuidado da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

«Está bem entregue, diz o sr. visconde de Castilho: «Está bem entregue hoje a pobre ruina. A sociedade dos Archeologos tem a peito defendel-a de mais vandalismos. Honra lhe seja.» (1)

Está bem entregue, com effeito.

O museu honra a capital e o paiz, e as venerandas ruinas da igreja são defendidas com intelligente solicitude pela digna associação.

M. J. CUNHA BRANDÃO.

---

## Sobre a estatua equestre da Ilha do Corvo

Assim denominado, publicou a *Revista litteraria* (Porto, 1838, 2.º vol.) um curiosissimo artigo que não vem transcripto no *Archivo dos Açores*, (2) quando trata de uma *Breve noticia ácerca da ilha do Corvo e Cinco dias na ilha do Corvo* (3) por Antonio de Lacerda Bulcão.

Para supprir a omissão que se dá no *Archivo*, reproduzimos o artigo, cujo auctor se manteve na reserva de anonymo:

«Imprimiu-se ha pouco tempo em Lisboa um folheto de 14 paginas em 12, com este titulo:

«Resumo de observações geologicas feitas em uma viagem ás ilhas da Madeira, Porto S., e Açòres nos annos de 1835 e 1836 pelo Conde Vargas de Bedemar, Camarista d'el-Rei de Dinamarca, Director do Museu R. de Hist. Nat. e Socio da Academia R. das Sciencias em Copenhagen.—Lisboa 1837: na Impressão de Galhardo Irmãos.»

Logo no principio desta pequena obrinha diz o auctor:

---

(1) *Lisboa Antiga*, Bairro Alto.

(2) Vol. xi, pag. 540, 544.

(3) *Collecção de romances originaes*; Horta, 1877, vol. II.

«... A tradição, a credulidade, e o gosto das maravilhas, apoiados pela difficuldade que ha em chegar a estas ilhas em todos os tempos, e na communicação entre ellas, tinham envolvido a sua historia, e a natureza da sua constituição, em um veu tecido de factos singulares, que occuparam por muito tempo a imaginação dos sabios em consequencia da falta de observações locaes, que subministrassem uma informação completa e decisiva.»

«A presente viagem, abrangendo o exame de todas as ilhas sem excepção, contribuiu para fazer desapparecer essas illusões. Ella serviu para verificar que é uma pura quimera a Estatua equestre, que se dizia existir na ilha do Corvo com a mão estendida para o lado da America... etc.»

Posto que ao ler este folheto se nos offereceram naturalmente algumas reflexões, sobre o seu principal objecto, e sobre a nimia brevidade, com que o escriptor trata um assumpto tão importante; abste-mo-nos comtudo de as produzir aqui, e deixamos aos sabios geologos o exame das materias, que são da sua competencia, e de que nós não podemos ser juizes.

Abstemo-nos tambem de interpellar o sabio escriptor para que nos diga que *factos singulares*, que *illusões* foram essas, que por tanto tempo *occuparam a imaginação dos sabios*, e cobriram de tenebroso veu a *historia*, e a *natureza da constituição* d'aquellas ilhas, por falta de observações locaes, e de informações completas e decisivas.—Elle, que teve a felicidade de vencer as difficuldades, que até agora se oppunham ao conhecimento geologico das ilhas, e de romper o veu de que estavam envolvidas, não deixará por certo de nos dar mais ampla idéa de seus scientificos trabalhos, e de desvanecer completamente as falsas apprehensões, de que tem estado occupada a imaginação dos sabios.

O nosso objecto no presente escripto é tão sómente rebater a decisão dogmatica, com que o auctor affirma, que pela sua viagem se verifica ser «*pura quimera a estatua equestre, que se dizia existir na ilha do Corvo, com a mão estendida para o lado da America.*»

E primeiramente reflectiremos que nos não é possivel entender, como o sabio auctor, pelo exame *geologico* da ilha do Corvo (que na sua obra se encerra em só oito linhas de impressão, a pag. 13) conseguuiu, no seculo 19, verificar de *quimerica* a existencia de uma estatua, que ali estava, e foi desmontada e destruida no seculo 16, sem ao menos

nos dar algum indício do caminho, que tomou para chegar a este resultado; a não ser que prevenido contra as *tradições*, *credulidades e gosto das maravilhas*, a que se mostra tão avêso, metteu nestas categorias, ou em alguma dellas, a historia daquella estatua, e peremptoriamente a julgou *quimerica*, sem ouvir as partes interessadas e sem admittir (ao que parece) appellação, nem aggravo.

Nós não julgamos prudente desprezar de todo as *tradições*, nem mesmo as *credulidades* populares; e emquanto a *maravilhas*, achamos tão cheio dellas o mundo physico, que nos pareceria grave temeridade rejeitar alguma, sem nos darmos ao trabalho de examinar a sua natureza, e as provas, com que se acha abonada nas historias.

Mas ainda bem! que o nosso caso não é de meras tradições, ou credulidades populares, que nos seja necessario defender; nem tão pouco de cousas de tal modo maravilhosas, que se tornem por isso de difficil exame e prova, ou pouco dignas de crença rasoavel.

Não ha no facto de que tratamos contos absurdos de gigantes e monstros, de thesouros encantados, de magicas, fadas e vampiros, de apparições ou visões espantosas, emfim de fabulas inverosimeis, criadas em alguma desordenada e delirante phantasia. Trata-se de um facto natural, visivel, palpavel, puramente historico, e na historia é que devemos buscar as provas que o abonam ou o rejeitam.

O P. Antonio Cordeiro, que tira grande parte das suas noticias da obra de Gaspar Fructuoso, escriptor do seculo 16, diz que uma das cousas dignas de admiração na ilha do Corvo é, que não se achando nella ao tempo do seu descobrimento vestigios de gente, que a habitasse, *se achou comtudo em uma alta rocha, que cae sobre o mar, e em uma grande lagem huma fatal e grande estatua de pedra, que consta de um cavallo em osso e de um homem vestido, e posto no cavallo, com a mão esquerda pegando-lhe na coma, e com o braço direito estendido, apontando com o dedo indice para o poente, e mais directamente para o noroeste.* (*Hist. Insul.*, liv. 9, cap. 5.)

O escriptor geologo não ignorava a relação de Cordeiro e Fructuoso, pois os cita a ambos sem lhes fazer a honra de os refutar, sendo que nem elles, nem a relação do facto mereciam este desprezo. Mas não parece ter tido equal conhecimento do que ao mesmo respeito refere Damião de Goes na *Chronica do Principe D. João*, cap. 9. Nós lhe daremos as formaes palavras d'este sabio chronista.

«D'estas ilhas (diz elle, fallando dos Açores,) a que mais está ao

norte é a do Corvo, que terá uma legua de terra: os mareantes lhe chamam *ilha do marco*, porque com ella, por ter uma serra alta, se demarcam, quando vem demandar qualquer das outras. No cume desta serra da parte do noroeste, se achou uma estatua de pedra posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo em osso, e o homem vestido de uma capa, como bedem, sem barrete, com uma mão na coma do cavallo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam *index*, com que apontava contra o ponente.

Esta imagem, que toda sahia massiça da mesma lage, mandou el-Rei D. Manuel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte Darnas, e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andára muito em França e Italia, que fosse a esta ilha para com aparelhos, que levou, tirar aquella antigualha: o qual quando de lá tornou disse a el-Rei que a achára desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado: mas a verdade foi que a quebraram por mau azo, e trouxeram pedaços della, a saber, a cabeça do homem, e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão, que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna, *o que tudo esteve no guarda roupa d'el-Rei alguns dias*; mas o que se depois fez destas cousas, ou onde se puzeram, eu o não pude saber.»

Temos pois a favor da existencia desta antigualha o testemunho de um escriptor tão douto, tão pouco credulo, e tão judicioso, como sabemos que era Damião de Goes, e o mostram as suas obras: de um escriptor que não se contenta com repetir o que por ventura teriam dito outros antes d'elle; mas o attesta e confirma com factos positivos, e publicos, acontecidos no seu tempo; citando pessoas determinadas, mandadas por el-rei D. Manuel para debuxarem, e depois para desmontarem a estatua, e a trazerem a Portugal; referindo o successo destas diligencias, notando os fragmentos da estatua que vieram ao reino, e finalmente indicando o logar em que se guardaram e estiveram depositados, isto é, a *guardaroupa* d'el-Rei, da qual era encarregado naquelle tempo Fructuoso de Goes, irmão do proprio chronista.

E não pára só nisto a miudeza e exacção historica de Damião de Goes, senão que nos dá noticia do *letreiro entalhado na rocha*, abaixo do logar em que estivera collocada a estatua; aponta a pessoa, que o mandou examinar e copiar, o anno em que isto se fez, e o pouco fructo

que resultou desta investigação; passando ainda depois a expender a sua opinião e juízo conjectural ácerca da gente, que em tempos antigos poderia ter aportado á ilha do Corvo, e deixado nella aquella memoria; e lembrando por ultimo, que bem se poderia acaso tirar a limpo alguma boa conjectura a tal respeito, se á ilha fossem, ou se mandassem pessoas instruidas nas linguas da Noruega, Gothia, Suecia, ou Islandia, donde elle julga verosimil, que tivessem vindo os auctores de tão notavel monumento.

A vista de tudo isto quereríamos nós agora perguntar ao douto geologo, se com effeito ainda julga *verificada de pura quimera a estatua equestre da ilha do Corvo*: e no caso que elle insistisse na sua opinião, lhe pediríamos muito de mercê, que nos dissesse os fundamentos que tinha, ou tivera, para assim tão ligeiramente a adoptar, e tão decisivamente a dar por certa.

Elle nem ao menos póde allegar a seu favor alguma presumida inverosimilhança do facto, fundada na sua singularidade, ou raridade.

Já Goes parece ter querido occorrer de algum modo a uma semelhante lembrança, quando, para mostrar a possibilidade de ser aquella memoria obra da gente do norte, reflecte e prova que todas as nações daquellas partes *costumavam fazer entalhar e esculpir os seus feitos, acontecimentos e façanhas em rocha de pedra viva, para mór lembrança e perpetuidade dos casos, que lhe aconteciam, como naquellas provincias todas (diz o chronista) hoje em dia se vê, e acham em muitas partes dellas imagens, e historias entalhadas, abertas, esculpidas, e escriptas em rochedos, e outras pedras altas, e de maravilhosa grandeza.*

E isto que o chronista escrevia, ha perto de tresentos annos, receberia hoje muito maior luz das indagações, viagens, trabalhos e escriptos de tantos sabios, e de tantas sociedades litterarias, que nos tem dado, e estão cada dia dando a conhecer varias riquezas da antiguidade de todas as partes do mundo, e os admiraveis monumentos, que a industria e o trabalho humano por ellas espalhou desde os mais remotos tempos. De maneira que seria hoje uma bem miseravel e bem insensata preocupação suppor, que as obras das artes sómente fossem conhecidas e praticadas pelas nações e povos da India, do Egypto, da Phénicia, da Grecia, ou de Roma, e totalmente desconhecidas ou estranhas ás nações, que nós chamamos barbaras, quando a historia moderna tem desvanecido esta mesquinha idéa, publicando collecções copiosas dos monumentos archeologicos de todas as cidades e de todos os povos.

Esperamos, pois, que o nosso auctor nos deixe na posse pacifica desta antigualha, que nenhuma relação tem com a *constituição geologica* daquella ilha, e que se limite a empregar os seus abalisados talentos no verdadeiro objecto, que ali o conduziu, e que por certo devem merecer-lhe mais amplo desenvolvimento.

Lisboa, 22 de Novembro de 1838.

---

## Noticia sobre a conservação dos monumentos egypcios

dada em sessão d'assembleia geral de 6 de junho de 1900

(Continuado do numero antecedente)

---

### Necrópoles

Entre as sete maravilhas do mundo figuraram sempre as Pyramides do Egypto, não se suppondo, porém, depois do reinado dos Ptolomeos que fossem monumentos funerarios, até o advento dos Mamelukos que as saquearam outravez.

Herodoto comtudo dá uma discripção bastante exacta principalmente da primeira ou da de Kkéops, a que attribue 250 metros de lado e igual altura.

Quasi todos os authores e viajantes romanos falam tambem dellas e dão a sua opinião sobre o seu modo de construcção, o tempo que ella durou, quanto se gastou, o numero de operarios, a epoca do anno em que os trabalhos se faziam, etc., etc.

Modernamente, quer dizer desde 1720 em que o dominio turco começa a decair e os Beys a terem um ascendente na administração local, e que os europeos pódem visitar novamente o Egypto, é que viajantes inglezes e francezes publicam obras sobre os monumentos e especialmente sobre as pyramides.

De facto logo que se sae dos arrabaldes de Alexandria, a vista é attrahida pelas tres sombras ponteagudas, enormes, que ora se appro-

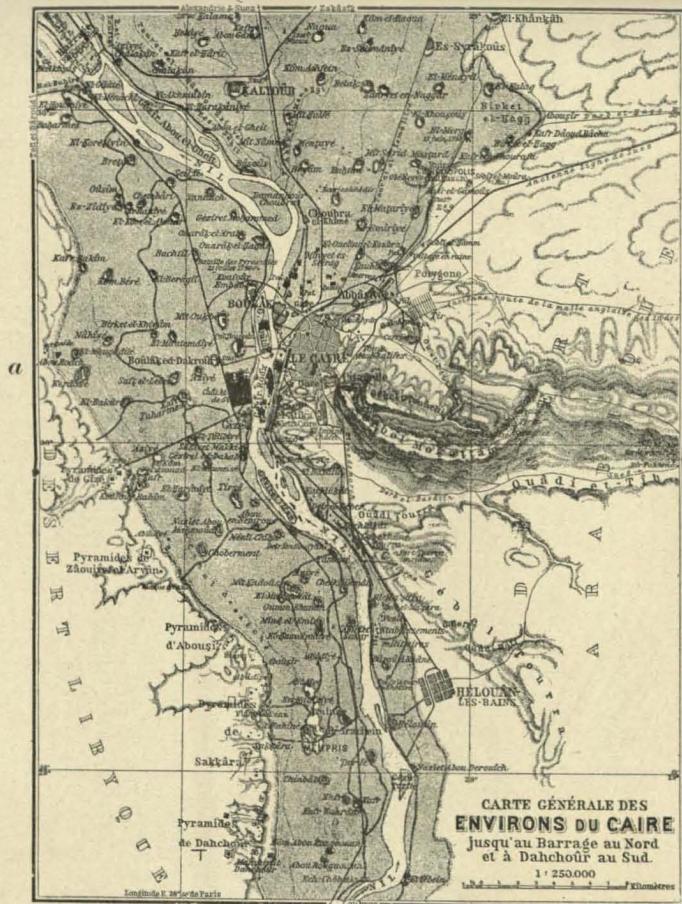


Fig.<sup>a</sup> LII—Arredores do Cairo. (a) Abu-Roach.  
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 7—PAG. 453

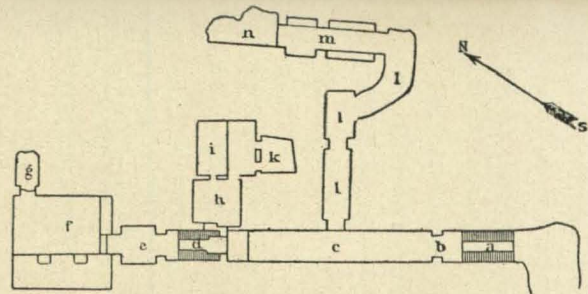


Fig.<sup>a</sup> LIII—Planta do hypogéo de Amenophis IV  
 em Tell-el-Amarna. (a) Entrada.  
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 7—PAG. 462



Fig.<sup>a</sup> LIV—Figura de Orisis estendido em catre com Horus  
 a protejel-o com as azas.  
 Representava-se tambem assim a visita da alma ao corpo.  
 BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 7—PAG. 464

ximam ora se affastam, muitas vezes se confundem, mas que sempre se destacam no ceu azul.

Natural era que o problema da sua construcção fosse debatido. Desses viajantes salientam-se Shaw, Pococke, Lepsius e Ebers (1) para não citar outra vez o excellente trabalho do meu amigo *Choisy*, aqui presente, e tantos outros de quem fallaremos á medida que progredirmos na nossa succinta discripção; pois não os quero enfadar com assumptos que são de todos conhecidos.

Cada uma das grandes capitaes, que o Egypto teve, reservou um espaço para a sua necropole, que sempre ficava a uma distancia consideravel da cidade, e onde, como hoje, havia locaes de diversas especies para os enterramentos desde a valla commum, até á pyramide.

Em torno de Memphis, a primeira grande capital, formaram-se cinco grupos bem distinctos destas construcções, onde modernamente se tem feito descobertas muito interessantes fig.<sup>a</sup> LII.

1.º O de Abu-Roach, que está quasi completamente arrazado, é o que ficava mais ao Norte e pouco tem que ver.

2.º A 8 kilometros ao Sul ficam as chamadas Pyramides e necropole de Gizé.

3.º As pyramides de Zãuivet el-Aryân.

4.º Sempre caminhando para o Sul, as pyramides e grande necropole de Sakkãra, que seria a mais proxima da antiga Memphis, que comprehende tambem as de Abousir.

5.º Finalmente as que ficam mais ao Sul são as pyramides e necropole de Dahchûr.

Desta ultima a Abu-Roach distam 38 kilometros ao longo do escarpado do planalto do deserto, onde as areias se movem ao sabor dos ventos, formando vagas como as aguas do mar.

Entre as duas arribas do deserto arabico e do deserto libyco o Nilo corre mais proximo da margem direita ou do nascente, e fica para o lado do poente uma larga campina, leziria ou varzea, que durante as cheias é sempre coberta pelas agoas até ao sopé dos escarpados.

No meio ha uma altura ou pequeno cerro, é onde se encontram as ruinas de Memphis.

A geande cidade occupava todos aquelles terrenos elevados, fóra

---

(1) Veja-se a magnifica traducção de Pinheiro Chagas do *Egypto por Ebers* publicada pela Empreza Editora.

das inundações e provavelmente defendendo-se por meio de muros de caes e diques de protecção estendeu-se até ao Nilo, proximo a Bédrachin, onde existem ainda ruinas de certa importancia. Formaria antigamente uma ilha?

É assumpto que para nós agora não tem grande importancia a não ser para saber se o transporte dos caixões, que em muita parte se vê figurado feito por meio de barcos, não era allusivo á viagem a Abydos, como geralmente se interpetra, para fazer uma visita ao grande deus *Osiris*; mas sim para ir para a necropole, que ficaria separada da cidade por um braço do Nilo. As duas hypotheses são admissiveis e se a primeira é a que tem mais adeptos, não admira por que as representações muraes, quer esculpidas quer pintadas, são feitas nos mastabas e tumulos da gente rica que provavelmente fazia depois da morte a viagem d'Abydos, para que o Deus tutelar das sombras, e que pesava as almas lhes fosse propicio. Ainda hoje a raça judaica tem grande empenho de ir repouzar no Valle do Cédron ou de Josaphat, nos arredores de Jerusalem, para estar proximo quando houver o juizo final e a resurreição dos mortos.

Quando se sobe o Nilo do Cairo para Bédrachin para visitar as ruinas de Memphis é d'um effeito decorativo o ver todas as pyramides illuminadas pelo sol nascente por detraz da montanha de Mokattam, perfiladas na fimbria do deserto. É uma decoração realista d'um alto valor artistico d'impressão e de sugestão.

As de Gizé, refletindo o sol de chapa, pois as suas faces estão orientadas segundó os quatro rumos cardeaes, sobrelevam ás outras mais ou menos em ruinas, mas dando sempre ideia da sumptuosidade. A muitos respeitoes é curioso ver a planta de cada uma destas necropoles, para se conhecer das relações dos jazigos com as differentes pyramides que correspondiam aos reis ou principes, emquanto que os *mastabas* ou casas mortuarias dos ministros ou escribas e dos grandes sacerdotes são quasi tão ricas e sem duvida mais curiosas pelas inscripções gravadas e paineis em alto relevo d'um valor archeologico inextimavel. Ha necropoles, porém, que são exclusivamente formadas por *hypogeos* ou *syringas*, tanto para os reis como para os nobres e plebeos.

Além disso em muitas necropoles além dos jazigos para homens, ha os dos animaes, como o dos bois Apis em Sakkāra e em Alexandria. Neste caso os tumulos chamavam-se *Serapéums*. A ligação da

vida destes animaes, descripta nos sarcophagos de cada um, são d'um alto interesse historico.

Ha necropoles de macacos como em Assuam etc. Em Arsinõe e Crocodilopolis ha a necropole dos crocodillos (ao Sul de Esnéé). A das serpentes encontra-se em Buto.

Um cemiterio de gatos e ibis acha-se em Sakkära.

### *Pyramides*

Estas construcções merecem um estudo mais demorado por muitas razões, principalmente por serem os monumentos das primeiras dynastias do Egypto.

Das duas primeiras dynastias, que comprehendem 17 reis segundo Manethon e as tabellas de Abydos e de Karnak só se encontrou o tumulo do rei Menés, o primeiro reconhecido como tal em todo o paiz do Egypto, pois tem no seu carimbo (Cartouche) os hieroglyphos da planta sobre a letra *t* e da abelha sobre a mesma letra, o que quer dizer *Rei do Norte e do Sul*,

O primeiro rei que no carimbo usou do titulo de *Filho do Sol* foi o ultimo da III dynastia. Depois este titulo foi usado com interrupções até se chegar á XVII dynastia de Thebas, cujos reis a usaram sempre dahi em diante.

Os diferentes egyptologos dão para as datas correspondentes ao começo de cada dynastia annos muito differentes, segundo os documentos que examinaram e os conhecimentos chronologicos, que possuam.

Vou dar-lhes um exemplo para a primeira dynastia, que teria começado no anno (antes de Christo) de, segundo;

Champollion de Figeac	Lepsius	Beugsch	Mariette
5.867	3.892	4.400	5.004

Entre Champollion de Figeac (le *jeune*) e Lepsius ha uma differença de quasi 2.000 annos!

E cousa notavel desde Mariette tanto Pétrie como Masperó vão approximando-se cada vez mais de Champollion, e talvez se chegue a dar para a existencia de Menés a epoca de 6.000 annos antes de J. C.

É nos caixões das mumias que estas datas se encontram mais authenticas; e pela descoberta de Morgan em Nakäde do tumulo de

Menés, é que as datas correspondentes se vão verificando, assim como por outras inscripções em estellas e tumulos (Canopo, Rosette, etc.).

A pyramide mais antiga que se conhece é a de Zoser, rei da III dynastia chamada a pyramide em degraos da necropole de Sakkāra. Chronologicamente vem logo depois as grandes pyramides dos tres grandes reis da IV dynastia.

A maior, que tem ainda 147 metros d'altura, foi chamada pelos Egypcios *o logar do esplendor de Khufu* ou de *Khéops*.

As dimensões primitivas não eram tão grandes e parece que não teria mais de 100 metros de lado que corresponderia ao nucleo central inferior, donde partiria um poço que ia dar á camara subterranea, mas a vida de Khéops continuando a prolongar-se elle foi tambem engrandecendo o seu tumulo que de facto chegou a ter 233 metros de lado.

A orientação das suas faces é a dos pontos cardeaes, como todas as pyramides, sendo portanto a sua base perfeitamente quadrada.

A sua concepção é devéras grandiosa e a execução denota muitos conhecimentos da arte de construir e de dirigir os homens em tão largos estaleiros nas duas margens do Nilo.

A entrada é sempre na face do norte e está umas vezes ao pé da base, outras vezes a uma certa altura, onde se fez uma camara triangular, que depois se tapou com o revestimento, que n'umas foi todo de granito de côres differentes, n'outras de calcareo e granito muito bem trabalhados dando a impressão de fachas horisontaes, perfeitamente cerzidas. Destes revestimentos pouco existe, formando montões d'escombros no sopé, principalmente no meio. D'ali tem saído muita pedra para as construcções modernas, apezar das pedreiras de Mokattam estarem mais proximas, mas aquelles materiaes são de muito melhor qualidade.

Como dissemos a primeira intenção de Khéops foi de fazer uma camara subterranea para o sarcofago, e nesse caso a entrada era contra o chão, sendo, porém, augmentada muito a construcção fez-se a camara funeraria á altura de 42 metros tendo uma galéria, que sóbe até lá com secções variaveis, tendo a ultima o tecto muito alto, mais de 8 metros, e as faces perfeitamente trabalhadas, não se podendo introduzir nas juntas nem a ponta d'um canivete nem um cabelo. O carneiro ou salla funeraria do rei é toda revestida de granito polido e mede 5,<sup>m</sup>20 por 10,<sup>m</sup>43 sendo coberta por nove enormes pedras com

5,<sup>m</sup>64 de comprimento, que os constructores não quizeram carregar, fazendo superiormente desvãos, a que se póde subir por meio d'uma escada posta na parte mais alta da rampa d'accessão.

O sarcophago estava vazio; por fóra delapidado; e foi roubado no tempo da XX dynastia, quando começaram as desordens internas no tempo dos ultimos Ramsidas.

Os desvãos de descarga tinham superiormente um espaço prismático formado por duas series de pedras, postas de canto mas um pouco inclinadas. Dizem muitos que estas precauções dos architectos foram exageradas, mas podia succeder como em muitos hypogêos, que não pódem visitar-se por causa dos desabamentos.

Para que se pudesse respirar mais facilmente fizeram-se respiradouros, tendo a secção de 0,<sup>m</sup>15 por 0,<sup>m</sup>20, que vão alargando successivamente para cima tendo um 71 metros e o outro 53 metros d'extensão. Vê-se quanto se tinha sido providente para que o defunto pudesse respirar, afim de executar os trabalhos d'além tumulo, a que Osiris o sujeitasse!

A galeria d'ascensão ao carneiro está obstruida com grandes blocos de granito ali collocados, logo que a mumia foi encerrada no mausolé, mas nem assim os delapidadores dos tumulos deixaram de penetrar, abrindo caminho nos muros lateraes da galeria e evitando os blocos de granito, que seria muito difficil remover.

A segunda pyramide de Khéphren ou Chéfrén é designada pelos egypcios pela denominação de *grande é Khéphren*.

É a que está em melhor estado de conservação; ainda tem uma parte do revestimento em cima, junto ao vertice.

As suas faces formam um angulo maior com o horisonte e por isso parece mais elegante que a maior.

Mas sob este ponto de vista a que lhes leva mais vantagem é a terceira, a mais pequena, a que os egypcios chamaram *divino é Mykérino*, ou Menkhérés como lhe chama Manéthon. Destas tres pyramides os sarcophagos foram saqueados, sendo quebradas as tampas que eram de porphyro ou de fino granito. As tassas inferiores, quando se percutem, dão um som metallico.

Ao vandalismo dos egypcios das dynastias, em que houve grandes desordens intestinas, juntou-se tambem o dos invasores e até recentemente o Coronel Vyse fez um poço ou tunel no interior da 3.<sup>a</sup> pyramide que não tem explicação plausivel.

Junto á grande pyramide (lado do Sul) existe um grupo de tres pyramides pequenas, que segundo Herodoto são das filhas de Khéops, <sup>(1)</sup> e o mesmo succede do lado O. da terceira pyramide de Menkerés.

Em torno ha ruinas de muitos mastabas, e tumulos d'alvenaria cortados na rocha, que, parece, terem occupado espaços, delimitados por muros.

Pouco se tem encontrado de valor nestas necropoles, não obstante as escavações continuam.

Não longe para E. está a *sphinge* e o *templo de granito*.

Dois problemas archeologicos que não foi ainda possivel decifrar por completo.

Quem construiu a *sphinge*? Parece ter sido Amenemhët III, o quinto rei da XII dynastia, que foi uma das gloriosas do Egypto e que constitue com as seguintes até a XVI inclusivé o medio Imperio, ou o primeiro imperio thebaico.

Porque é que este rei que construiu a pyramide e grande templo Hauára, que se diz o antigo labyrintho, junto do lago Moëris, veio a Gizé e mandou cortar na rocha viva uma figura tão extraordinaria como a da *sphinge*?

Nem mesmo se pôde hoje dizer que seja um leão com cabeça de homem pois nas duas vezes que a visitei pareceu-me uma leôa com cabeça de mulher coberta por um panno ou mantilha ás riscas de côres differentes, que era segura por um aro metallico, que a apertava contra a testa, tendo um *uræus* em posição de defeza, como quem a protegia. Este toucado ainda hoje se vê na Nubia, e na fig.<sup>a</sup> LXIX.

A esculptura reconhece-se ter sido perfectissima, e as côres, que aqui e ali ainda se divisam, devem ter sido vivissimas.

A ponta da rocha em que foi cortada vê-se bem que era formada de camadas de calcareo de dureza e coloração variaveis, de sorte que successivamente os differentes reis foram supprindo por alvenaria de tijolo as partes que caiam, e assim garantiram a sua conservação durante 5.000 annos.

Assim chegou até ao presente, o que não succedeo aos colossos de Abu-Simbel, a cuja ruina estamos assistindo!

---

(1) Esta passagem do historiador grego deu origem ao romance de Prosper Castanier = *A cortesã de Memphis*.

As areias do deserto tem soterrado successivamente a *sphinge*, mas por varias vezes tem sido desaterrada, como no tempo de Thutmés IV e ultimamente por Mariette.

Os ptolomeos e romanos fizeram em torno muros de tijolo para ver se as areias não a invadiam nem o *templo de Granito*, onde Mariette encontrou n'um poço nove estatuas de Khèphrén, e muitas de cynocéphalos.

Parece esta ultima circumstancia ser uma prova de que este edificio em que não se vê uma letra, um signal, um simples risco seria um templo funerario, a que estavam juntas sallas para recepções, em que, é tradição, se passaram horriveis scenas de vingança, como a da rainha *Nitakris* que convidou para um banquete os assassinos do marido e depois os mandou afogar, subindo a agua por uma conducta subterranea, que ella abriu, refugiando-se n'um quarto, cheio de cinzas com que tapou a porta para a agua não entrar. Foi a *Lucrecia Borgia* d'aquelle tempo.

A scena poderia ter-se dado aqui onde ha duas grandes sallas, uma das quaes tem 6 espaços na parede para sarcophagos e antes um quarto forrado de alabastro.

É cousa curiosa, que fosse aquella rainha que tenha acabado a pyramide de Mykerino, dando-lhe um revestimento de syenite. É tradição que teve a energia avoenga de Makeré.

Não terminarei sem lhes ler a opinião sobre este templo de Charles Blanc, um dos mais competentes modernos criticos da arte.

«Este edificio unico, é todo de alabastro e granito, cuja magestade reside na construcção pura, na collocação simples dos materiaes sem ornato, nem desenhos, sem cores, nem inscripções ou esculpturas.»

«Que se pudesse chegar a este effeito tão grandioso com blocos de granito e alabastro, é um problema para o meu espirito; mas problema que está resolvido. Dou as mãos á palmatoria e arrependo-me de ter dito que os cubos sobrepostos, hobreiras e linteis, pilares e muros não poderiam constituir uma architectura. O templo da sphinge desenganou-me com surpresa minha. Vi ali que nunca se attinge tanto o sublime como quando se põe de parte o bello».

Nisto o sr. Charles Blanc exagera. O que ali maravilha são as

proporções e a harmonia, aliadas á simplicidade, que são o característico do bello.

Deixemos o grandioso panorama de Gizé para visitar as outras necropóles ao sul.

Em Zâuiyet el'-Aryân ha duas pyramides muito arruinadas, mas cujas bases ainda tem 90 metros de lado.

Em Abusir ha tres pyramides grandes e outras menores, que parecem ter pertencido aos reis da v dynastia, havendo tambem mastabas que são das mais antigas, mas muito mais deterioradas. Ha restos de 14 pyramides, todas d'alvenaria, e da do rei Sehouré ainda se póde avaliar a altura primitiva em 45,50 metros e vêr um caminho para um templo, cujos escombros se veem na base da escarpa para leste. Proseguindo para o S. chega-se em pouco tempo a Sakkâra, onde houve numerosas pyramides, muitas derruidas actualmte, sobresaindo comtudo a denominada em degráos, por ser feita em 6 partes sobrepostas em recuo uma das outras, com a altura total de 59 metros.

Esta pyramide, a mais antiga que se conhece pois data da 3.<sup>a</sup> dynastia é anterior ás celebres de Gizé e está em soffrivel estado de conservação.

Não longe está a pyramide de Omos da v dynastia e quasi todas as outras pertencem á VI dynastia, que é conhecida pela designação dos Pepis, em que o poder egypcio já decaia do seu fulgor das IV e V dynastias.

As dynastias seguintes (VII á X) governam apenas em Memphis e em Herakléopolis; para os lados de Abydos não levam o seu dominio mais além, até Thebas. De sorte que a XI dynastia é já constituída pelos principes desta ultima região que se fizeram reis.

Não obstante os reis da XIII dynastia, já do medio imperio e thebaica, fizeram pyramides em Dahchûr, Licht, Hauâra e Illahum, emquanto que o primeiro rei da IV dynastia, Snofre construiu uma pyramide em Meidûm ao Sul de Licht.

Mais ao Sul as pyramides acabam e começa o uso dos tumulos em hypogéos.

Em Sakkâra é onde se encontram em melhor estado de conservação os mastabas; mas deve dizer-se que as pyramides de Dahchûr e as outras ao Sul déram, quando regularmente exploradas por Morgan collecções de enfeites e de joias lindissimas.

### *Mastabas*

Os de Sakkâra começaram a ser explorados por Mariette com todo o cuidado e começou então a entrar-se num conhecimento mais documentado dos princípios religiosos e dos usos e costumes da vida egypcia, que se encontrou representada nos registos em altos relevos, que ali existem forrando de cima a baixo as paredes dos mastabas, que se pôde dizer ser a casa do morto tão rica e confortavel, como o fôra a do vivo.

Ali havia sala para receber as visitas, quartos para descansar, compartimentos para trabalhar, dispensa para os presentes, etc., etc.

Já vimos uma caçada do intendente *Ti* aos hypopotamos, no meio d'um rio ou lago com as margens cheias de *lotus* (fig. XVI).

Nessa mesma casa mortuaria, que está em Sakkara, junto da habitação-kioske de Mariette-bey, encontram-se as representações da vida que elle passou neste mundo e dos trabalhos que elle tinha d'executar no outro para poder entrar nos Campos Elysios.

A perfeição destas esculpturas dá ideia nitida da alta civilização a que se tinha chegado no Egypto, durante as primeiras dynastias. Sendo assim quantos seculos se teriam passado desde a existencia de Osiris, Iris e Horus que foram reis do baixo e do alto Egypto e já podiam viajar da Philéa a Abydos, onde se acharam os seus tumulos, e cuja tradição se perdia então na noite dos tempos!?

Não é, porém, só esse mastaba que ali se encontra: o de *Meri* não é menos notavel; o de Sabû, o de Ka-gem-né, e o de Ptah-hotep.

Já na necropole de Gizé havia mastabas, mas em mau estado de conservação, á excepção do mastaba dos *numeros*, assim chamado por que estão marcadas em numeros as quantidades de bois, vaccas, vitellas, carneiros que o proprietario teve, mas não se tem podido ainda identificar o seu nome.

Os mastabas, sendo os tumulos dos altos funcionarios, estavam de ordinario junto ás pyramides ou tumulos dos reis, em cujo tempo viveram, de sorte que auxiliam muito para a historia das dynastias. N'algumas encontraram-se alguns papyros mas é sobretudo nos hypogéos que estes mais se tem encontrado.

### *Hypogéos ou Syringas*

Uma ultima fórma de tumulos foi para os grandes a dos hypogéos ou syringas, que durante o imperio antigo e medio foi reservada para a gente pobre e depois na XVII dynastia passou a ser tambem para a gente rica.

Póde dizer-se que as pyramides acabam em Herakléopolis, e que os mastabas finalisam em Abydos; mais para o sul são sempre hypogéos. Não se achou outra explicação a dar deste facto, senão que as pyramides já tinham sido abertas pela plebe amotinada para ver se encontrava thesouros que lhe permittissem comprar cereaes para minorar a fome.

No tempo dos Hyksos já muitas sepulturas foram violadas; o que não admira pois eram pastores semi-selvagens. Então os reis de Thebas entenderam fazer hypogéos no flanco da montanha oeste e collocar o seu sarcofago no fim de grandes galerias ou syringas, que se dispunham de modo que não fosse facil dar com a mumia, ás vezes em poços profundos, como em Tell el'-Amarna (fig.<sup>a</sup> LIII).

Na necropole de Thebas, que é a, que tem hypogéos mais completos, foram collocal-os no fundo de valles e disfiladeiros tortuosos, de modo que é difficil enconral-os, quando mais não seja senão pela difficuldade do accesso.

Os hypogéos mais interessantes pelo Nilo acima pódem classificar-se do seguinte modo:

- 1.º De Bénihassan incluindo os de Kom-el-Ahmar
- 2.º De Deir en Nakhlé
- 3.º De Tell el'-Amarna
- 4.º De Mágbdé a Siût
- 5.º De Abydos
- 6.º De Nakadé
- 7.º De Thebas
- 8.º De El-Kab
- 9.º Finalmente os d'Assuan

Em todas as necrópoles acima descriptas ha hypogéos, alguns dos quaes déram nas pesquisas, methodicamente feitas, objectos de muito interesse que se acham no British Muséum, no Louvre, no museo do Cairo e n'alguns outros.

Os que existem porém acima de Herákleopólis tem importancia muito maior a todos os respeitoes. Os que formam o grupo de Bénéhassan são interessantes pela sua construcção, pois é ali que se encontram as columnas protodoricas de que já falámos (fig.<sup>a</sup> XV) e apreciamos a sua origem artistica, assim como da columna lotiforme.

Além dos hypogéos ha um *Spéos de Artémidos* que os arabes chamam as cavalariças de *Antar*, que foi um heróe antigo da sua historia. O grande hypogéo de Asiüt tem o mesmo nome arabe.

As pinturas e inscripções de Bénéhassan tem um grande valor historico, e representam os usos e costumes do tempo do medio imperio, emquanto que os de Kom-el-Ahmar ou colina encarnada são do fim do antigo imperio.

Os hypogéos de *Knemhotep* e de *Ameni* são os mais notaveis e bem conservados.

No grupo de Tell-el-Amarna é considerado como mais importante o mandado fazer por Amenophis IV, que tendo apostatado a religião de Amon pelo culto do sol, abandonou Thebas e veio construir um palacio com todas as dependencias e as casas dos funcionarios da sua corte, num territorio que elle mandou considerar como sagrado e que comprehende porções das duas margens do Nilo, onde estão gravadas inscripções nos rochedos para perpetuar esse factio historico. É tradicção que foi instigado a isso pela rainha *Tii* ou *Teye* sua mãe, que era viuva de Amenophis III. O que é certo é que a arte egypcia soffreu uma transformação com esta expansão e saida de Thebas, tornando-se mais naturalista e procurando sair das fórmias convencionaes. O rei mudou de nome e chrismou-se para *Ekhuenaten* ou *Genio do Sol*.

No seu tumulo ha um hymno ao Sol, que está muito damnificado, mas que em parte foi reproduzido nos tumulos posteriores.

Os de Tell-el-Amarna tem agora portas de ferro para não soffrem tantas degradações, que produziram verdadeiras perdas para a arte e a sciencia. Mal se percebe o sol nascente e subindo sobre o pylone do templo, sobre as montanhas em cujas vertentes passam numerosos animaes, estando no sopé um palacio. Haveria ali a reproducção dos edificios que o rei mandou construir e que desabaram todos, logo que morreo, pois uma revolta obrigou a transferir-se a capital para a antiga Thebas e a ser novamente adorado o deos Amon. O sol tinha sido imposto á força, e o seu hymno tinha-se tornado de guerra e não mystico como o de S. Francisco d'Assis, que foi inspirado pelo

nosso Santo Antonio. Leio-lhes umas quadras da traducção que Anatole France fez do latim para francez:

*Je vous louerai, mon Dieu, d'avoir fait aimable et clair  
Ce monde où vous voulez que nous attendions de vivre.  
Vous l'avez semé d'or, d'émeraude et d'outremer,  
Comme un peintre qui met des peintures dans un livre.*

*Je vous louerai d'avoir créé le seigneur Soleil,  
Qui luit à tout le monde, de l'avoir voulu faire  
Aussi beau qu'il est bon, très digne de vous, vermeil,  
Splendide et rayonnant, en forme exacte de sphère.*

*Je vous louerai, Seigneur, je vous benirai mon Dieu,*  
.....  
.....

*Pour notre sœur la Vie et pour notre sœur la Mort,  
Je vous louerai, Seigneur, d'ores à mon ultime heure,  
Afin d'être en mourant le nourrisson qui s'endort,  
Dans la belle vesprée et pour une aube meilleure.*

O rei apostata que tinha martellado tudo o que se relacionava com a vida de Makeré, que foi despota com os desgraçados, a quem fez trabalhar duramente na edificação da sua nova capital não podia ver o sol como um ser bondoso e creador, mas como o astro que se empunha a toda a natureza pela sua terrível força radiante.

Por isso logo que morreo, a sua obra derruiu por completo; apezar de ter ao seu serviço ministros e intendentes e artistas de grande valor.

A necrópole de Abydos póde dizer-se que correspondia ás cidades como Méca, Jerusalem e Benáres ou Kioto das religiões actuaes que tem as suas cidades sanctas, onde se veneram os tumulos ou mausoleos dos seus fundadores.

Os egypcios tiveram sempre a crença de que Osiris, Iris e Horus residiam, ou tinham os seus cenotaphos em Abydos e os archeologos modernos acabaram por ter essa convicção até que Amelineau em Maio de 1900 descobriu debaixo das capellas do templo de Séthos I os tres sarcophagos, (fig.<sup>a</sup> LIV) um encimado pelo milhafre de azas estendidas para proteger o corpo da mumia, outro com uma figura de mulher, e finalmente o



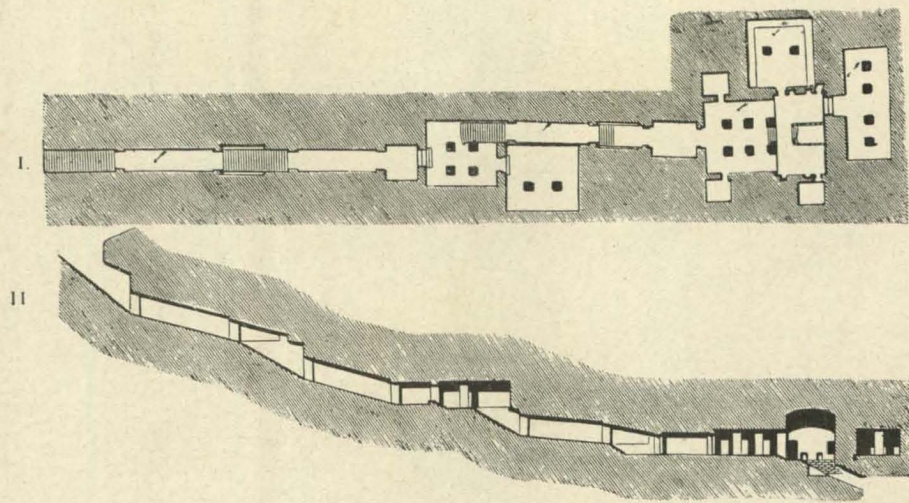


Fig.<sup>o</sup> LVI—Planta e corte longitudinal do hypogéo de Sethos I.

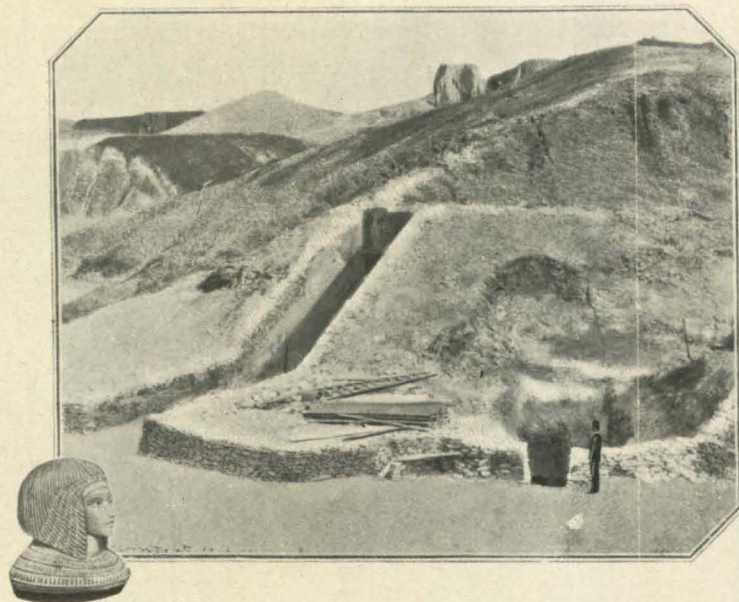


Fig.<sup>o</sup> LVII—Vista da entrada (1) com a porta do hypogéo da Rainha Thi em frente. Canope no angulo.

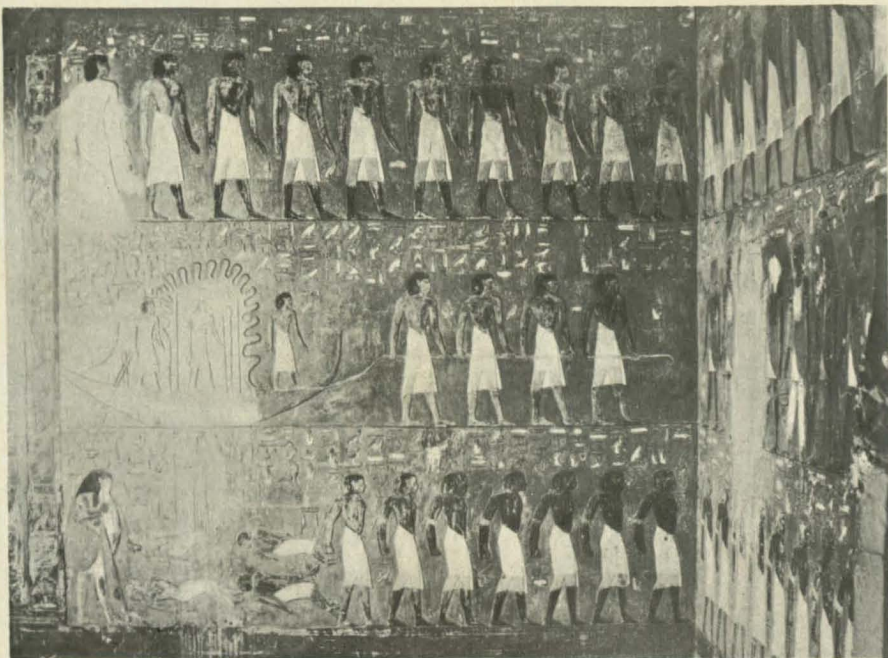


Fig.<sup>a</sup> LVIII—Decoração das paredes lateraes dos hypogéos dos reis

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.<sup>o</sup> 7—PAG. 465

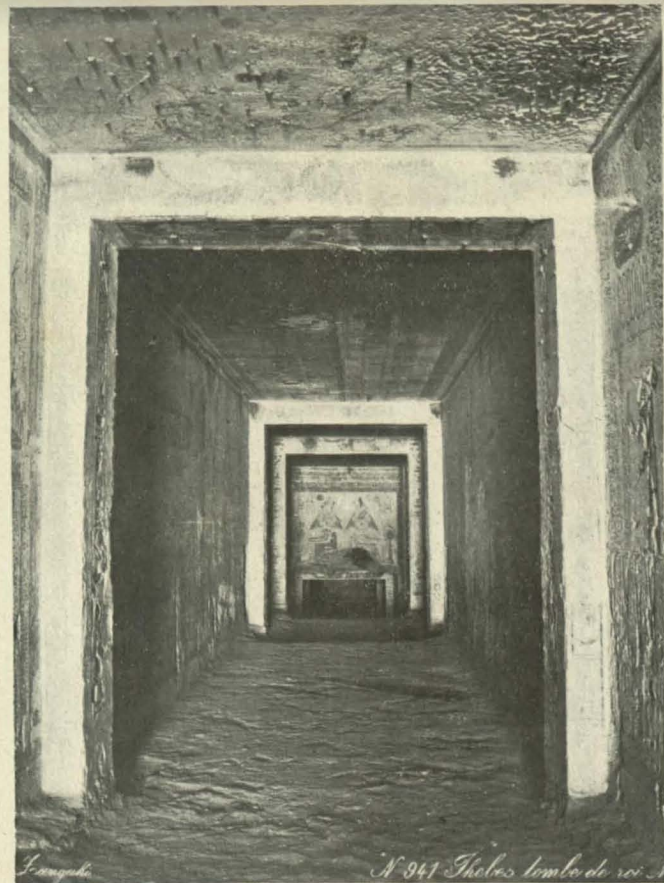


Fig.<sup>a</sup> LIX—Prespectiva da entrada dos hypogéos reaes

proprio milhafre sobre a tampa do caixão. Eram os tumulos da triade.

A necropole de Thebas é a que se impõe pela sua extensão, riquezas e grandiosidade dos mausoléus.

Na fig.<sup>a</sup> xxx vimos já a sua situação geral, mas nesta estampa (fig.<sup>a</sup> LV) vê-se melhor a disposição dos desfiladeiros de Bidân-el-Multk, que á entrada parecem dizer-vos:

*Per me si và nella città dolente . . .*

É devéras dantesco tudo aquillo e se o sol está claro a reflectir-se em todas aquellas fragas escalvadas, o calor torna-se abrazador e a imagem do inferno quasi se torna uma realidade.

As ruinas do templo funerario de Séthos I em Kurna ainda teem certa grandiosidade; o hypostilo e a columnata da sala de Ramsés II ainda são dignas dos Sesostris.

Quando se chega aos tumulos dos Reis fica-se espantado da quantidade já descoberta nos dois valles, sendo, no valle de E., 21 hypogéos de reis, afóra outros de rainhas e pessoas reaes; e no valle de O. são 5 tumulos sem contar com o de Ey que é chamado *o tumulo dos macacos* pelos arabes, que é o que está mais escondido.

A construcção d'um *hypogéo* ou *syringa* é sempre a mesma. Escavava-se na montanha uma trincheira de 5 metros de largo e profunda bastante para se poder abrir com segurança uma porta de 2 metros d'altura pelo menos, depois abria-se uma galeria que tinha muitas vezes 3 por 5 metros d'alto, que era o vestibulo e que era pintado em seguida com algum dos textos do *livro do Hadés* ou dos infernos. Abria-se em seguida uma larga sala a que seguiam galerias ou outras salas no mesmo prolongamento ou desviando-se para a direita ou para a esquerda com escadas, e muitas vezes em mais d'uma direcção para enganar os profanadores; entre cada peça punha-se sempre uma porta para difficultar o accesso (fig.<sup>a</sup> LVI e LVII).

Visitei os hypogéos de Ramsés IV e de Séthos I. As fig.<sup>as</sup> LVIII e LVIX dão ideia mui remota da belleza dos desenhos, por lhes faltar a viveza das côres, que no ultimo estão admiravelmente conservadas. Em cada uma das figuras vê-se bem onde eram os encaixes das portas de pedra ou louza que era assente logo que a mumia era depositada no sarcophago.

No *livro das portas* que era outro livro sagrado, cujas illustrações se alternavam com o *livro do Hadés*, a barca, em lugar de navegar no rio, era posta sobre um monstro comparavel ao dragão chinez ou a uma grande serpente com muitas pernas; outras vezes era posta mes-

mo sobre um carro, mas sempre puchada pelas bailadeiras, e acompanhada pelas cantadeiras e tangedeiras d'instrumentos.

É destes tumulos que se extrairam as figuras dos antigos instrumentos egypcios. (1)

Só as pinturas das sobreportas seriam dignas d'um longo estudo pela variedade de sóes alados, com *ureus* ou sem elle, amarello d'ouro ou escuro como eclipsado, com azas d'uma só côr ou polychromas; emfim seria longa a enumeração.

Na sala que segue ao vestibulo é que estão representadas as scenas da vida do morto, que elle terá de repetir depois para poder entrar nos Campos Elysios e passar então a sua alma a ser immortal; se não, será aniquilada para todo o sempre. Parece d'aqui que elles não admittiam o inferno para punir eternamente as almas impuras. Havia apenas um purgatorio.

Os tumulos das rainhas ao S. O. de Medinet-Habu são muito menos importantes que os dos reis, e a sua visita não é convidativa, ainda o da Rainha *Titi* é notavel pela fórma em cruz, e pela viveza das côres das figuras.

Ao todo ha 20 tumulos de rainhas e espera-se descobrir mais.

Os hypogéos de El-Kâb são interessantes pelas inscripções e altos relevos que se referem á vida dos personagens ali enterrados, quasi sempre marido e uma ou mais mulheres, que eram ás vezes acompanhados dos filhos; quasi todos têm um poço para as mumias. São do tempo do começo do novo imperio.

Os hypogéos d'Assuan são notaveis pelo seu estado de conservação e por pertencerem aos imperios antigo e moderno; e são contemporaneos dos de Benihassan, que já conhecemos pela fig.<sup>a</sup> xv. As salas repousam sobre muitas columnas. Para se lá chegar, da margem esquerda sóbe-se uma escada de 2 lanços de degráus com uma rampa ao meio para os caixões escorregarem.

### *Papyros*

Já lhes citei o livro de Hadés e o das Portas, mas as ultimas descobertas fizeram imprimir o *Livro da morte* ou de *Ani*, escriba d'um

---

(1) Vide os numeros 24 e 25 do jornal *Os Serões*, artigos da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Vasconcellos Abreu.

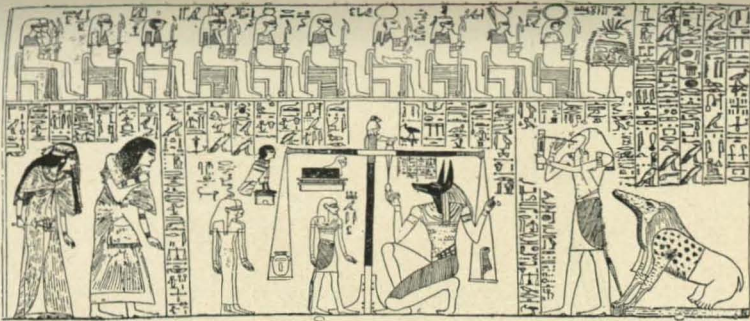


Fig.ª LX — Pesagem do coração de Ani.

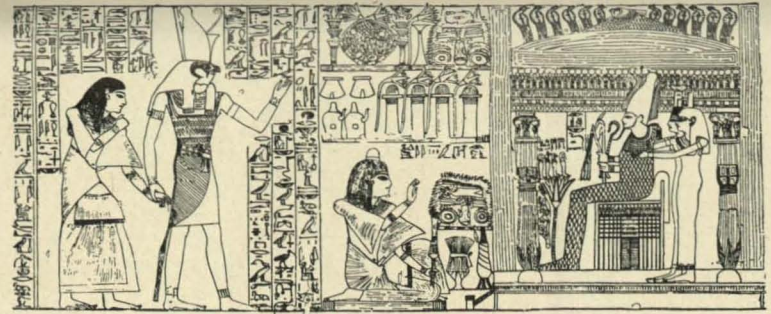


Fig.ª LXI — Apresentação de Ani a Osiris

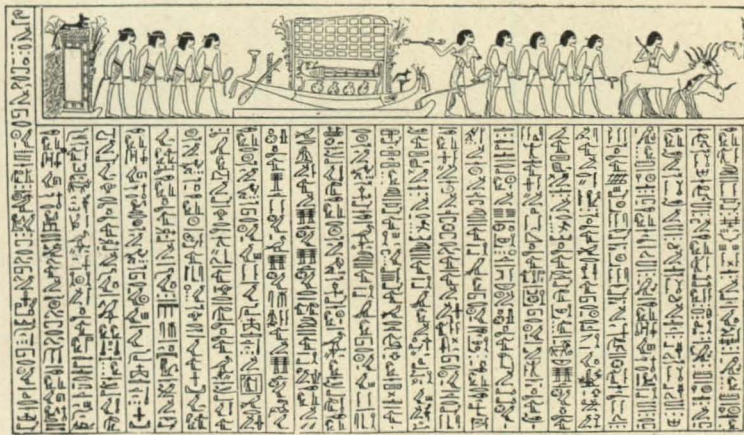


Fig.ª LXII — Transporte do caixão no barco, posto sobre zorra

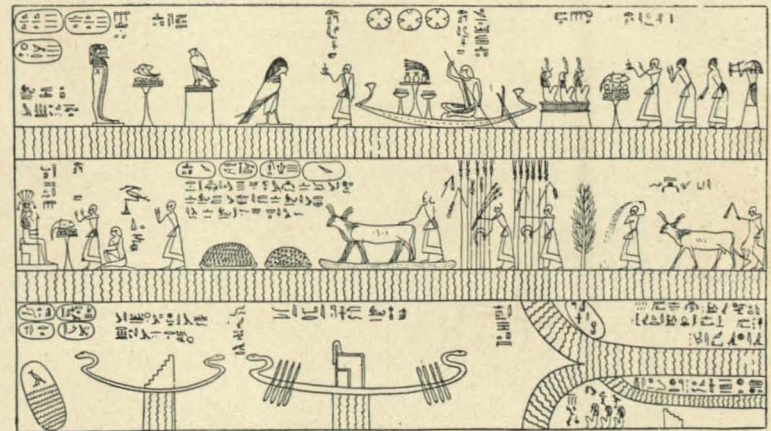


Fig.ª LXIII — Representação dos Campos Elysios egypcios com os respectivos trabalhos

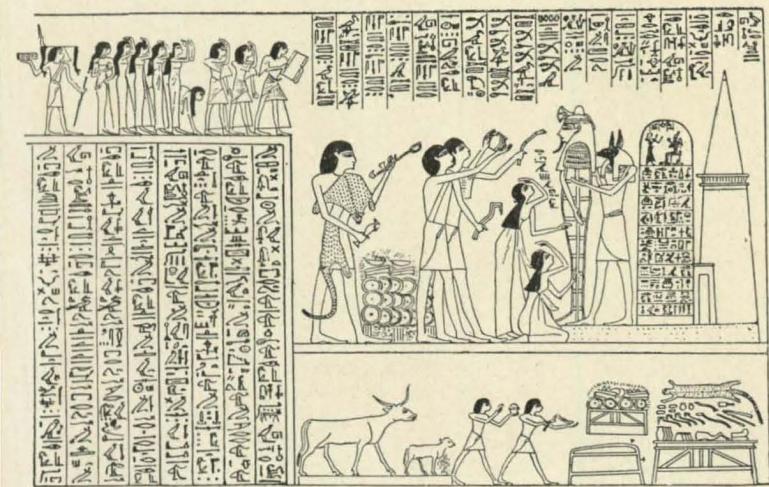


Fig.ª LXIV — Verificação da identidade do morto à porta do tumulo

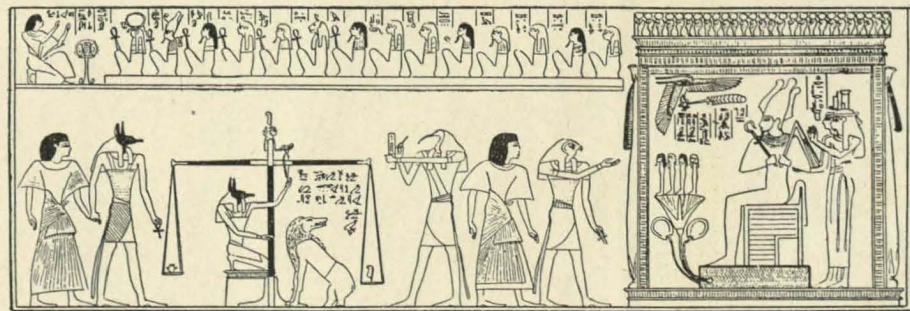


Fig.ª LXV — Pesagem do coração por Anubis, que pede a Osiris para não aniquilar a alma.

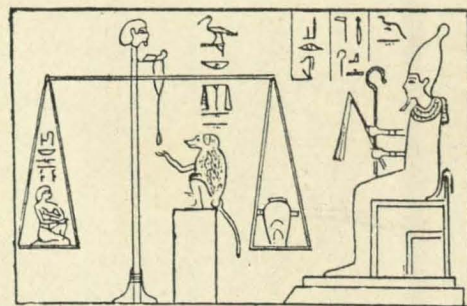


Fig.ª LXVI — Aniquilamento da alma depois dos esgares do macaco, e d'Osiris assentir com o chicote.

dos reis do antigo imperio, que está disperso entre o Museu do Cairo e o British Museum, que tem a parte mais importante e que possui illustrações coloridas. O do Cairo são conselhos e proverbios escriptos para seu filho Khensuhotep.

As fig.<sup>as</sup> LX a LXVI dão perfeita ideia das peripecias por que passava o defuncto e sua alma depois da morte.

Chamo-lhes a attenção para as scenas do julgamento, em que de ordinario era o coração que se pesava, tendo no outro prato da balança uma penna de marabú (como as que se compram no Jardim Zoológico).

Se o coração pesava menos, o que era difficil, a alma ia logo para os Céus, mas, se pesava o mesmo, ia cumprir uns certos trabalhos; finalmente se pesava mais, vinha um macaco, que lhe fazia quatro momices e era aniquilada para todo o sempre, (fig.<sup>a</sup> LXVI) sem poder tornar a ver o corpo, que, como vimos na fig.<sup>a</sup> LIII, a esperava num catre antigo de quatro pés.

Quantas considerações não se poderiam fazer sobre a semelhança desta religião com a judaica!

Além destes ha mais papyros muito interessantes, como o da sacerdotisa de Mut, *Herub*, e os da princeza *Nesi-Khonsu* e da rainha *Maüt Ka-Ra* e do rei *Ptah-hotep* e de *Neken-su*.

Um dos objectos que os exploradores desejam encontrar e que são mais apreciados é o *papyrus*. É d'elles que depende a resolução de muitos problemas referentes á vida social e moral do velho Egypto, principalmente de tudo o que diz respeito á vida futura, e á resurreição dos corpos.

Para que estes se não perdessem é que os embalsamavam e lhes faziam tumulo, onde não pudesse alterar-se o seu eterno repouso; assim pôde dizer-se, visto que suppunham, que a resurreição devia tardar muito.

De vez em quando a alma vinha visitar o corpo e juntos trabalhavam no silencio para cumprir a penitencia, que Osiris tinha imposto por occasião da morte, quando julgava dos meritos da sua vida.

### *Mumias*

Era tão forte a crença da resurreição do corpo, que elles, extrahiam-lhe tudo quanto fosse mais corruptivel, e que ainda assim era

guardado junto ao corpo em vasos de fôrma especial que se chamavam Canopes, por serem feitos em *Canope*, cidade ou povoação junto de Rozetta.

O cadaver então era lavado com liquidos antisepticos e tratado com especiarias, aromas e drogas e bem atado com ligaduras de linho.

O nosso proverbio:

*Pulvis es et in pulverem revertêris*, não lhes queria lembrar ao contrario, o que elles diziam era: *conservare me dignêris*: e logo que o embalsamamento estava feito começava a procissão funebre, em que umas vezes o cadaver era conduzido sobre zorra puchada a bois, outras vezes em barco levado a remos. (Fig.<sup>as</sup> LXII e LXIII.)

Chegado ao tumulo, procedia-se á cerimonia da verificação da identidade á beira da porta. (Fig.<sup>a</sup> LXIV.)

Tratava-se depois de guardar estes despojos mortaes, de modo que não se extraviassem, para o que serviam os mausoleus mais resistentes.

«Os mausoleus grandiosos que se admiram em Thebas e Sakkárah, diz Mariette, não são devidos ao orgulho d'aquelles que os constituíram. Uma ideia mais larga presidiu ao seu projecto e execução. Maiores eram os materiaes mais se estava seguro de que as promessas feitas pela religião seriam realidades. Em tal sentido as Pyramides não eram manifestação da «vã ostentação dos reis,» mas sim obstaculos irreductiveis e provas gigantescas d'um dogma consolador.» Salvo o devido respeito ao inclito egyptologo, sou da opinião do meu guia copte em Memnonia, que me queria provar que todos aquelles templos funerarios não passavam d'uma grande vaidade:

*Vanitas vanitatum et omnia vanitas.*

Fosse como fosse; o respeito manifestado pelos mortos nos tempos aureos da civilização egypcia deixou-nos as manifestações mais variadas em todas as industrias.

O embalsamar era então uma verdadeira sciencia; a que imaginaram presidir *Anubis*. Os ataudes quão complicados e ricos que não eram!

Os enfeites e preparos da mascara do morto, que devia ser parecida, e ter vivacidade nos olhos, com as pinturas, sendo mulher, que em vida tinha usado, principalmente com saes de bismutho e mil outras drogas, eram a base de muitas artes.

As figurinhas que representavam os individuos que vinham aos *mastabas*, principalmente, visitar o defuncto, e trazer-lhes offertas de comestiveis, faziam viver muita gente.



Fig.<sup>a</sup> LXVII—O interior do tumulo da Rainha Thi. Canope

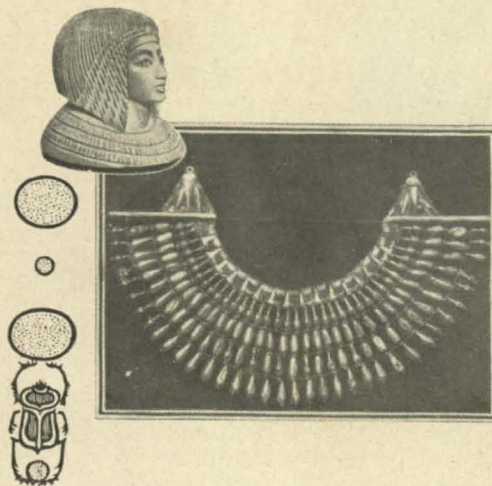


Fig.<sup>a</sup> LXVIII—Collar d'oiro encontrado em torno do pescoço. Canope

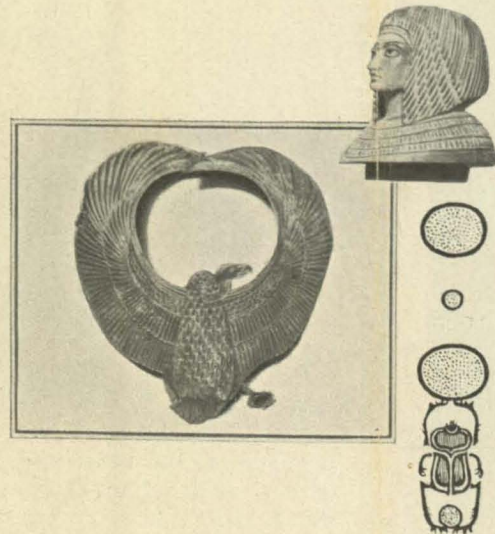


Fig.<sup>a</sup> LXIX—Enfeite d'oiro da cabeça com o abutre. Canope

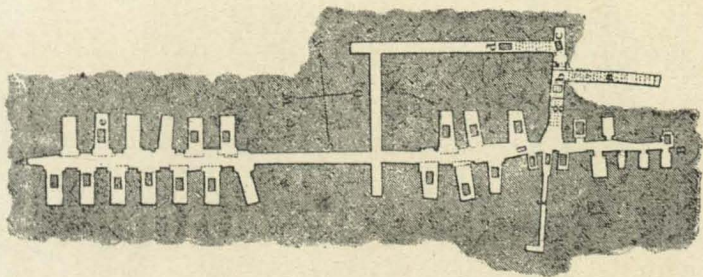


Fig.<sup>a</sup> LXX—Planta do Serapéum de Sakkárah. A galeria ao N. da entrada (a) era de serviço. Em (d) vê-se um sarcophago de granito, cuja tampa está em (c). Era conduzido para um dos nichos do fundo, ainda vazios. As galerias tem 350,0 metros d'extensão e 3,0 de largo por 5,50 d'alto.

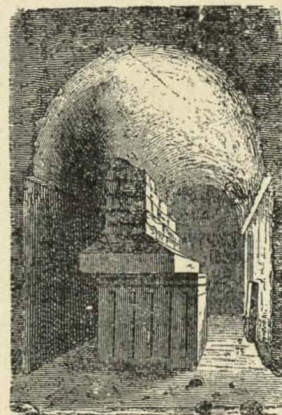


Fig.<sup>a</sup> LXXI—Prespectiva do interior d'um nicho do Serapéum, que tem 8 metros d'altura em media. Os sarcophagos téem 4,0 metros de comprido por 2,20 de largo e 3,30 de alto; são d'um só bloco de granito negro ou vermelho polido. Sobre a tampa, que foi deslocada pelos ladrões, ainda se vêem stellas com a lenda do Apis.

Seria um nunca acabar a enumeração das cousas variadas, interessantes ou preciosas, que os depositos das mumias têm dado.

Durante muito tempo em Thebas eram vendidos secretamente objectos curiosissimos, até que Masperó pôde conseguir saber que em Deir-el-Bahri havia um poço, que tinha as cousas mais ricas.

Procedeu-se então á pesquisa regular e encontraram-se, só ali, 36 caixões, muitos dos quaes foi necessario mandar queimar, logo se abriram, pois o contacto do ar desenvolveu um cheiro pestilencial.

Evitou-se, porém, que a cremação fosse completa para salvar os enfeites e que as joias fossem queimadas.

Recentemente a descoberta da mumia da Rainha Thii ou Theye, mãe de Amenophis, revelou que o caixão fôra envolto em folhas de ouro e que os vasos canopticos eram reproduções do busto da rainha. Encontrou-se em Bibanllet-Muluk.

As fig.<sup>as</sup> LXVII a LXVIX juntas a esta publicação mostram a disposição em que tudo se achava e a riqueza de todos os artefactos. Ellas fallam por si e o tempo falta para mais explicações.

### *Serapéums*

Uma das demonstrações das crenças religiosas mais enraizadas era no Egypto a da veneração do boi Apis.

O tumulo destes animaes fazendo parte da necropole de Sakkärah é o mais antigo e data da XVIII á XXVI dynastias. As galerias e os sarcophagos são grandiosos, como se vê das fig.<sup>as</sup> LXX e LXXI.

Os Ptolomeos que chegaram ao Egypto com o culto de Sérapis construíram em Alexandria um outro Serapéum, que não tem a vastidão nem a riqueza do primeiro, apezar de ser ornado de estatuas.

Foi o Patriarcha Theophilus que o destruiu no tempo de Theodosio II.

Um tumulo extraordinario se encontra em Alexandria que, segundo as investigações do nosso consul geral Zoheg, é o de Alexandre o grande, existente na *Soma* com alguns dos outros Ptolomeos, mas todos delapidados.

Sendo assim, o tumulo existente em Stambul e encontrado junto a Ninive seria d'um dos generaes do grande conquistador.

(Continúa)

J. V. MENDES GUERREIRO.

## RELATORIO DOS ACTOS DO CONSELHO FACULTATIVO EM 1907

Senhores:—Termina o Conselho Facultativo a sua missão submettendo á apreciação esclarecida e imparcial da Assembléa da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes os actos da sua gerencia durante o corrente anno.

Os escassos recursos que actualmente affectam esta Associação não permittiram ao Conselho dar todo o desenvolvimento que desejava e as exigencias requerem aos melhoramentos materiaes da sociedade; comtudo conseguiu, sem recorrer ao credito nem gravame do cofre, cumprir com rigorosa pontualidade os encargos da Associação e occorrer a todas as despezas necessarias para o augmento e conservação do Museu e melhoramento da Bibliotheca.

Confia que a Assembléa fará justiça aos seus bons desejos de zelar os interesses da Sociedade e de cumprir com solicitude os deveres do seu cargo e se digne fazer-lhe a honra de approvar as suas deliberações.

Em 14 de Novembro do anno passado officiou o Presidente da nossa delegação em Braga, o Rev. Padre Martins Capella, representando ao Conselho quanto importaria aos interesses da Real Associação adquirir do Governo a concessão do usufructo da torre de menagem do castello de Braga com alguns outros quadrados do eirado e o terceiro adjacente, a fim de ali se installar um Museu archeologico.

Resolveu o Conselho informar-se dos meios de que a Delegação dispunha para a installação e conservação do Museu; declarando no seu officio que esta Associação não póde concorrer para essas despezas.

Em resposta communicou o nosso consocio o sr. Martins Capella que a Delegação nunca pensára receber fundos desta Associação, mas havel-os por outras vias, e que estava assente a idéa de crear uma sociedade de Antiquarios Bracarenses com capacidade juridica para requerer a concessão do castello de Braga e obter os fundos necessarios para installar ali um Museu de antiguidades.

Não communicou outros trabalhos da nossa Delegação; porém con-

fiamos no zelo e illustração desta, que se não fará esperar algum estudo interessante que venha auxiliar os nossos trabalhos.

Continúa a publicação do nosso Boletim sob a auctorizada direcção do sr. Gabriel Pereira e feita numa typographia do estado com a regularidade compativel com o serviço official, devendo-se esta e a perfeição da impressão aos bons serviços, cuidado e dedicação do sr. Director da Casa da Moeda e Papel Sellado; do chefe das officinas do sello o sr. Antunes Pinto e do chefe dos typographos o sr. Francisco Alves Torres, ao quaes o Conselho tem a satisfação de manifestar o seu sincero reconhecimento.

Extrahiram-se em separata do Boletim as seguintes obras:

O catalogo das moedas e medalhas expostas no museu desta Sociedade, elaborado com proficiencia e rigor tecnico pelo nosso consocio o sr. Dr. Arthur Lamas.

Deliberou-se marcar o preço de 500 rs. a cada exemplar.

A segunda série dos «Cruzeiros Notaveis», interessante publicação do nosso prezado socio o sr. Dr. Sousa Viterbo.

Marcou-se o preço de 1\$000 rs. o exemplar.

Cincoenta exemplares do curioso e consciante trabalho do nosso consocio e academico distincto o sr. Victor Ribeiro, «A Infanta D. Maria e o seu hospital da Luz.»

E está a concluir a impressão da segunda e ultima Addenda ás «Noticias Archeologicas» pelo nosso solícito Secretario o sr. Rocha Dias.

Nesta interessante obra, que revela longo e perseverante estudo, encontra-se a collecção mais completa de indicações, até hoje publicada, de monographias das differentes terras do nosso paiz.

Em virtude duma proposta do sr. Dr. Arthur Lamas para a catalogação das obras existentes na nossa Bibliotheca, foi nomeada uma Comissão para dar a sua opinião sobre a fórma de se levar a effeito esta proposta.

Em vista do seu parecer foi unanimemente approvada, achando-se em execução esse trabalho, que, attendendo á exiguidade dos recursos actuaes da Associação, não póde ser tão perfeito e completo

como a Commissão desejava; sendo forçada pelas circumstancias a limitar-se a um simples catalogo alphabetico; conseguindo-se ajustar esse trabalho pelo modico preço de 5 rs. por cada verbete.

Attendendo á urgencia de se concluir o catalogo com a brevidade possivel, deliberou o Conselho ordenar a sua execução immediata, independente da approvação da Assembléa; esperando lhe seja relevada esta decisão que teve por fim zelar os interesses da Sociedade.

O nosso consocio Conservador da Bibliotheca dará, no seu relatório annual, conhecimento do estado de adiantamento deste trabalho.

Contribuiu-se para o Congresso de archeologia promovido pela Societé de archéologie, realisado em Avalon (Yonne) desde 11 a 19 de junho do corrente anno; e para o Congresso pre-historico de França em Autun, effectuado de 13 a 18 de Agosto preterito.

Vem a proposito lembrar que os congressos scientificos datam dos principios do seculo passado, depois que a soberania da razão se estabeleceu unica direcção que o homem illustrado acceta.

Nasceu a idéa destes congressos na Allemanha onde teve logar o primeiro em 1828 sob a illustrada presidencia do sabio Humboldt.

Rapida foi a sua generalisação em varios paizes da Europa e da America.

Os nótaveis successos destas reuniões de sabios na Allemanha e na Inglaterra inspiraram ao distincto archeologo, nosso antigo consocio honorario, monsieur de Caumont, o desejo de introduzir em França estes verdadeiros concilios da intelligencia, conseguindo reunir um Congresso de archeologia em Caen a 20 de Julho de 1833.

Depois desta data tem-se effectuado todos os annos uma destas conferencias scientificas numa das cidades da França onde vem os sabios de differentes paizes communicar os seus trabalhos, debater diversas theorias e os assumptos scientificos susceptiveis de controversia; estudar os archivos da humanidade; restaurar o estranho vulto do passado depois de ter desentranhado do fundo do tempo as ruinas que attestam as grandezas d'outrora e interpretando-as á luz da sciencia dar-lhes o logar que lhes coube na remota hierarchia das civilisações extinctas.

Escusado é dizer que estes congressos têm prestado importantes

serviços á sciencia, enriquecido a historia e dilatado o horizonte da esphera intellectual.

---

Os alvitreos apresentados em sessão de Assembléa de 4 de Novembro preterito pelo socio correspondente de Leiria, o sr. Tito Benevenuto de Lima de Sousa Larcher, foram por este nosso consocio remettidos por escripto á mesa, como foi accordado em assembléa e a mesa enviou-os ao Conselho para sobre elles dar o seu parecer.

Entendeu o Conselho dever consultar as Secções de Architectura e de Archeologia, para depois de estudar e apreciar os seus respectivos relatorios, que ainda aguarda, formular o seu parecer e submittel-o á decisão da Assembléa.

---

Em sessão do Conselho effectuada a 18 de Novembro proximo passado foram votadas gratificações eguaes e com o mesmo destino das que foram approvadas em Assembléa geral no anno passado para serem distribuidas pelos empregados e recompensas de serviços prestados por outras entidades á Associação.

---

O sr. Malaquias de Lemos, sempre solícito em demonstrar a sua dedicação a esta Associação e o seu interesse pela conservação dos monumentos historicos, mandou proceder aos reparos necessarios nos terraços do edificio da nossa séde para evitar as infiltrações das aguas pluvias que novamente estavam damnificando as abobadas.

O Conselho renova com reconhecimento os seus agradecimentos ao nosso illustre consocio por mais este serviço prestado a esta Sociedade.

Apparecendo porém novas infiltrações noutros pontos do edificio, reconheceu-se serem necessarias reparações de maior importancia, o que determinou a sua reclamação ao respectivo Ministerio que promptamente mandou levantar os andaimes; porém, por motivo desconhecido do Conselho, ainda se não deu principio ás obras necessarias para pôr termo á deterioração que as chuvas estão causando a este monumento.

---

Foram presentes ao Conselho varias propostas que estão approvadas e que por circumstancias attendiveis ainda não foi possivel dar-

lhes execução. Estão pendentes para na primeira oportunidade serem cumpridas.

Subscreveu-se para a Sociedade Propaganda de Portugal com dois mil réis annualmente.

São notorios os bons serviços que esta patriotica Sociedade presta ao paiz.

O nosso consocio o sr. José Queiroz já deu principio aos trabalhos de classificação das peças de faiança existentes no nosso museu, e continúa esse trabalho sempre que os seus afazeres lhe permittem dispor de tempo necessario para essa difficil tarefa que levará a termo com aquella competencia que brilhantemente demonstrou na sua obra «Ceramica Portugueza», em que revela um longo e meditado estudo, sabio methodo, elegancia de fórma e clareza de exposição.

O Instituto dos Architectos do Canadá solicitou em 4 de Setembro proximo passado a troca das nossas publicações com as daquella agremiação.

Annuiu o Conselho com prazer a esta proposta que lisonjeia esta Associação.

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, Sua Alteza a Princeza de Saxe e o Senhor Infante D. Affonso dignaram-se visitar o nosso Museu no dia 15 de Fevereiro passado.

Foram os augustos visitantes recebidos pelo respectivo conservador o sr. Gabriel Pereira, que mais uma vez teve occasião de provar a sua illustração e competencia.

Tambem visitou o Museu desta Associação Sua Magestade o Rei da Saxonia em 8 de Março deste anno. Não sendo esperada esta visita, e só depois de effectuada é que della teve conhecimento a Mesa, não pôde por isso tomar as providencias para que aquelle Monarcha fosse recebido por uma commissão que representasse a Sociedade.

Registamos com todo o reconhecimento estas distincções, que honram a nossa Associação.

Em sessão de Assembléa geral celebrada a 25 de Junho de 1906

foi a Mesa auctorizada a franquear a entrada na séde desta Associação e expor o seu Museu ao publico, sempre que entendesse dever fazel-o.

No desejo de commemorar um factio brilhante da nossa historia, e tendo por norma dar exemplo de patriotismo, foi a 14 de Agosto proximo passado, anniversario da celebre batalha de Aljubarrota, facultada a entrada gratuita a todos que desejassem visitar este historico edificio, reliquia tradicional daquella notavel acção e dos altos feitos do seu illustre fundador.

Cumpre despertar no publico os estimulos patrioticos, embora sejam os brios nacionaes um sentimento peculiar aos portuguezes que sabem apreciar as suas glorias e têm em alta valia os feitos insignes dos seus maiores! Sentimentos sublimes que, não raro, são tachados de orgulho do nosso passado.

Esse orgulho é legitimo e é nobre!

Legitimo porque a Portugal cabe um importantissimo papel na grande obra da civilisação; papel que nos compete reivindicar, não esquecer e honrar.

Nobre porque Portugal é uma nação briosa por excellencia e extremamente zelosa dos direitos que lhe competem.

Todos os povos se ufanam dos seus pergaminhos, e mal daquelles que não prezam as suas tradições nem sabem honrar a memoria dos seus heróes.

Nos grandes centros scientificos da França, da Inglaterra e da Allemanha são commemorados, com entusiasmo e respeito, os anniversarios das suas glorias e apontados á veneração publica os nomes daquelles que illustraram a patria.

Foi grato ao Conselho ver o publico associar-se a esta modesta, mas sincera manifestação de civismo, concorrendo um numero superior a mil e quinhentos visitantes a admirar estas vetustas e venerandas ruinas, severas no seu aspecto e ricas de recordações dessas epochas de austeridade e elevação moral, que viram o esplendor das armas unido á grandeza dos cidadãos!

Tambem examinaram os objectos expostos no Museu, mantendo sempre um porte digno e correcto, prova de que o espirito publico engrandece e generalisa-se graças á incessante irradiação da imprensa civilisadora.

Foram tomadas as providencias para que a ordem fosse mantida, e a sua execução fiscalizada pelos srs. Dr. Arthur Lamas, Rocha Dias

e Visconde da Torre da Murta que também prestaram aos visitantes os esclarecimentos que desejaram obter, quer sobre o edificio, quer sobre os objectos expostos no Museu.

De varias corporações recebeu a mesa convites para assistir, como representante da Associação, a diferentes solemnidades por ellas effectuadas.

O Conselho cumpre um grato dever de reconhecimento reiterando-lhes a expressão do seu agradecimento por esta prova de boa confraternidade.

Sente o Conselho não ter podido designar dia para serem inaugurados os retratos dos srs. Valentim Corrêa e Conde de S. Januario, prestantes membros desta Sociedade, fallecidos ha annos, por não ter sido ainda prevenido pelos encarregados de formular os elogios, que devem ser lidos no acto da inauguração, de terem concluido o trabalho que lhes foi commettido por occasião do fallecimento daquelles nossos consocios de saudosa memoria.

Pelo relatorio e contas que opportunamente apresentará o nosso meritissimo Thesoureiro, terá a Associação conhecimento das receitas e despezas effectuadas durante o corrente anno.

Foi nomeado socio effectivo o sr. Gustavo de Mattos Sequeira e correspondentes em Braga os srs. Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, José Martins Peixoto e Dr. Manuel Monteiro, e o sr. Viriato Antonio Braz d'Albuquerque, residente em Gôa.

Passaram da classe de effectivos para correspondentes os srs. Conde de Almarjão, Visconde de Frayão, Dr. Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel e Conego Joaquim Maria Duarte Dias.

O Conselho torna sua a proposta do sr. Lima Larcher para socios correspondentes os srs. Padre José Ferreira de Lacerda, parcho da freguezia da Vieira, comarca de Leiria, e o capitão de engenharia José Carlos Diogo Lopes da Costa Theriaga.

Com grande sentimento do Conselho e por certo com muito pezar da Associação despediram-se tres socios illustres: o sr. Duque de Pal-

mella, os srs. Abel Botelho e José Navarro de Paiva Pereira de Andrade.

Durante o corrente anno foram offerecidos a esta Associação os seguintes objectos:

Pelo sr. Antonio Felix da Costa, uma photographia duma capella que existe na quinta de Contomil, nos arrabaldes do Porto, pertencente ao sr. Anthero de Araujo. A fundação da referida capella data de 1634.

Pelo sr. Silva Leal um curioso e interessante mappa de Londres e Westminster, do tempo do reinado da rainha Isabel (1563), com a sua competente moldura.

Por disposição particular do nosso fallecido consocio Conselheiro, Monsenhor, Conego Joaquim Maria Pereira Botto, enviou seu irmão o sr. Francisco Maria Pereira Botto á nossa Associação cinco quadros com decalcos em gesso, com uma inscripção hebraica, quatro arabes, duas em portuguez e uma reproducção muito nitida da inscripção tumular de João Fernandes Pacheco, cujo original está numa capella da charola da Sé de Lisboa.

Pelo sr. Julio Augusto Ferreira, duas bellas bandeiras: uma nacional e outra da Associação com as cores nacionaes, a corôa real e as iniciaes: A. C. A. P. (Architectos Civis, Archeologos Portuguezes) e por baixo 1864, data da fundação da Associação.

Pelo sr. Conde dos Olivaes e Penha Longa, por intermedio do nosso Vice-Presidente o sr. Rosendo Carneiro, um marco reguenheiro; encontrado na sua propriedade do Cabeço nos Olivaes.

Por um visitante, o sr. Antonio Maia, residente no Rio de Janeiro, uma moeda de prata do tempo do segundo imperio do Brazil.

Dos objectos que o sr. Director da Escola Polytechnica teve a amabilidade de ceder, a pedido desta corporação, para serem depositados no seu Museu, estamos de posse dos seguintes:

Duas imagens de boa esculptura em marmore de Carrara.

Quatro bellas columnas salomonicas em marmore.

Quatro capiteis de ordem composita, em marmore branco.

Duas peças de cantaria esmeradamente lavrada e com signaes de embutidos, formando arco abatido de sobre-porta.

Uma lapide com inscripção referente á compra que fez Luiz Corrêa ao Collegio dos Nobres duma capella para seu jazigo e de seus descendentes.

Pelo sr. José Pinto da Silva Ventura uma photographia e pelo sr. Gabriel Pereira, treze, de que fará descripção o conservador da Bibliotheca no seu relatorio.

Pelo sr. Rocha Dias uma medalha de prata instituida pela Camara Municipal de Lisboa em 1858 para galardoar serviços humanitarios prestados por occasião da febre amarella que assolou a capital em 1857.

Pelo mesmo sr. um candieiro de globo.

Uma moldura para encaixilhar o mappa de signaes que fez a fortaleza de Santa Cruz da Côrte do Rio de Janeiro no anno de 1810, obsequiosamente offerecida pelo sr. Silva Leal.

Uma moeda de prata da republica central do Uruguay pelo visitante do museu o sr. Samuel Arcos Ferrand.

Novamente agradecemos com reconhecimento estas provas de interesse pela nossa Sociedade.

Para o sabio que pesquisa a verdade estudando sereno e frio os phenomenos da natureza, para o philosopho que os medita nas suas causas e effeitos, nada tão evidente que provirem os seres animados originariamente do reino mineral, no qual existiu manifestamente um dos factores da vida.

Se é certo que a vida, sendo uma modalidade peculiar da existencia, deveu de manifestar-se numa determinada epocha sobre a terra, tambem é certo que antes de ter realisado a sua apparição pela sua ultima condição, a fórma, ella existiu virtualmente na substancia.

Partindo deste principio, para a sciencia e para a philosophia a morte não implica extineção da vida, é apenas a restituição integral á materia dos elementos que constituiam o ser que se finou e se desorganisa pela decomposição; elementos que na sua eterna e incessante circulação e segundo o modo dos seus multiplices e variados agrupamentos, ora constituem o mineral, base de todo o organismo, como demonstrou Priestley e Lavoisier; ora a flôr que alegra os campos com a opulencia das suas côres e embalsama o ambiente que respiramos; ora manifestam a vida na sua mais elevada e mysteriosa expressão: o pensamento!

É o aphorismo chimico: nada se perde, nada se cria!

Porém á voz potente do sentimento vibram as cordas sensiveis

do coração; esquece quanto a sciencia demonstra e a philosophia ensina e a sensibilidade expande-se em pungente saudade perante a desappareição de individualidades que mereceram o nosso affecto, a nossa estima e que se sumiram para sempre na complicada trama do universo!

É pois com profunda magua que lamentamos a perda dos seguintes socios, que a morte roubou a esta Associação:

O sr. Joaquim Maria Pereira Botto, archeologo distincto que foi sempre recebido por esta Sociedade com seguras demonstrações de apreço pela lisura do seu trato; de respeito pela austeridade dos seus principios e de sympathia pelo esclarecido auxilio que lhe prestou com a sua solida illustração na obra civilisadora em que vamos empenhados.

O sr. Licinio da Silva, que nos deixou indelevel saudade pelos dotes do seu coração bondoso e elevação moral que o distinguia.

Pelo facto de ter mudado a sua residencia para Mafra e pelo estado melindroso da sua saude, foi este nosso estimavel consocio obrigado a affastar-se dos trabalhos desta Associação que muito amava por ser a instituição dilecta de seu extremoso pae; porém quando se organisou o nosso Museu, provou a sua competencia e actividade prestando serviços que lhe mereceram o titulo de socio honorario.

O socio correspondente o sr. Jules Meili, fallecido em Zurich.

Foi um numismata muito distincto e intelligente colleccionador que se dedicou com especialidade ao estudo das moedas portuguezas e do Brazil; publicando sobre o assumpto estudos de subido merito como provam as obras que teve a amabilidade de offerecer a esta Associação, todas primorosamente illustradas, e são as seguintes:

«Meio Circulante no Brazil—Primeira parte—As Moedas da Colonia do Brazil—1645 até 1822».

Segunda parte—«As Moedas do Brazil independente—1822 até 1900».

Terceira parte—«A Moeda Fiduciaria no Brazil—1771 até 1900».

«Collecção Numismatica de Julio Meili—Moedas Portuguezas—Variedades de alguns exemplares ineditos—1900».

«Moedas Portuguezas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no continente Americano».

Perdemos um socio dedicado e os estudos numismaticos um cultor competente, assiduo e illustrado.

O socio correspondente o sr. João Herculano Rodrigues de Mou-

ra, fallecido em Macau onde estava exercendo o cargo de immediato da canhoneira RIO LIMA. Official distinctissimo da armada, prestou, durante a sua curta carreira, importantes serviços que lhe mereceram a distincção de ser agraciado com a commenda da Conceição e com differentes graus de outras Ordens Portuguezas. Tambem possuia, por lhe competirem por direito, as medalhas de prata de comportamento exemplar, e de bons serviços no ultramar.

Quando governou o districto de Diu, nomeou, por portaria de 2 de Dezembro de 1902, uma commissão encarregada de reunir, numa das salas dos Paços do Municipio de Diu, todas as inscrições em pedra, lapides tumulares, brazões d'armas nacionaes ou particulares, estatuas, columnas e finalmente, tudo que não estivesse nos seus respectivos logares e tivesse valor archeologico ou historico que sirva para a reconstituição do passado e atteste a heroicidade dos nossos maiores.

Esta notavel portaria, pela fórma e pelo fim que a determinou, acha-se transcripta no Boletim desta Sociedade a p. 22 do n.º 7 do tomo IX.

Na nossa Bibliotheca existe um dos ultimos trabalhos do nosso fallecido consocio. Esse importante estudo intitula-se «Inscrições Indianas em Cintra.—Notulas de archeologia historica e bibliographia ácerca dos templos hindus de Somnath—Patane e Elephanta». É um trabalho de valor que honra a memoria do illustrado consocio que infelizmente perdemos e de cujo merito muito esperavamos.

Pelo fallecimento destes nossos consocios foram votados sentimentos e transmittidos ás suas familias os pezames da Associação.

A importancia da archeologia revelou-se brilhantemente nos tempos modernos!

Com o auxilio da linguistica e da philologia reconstituiu as velhas civilisações, cujos vestigios eram até então enigmaticos, quasi ao mesmo tempo que o genio de Cuvier reconstituia as creações primitivas da terra!

Em epoca mais recente encontrou-se com a paleontologia em face do grande problema das origens da humanidade; mostrou-nos os primitivos habitantes da Europa além da historia e da tradição, e uma successão chronologica de periodos representados pela idade de pedra, pela idade de bronze e pela idade de ferro!

Por um encadeamento natural, logico e necessario somos condu-

zidos pela archeologia ao estudo da natureza e das leis que regem os seus phenomenos; estudo indispensavel para a comprehensão clara e scientifica da humanidade, sua evolução e progresso social; a profun- dar os mysterios dos tres reinos, mineral, vegetal e animal, distribuidos pela superficie do nosso globo e tão intimamente ligados entre si, que não se pôdem conceber nem explicar independentes uns dos outros.

A existencia do nosso planeta, a evolução geologica, todos os phenomenos da physica terrestre, a biologia universal, tudo está su- jeito aos mesmos principios, ás mesmas leis; depois de as estudar e de- finir, com o espirito despreoccupado, é que podemos comprehender que relação ha entre a humanidade e a natureza, que logar e que des- tino lhe cabe no universo.

O ideal do espirito humano vae no sentido da philosophia positi- va; tomando-a por base e orientação, continuará esta Real Associação a prestar os serviços que della espera a sciencia e a manter com lustre os creditos que durante a sua larga existencia de quarenta e tres an- nos, terminados em 22 de Novembro ultimo, tem mantido com isenção, digna e honradamente.

Sala das sessões da Real Associação, 30 de Dezembro de 1907.

O Vice-Presidente—*Rosendo Carvalho*

*José Alexandre Soares*

*Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*

*J. V. Mendes Guerreiro*

*Gabriel Pereira*

*José Joaquim d'Ascensão Valdez*

*João Rodrigues Fernandes*

*Victor Ribeiro*

O Secretario—*Eduardo Augusto da Rocha Dias*

O Relator—*Visconde da Torre da Murta*



## REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

### ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 32

Sessão de Assembléa geral em 14 de Abril de 1908.

Presidencia—Rosendo Carvalheira.

Secretario—Gustavo de Matos Sequeira.

Vice-Secretario—Victor Ribeiro.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e um quarto da noite estando presentes, alem da mesa, os dignos socios, Mr. Elviro dos Santos, Jesuino Arthur Ganhado, Sebastião da Silva Leal, Dr. Arthur Lamas, Antonio Cesar Mena Junior, D. José Pessanha, Francisco Soares O'Sulivand e Julio Augusto Ferreira.

Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente, declarando aberta a sessão, diz julgar do seu dever, mesmo antes da leitura da acta, communicar á Assembléa a fórma como desempenhou o mandato que lhe fora conferido, empregando, junto do sr. Rocha Dias, todas as diligencias possiveis no sentido de o dissuadir da sua escusa do cargo de secretario. Nada conseguiu. Naquelle nosso digno consocio encontrou a melhor bôa vontade em continuar a prestar-nos os seus serviços, mas a maior intransigencia em continuar a exercer o cargo de que se demitira, alegando como motivo a falta de saude que o priva de, por ora, comparecer e frequentar ainda esta associação, o que fará gostosamente logo que algumas melhoras o permitam. Em vista destas declarações julga o orador que se torna indispensavel a sua substituição cabendo á Assembléa o encargo de eleger o novo secretario, frisando a importancia de tal cargo que por esse motivo não pode continuar desocupado.

Passa-se em seguida á leitura da acta, finda a qual pede a palavra o digno socio Mr. Elviro dos Santos que declara ter sido elle o primeiro a dizer que retirava as duas ultimas propostas que apresentara na sessão anterior, e não que se tinham retirado por proposta do

sr. Ganhado como na acta se dizia. Mais uma vez, diz ainda o mesmo senhor, protesta contra a maneira de proceder do sr. Presidente, trazendo á discussão da Assembleia os assumptos cuja discussão compete ás respectivas secções e não a ella, entendendo, por isso, que o sr. Presidente sae fóra da sua esphera de acção apreciando esses assumptos. Pede ainda que se exare na acta um voto de sentimento pela saída do sr. Rocha Dias, que é logo aprovado pela assembleia, e propõe que este senhor seja eleito secretario perpetuo e honorario.

O Sr. Presidente, tomando a palavra, diz que os alvitres de Mr. Elviro dos Santos serão tratados a seu tempo, e com referencia ás apreciações feitas á mesa e, em especial, a elle presidente, a seu tempo tambem responderá.

O digno socio sr. Arthur Lamas pede a palavra sobre a acta e propõe que della se elimine o termo *caróla* que acha destoante, ao que o sr. Presidente declara que esse termo, sob o ponto de vista associativo, já ha muito estava dignificado, com o que a assembleia concorda, manifestando-se no sentido de que essa palavra não fosse riscada.

Aprovada a acta com as alterações acima apontadas, passou-se depois á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

1.º—Carta do sr. Rocha Dias agradecendo as referencias honrosas e as homenagens de consideração que lhe teem sido feitas pelo que manifesta á Assembleia o seu reconhecimento e lhe junta a promessa de voltar em breve e prestar á Associação todo o seu auxilio.

2.º—Carta do digno socio sr. Ernesto da Silva, pedindo ao vice-secretario, sr. Victor Ribeiro, o desculpe perante a assembléa de não poder comparecer á sessão.

3.º—Carta-officio do Sr. Visconde da Torre da Murta, pedindo tambem desculpa de não comparecer á sessão, por motivo de falta de saude, e remetendo á mesa a proposta de uma casa editora franceza para a aquisição de uma publicação sobre a *Historia do Bordado*, desde o seculo XI até a actualidade, que o signatario julga de interesse secundario para a Associação e cujo elevado preço lhe parece estar fóra da dotação da bibliotheca. Lembra igualmente no mesmo officio, este nosso digno consocio, a necessidade de pôr, nos seus devidos logares, os retratos a oleo dos fallecidos socios Conde de S. Januario

e Valentim José Correia, os quaes existem arrecadados nesta associação, em risco de se deteriorarem, colocação essa que elle, signatario, entende não só de conveniencia material como tambem de justa deferencia, retribuição e apreço ao trabalho e ao dedicado desinteresse do nosso illustrado consocio sr. Felix da Costa.

O sr. Presidente, tomando então a palavra, diz que é de toda a justiça essa homenagem e que decerto o sr. Felix da Costa não ficaria satisfeito de ver o seu trabalho em riscos de se perder sem garantias de segurança. E' portanto digno de todo o aplauso o alvitre do sr. Visconde da Torre da Murta que nos incita a acabar com o eterno adiamento portuguez julgando, elle orador, de toda a conveniencia que até Junho ficassem postos os retratos nos seus devidos logares. Continuando no uso da palavra, o sr. Presidente, confessa com magua a culpa que lhe cabe por ainda não ter ultimado o elogio, cuja factura lhe foi incumbida. Nem elle nem o sr. Marques Pereira, encarregado do elogio do sr. Conde de S. Januario, apresentaram os seus trabalhos, mas entendendo que a ordem hierarchica deve, até nisto, ser observada, parece-lhe que primeiramente se deveria fazer o do sr. Conde de S. Januario, que foi nosso presidente e que apoz a apresentação desse trabalho elle, orador, apresentaria immediatamente o que lhe fora incumbido.

O sr. D. José Pessanha, offereceu-se, nesta altura, para procurar o sr. Marques Pereira e obter deste cavalheiro informações sobre o facto, empregando todas as diligencias para que o elogio se conclua e seja entregue e lido á associação. Torna seguidamente a usar da palavra o sr. Presidente, que, continuando a analisar os alvitres e as communicações do sr. Visconde da Torre da Murta, declara julgar, como o signatario do officio, que não temos verba disponivel para aquisição do livro sobre a *Historia do Bordado* a que aquelle officio se refere, podendo entretanto fazer-se uma permuta com o nosso boletim, ao que o sr. Victor Ribeiro observa já se achar publicada toda a obra e não nos ser, por isso, conveniente fazer essa proposta ao seu autor ou á casa editora.

Lido e apreciado, desta maneira, o expediente, declara o sr. Presidente ir passar-se á eleição do cargo de secretario.

Sobre esse assumpto, pede a palavra Mr. Elviro dos Santos propondo para ser eleito por aclamação o signatario desta acta. O Sr. Presidente declara associar-se immediatamente a essa ideia, não podendo

entretanto deixar de dizer que sendo fiscal das praxes da assembleia tem de lembrar á mesma o processo de escrutinio que em taes casos é preconizado. Neste caso especial porém, em que ha a prestar uma homenagem merecida, associa-se, pela sua parte, incondicionalmente á simplicidade e justiça dessa eleição que julga estar no espirito de todos e, referindo-se ainda elegiosamente ao socio proposto, põe á votação da assembleia a proposta de Mr. Elviro dos Santos.

E' aprovada por aclamação.

Seguidamente pediu a palavra o signatario desta que agradece a todos os presentes a homenagem imerecidissima que lhe foi feita e em especial ao digno socio proponente e ao sr. Presidente da mesa pelas elogiosas referencias que lhe foram feitas. Diz receiar bastante que a sua incompetencia seja agora, mais do que nunca, claramente patenteada vindo substituir o sr. Rocha Dias que foi inexcedivel de zelo, dedicação e competencia no exercicio do seu cargo. Seguiu-se-lhe, no uso da palavra, o sr. Presidente que declarou ter sido a eleição um acto de justiça e não um favor. Sua Ex.<sup>a</sup> faz a apologia da acta, quando feita como documento registrador da vida associativa. Consultando os nossos boletins vemos, gostosamente, terem já transitado pela nossa Associação muitas ideias hoje realisadas e reputadas como novas (apoia-dos). Todas as brilhantes iniciativas que nos tem honrado, ahi apparecem registadas e documentadas, concluindo por dizer que se congratulava mais uma vez com a escolha feita pela assembleia.

Ultimada a ordem da noite, o sr. Presidente declara ter sobre a mesa duas interessantes obras, offerecidas á bibliotheca da Associação, uma, sobre o porto de Leixões, firmada pelos srs. Adolfo Loureiro e Santos Viegas e outra do sr. Dr. Arthur Lamas sobre a medalha commemorativa do casamento de el-Rei D. João VI com D. Carlota Joaquina. Ambos os oferentes, diz o orador, já não é a primeira vez que brindam a Associação com trabalhos de valor, e tanto a um como a outro devemos consignar na acta o nosso agradecimento. O sr. conselheiro Loureiro é um socio que nos honra e que a par de uma competencia indiscutivel na sua especialidade possui a envergadura do verdadeiro literato como o atestam as suas *Viagens a Napoles*. O sr. dr. Arthur Lamas é um novo que começa a ser velho. A elle devemos

a catalogação e a colecionação das nossas moedas, e do seu zelo e competencia muito devemos esperar.

Aproveitando a ocasião o sr. Presidente declara ter ainda sobre a mesa um convite para a homenagem ao falecido architecto Domingos Parente da Silva que se deverá realizar no proximo domingo, ao meio dia, devendo-nos dar todos nós por convidados e congratulando-nos por não termos sido esquecidos. Representando outro agrupamento associativo, diz sua Ex.<sup>a</sup>, ter de lá ir podendo conjunctamente representar a nossa Associação, se a assembleia assim o julgar conveniente não impedindo de modo nenhum esta sua lembrança a comparencia de quaesquer outros socios.

E approvada esta proposta.

Por declaração da mesa, passa-se em seguida á analyse da proposta do Mr. Elviro dos Santos e o sr. Presidente diz que se associa, de bom grado, a todas as homenagens feitas ao sr. Rocha Dias, mas não pode deixar de dizer que, como principio, começa a abominar as perpetuidades, mesmo quando ellas representem um preito merecido. Entretanto, com prazer, não lhe repugna fazer uma excepção. Declara-o desde já á assembleia. Ella, como soberana, que decida e elle, orador, irá com a sua opinião sendo necessario frisar que ha, ás vezes, correntes de simpatia que mais tarde obrigam a reconsiderações e dão logar a terriveis incongruencias. A remodelação dos nossos estatutos, por exemplo, pode vir um dia, e então succederia aos cargos perpetuos o mesmo que succedeu ás missas perpetuas que acabaram a despeito de todas as clausulas. Acha o caso de relativa gravidade e por isso, conclue sua Ex.<sup>a</sup>, pede á assembleia que se manifeste.

Pede a palavra o sr. O'Sulivand: declara estar de acordo com todas as homenagens feitas ao sr. Rocha Dias, o que não o impede de dizer que lhe parece estarmos em erro quanto á proposta do Mr. Elviro dos Santos; crê que os estatutos estão omissos nesse ponto e não devemos, julga sua Ex.<sup>a</sup>, ir crear um cargo novo.

O sr. Ganhado, pedindo a palavra diz abundar nas mesmas ideias do orador procedente, achando que o dar-se uma menção honrosa ao sr. Rocha Dias e o nomea-lo secretario honorario seria mais consoante os estatutos que nos regem e constituiria um galardão merecido.

Toma a palavra o sr. Julio A. Ferreira que declara associar-se á proposta do Mr. Elviro dos Santos tanto mais que já em tempo propuzera que se nomeasse aquelle nosso digno consocio secretario perpetuo e cita em abono da sua ideia o facto de Luciano Cordeiro o ter sido na Sociedade de Geographia. Congratula-se portanto com ella e lembra que se faça igualmente a mesma distincção aos srs. Visconde da Torre da Murta e Ernesto da Silva.

Mr. Elviro dos Santos, pedindo a palavra, diz concordar e conformar-se com as palavras do sr. Presidente e que a sua ideia era que a nomeação fosse apenas honoraria, proposta esta que a mesa declara ir por á votação, pedindo, nesta altura, a palavra o sr. O'Sulivand. Este nosso digno consocio começa por dizer que não concorda com a nomeação de secretario perpetuo ou honorario e que entende que as honras do trabalho se deem a quem trabalha. Tem liberdade para insistir neste ponto porque foi elle quem propoz que se fizesse ainda uma segunda tentativa para demover o sr. Rocha Dias e se não desistisse logo ao primeiro insuccesso. Acha, sua Ex.<sup>a</sup>, que lhe pagámos no que podemos e que esse cargo novo pode trazer de futuro, complicações associativas, sentindo divergir do sr. Presidente, que muito considera e admira.

Pede a palavra o sr. D. José Pessanha — Sua Ex.<sup>a</sup> declara estar de accordo, com os oradores precedentes, apenas n'um ponto e é elle que a associação tem o dever de galardoar os serviços do sr. Rocha Dias. Se nos guiarmos pelos estatutos fazemos o que devemos e o capitulo 8.º fala claramente sobre o assumpto. No seu entender o que podemos dar ao sr. Rocha Dias é o titulo de socio benemerito.

O sr. Dr. Arthur Lamas, pedindo a palavra, lembra ainda o ofrecimento de uma medalha de cobre, o que já não era a primeira vez que se fazia, em circumstancias identicas.

Mr. Elviro dos Santos fala, instando ainda pela sua proposta que acha natural e corrente, mas não querendo crear dificuldades desiste della em proveito da que a assembléa julgar melhor; seguindo-se-lhe no uso da palavra o sr. Presidente que menciona o facto do sr. Rocha Dias ser já socio honorario, razão pela qual aprova a ideia do sr. D. José Pessanha, que nos coloca dentro da lei; tornando-se portanto necessario que se concretisem em uma só as ideias alvitradas.

O sr. J. A. Ferreira, pedindo a palavra, propõe que dado que a proposta do sr. D. José Pessanha seja aprovada, elle orador pede para

se aprovarem, similhantemente, as nomeações de socios benemeritos para os Srs. Visconde da Torre da Murta e Ernesto da Silva, ficando, por este modo, modificada a sua proposta primitiva.

Declara o sr. Presidente que resolvida esta primeira nomeação se irão analisar as do digno socio Julio A. Ferreira, que desse modo já encontra base para as justificar, e põe á votação o alvitre do sr. D. José Pessanha, depois de este nosso digno consocio ter, pela leitura do artigo citado dos estatutos, elucidado suficientemente a assembleia quanto aos casos a que competem os titulos de honorarios e de benemeritos.

Finda essa leitura é aprovada a eleição do sr. Rocha Dias para socio benemerito.

Seguidamente o sr. Presidente diz ir tratar-se das propostas do sr. J. A. Ferreira, que, em virtude da aprovação que a assembleia acaba de dar á proposta do sr. D. José Pessanha, tem já um precedente a justifica-las. Invocando-se serviços prestados qualquer destes socios os tem e valiosos. Tanto o logar de bibliothecario como o de thesoureiro, são espinhosos e trabalhosos e não é facil encontrar-se quem os exerça tão devotadamente. Afigura-se-lhe pois de justiça, conclue sua Ex.<sup>a</sup>, fazer-se tal nomeação.

O sr. Ganhado pede a palavra e associando-se ás propostas feitas pelo seu digno consocio J. A. Ferreira, encontra nellas ocasião para falar dos socios honorarios, a quem alguns discutem a competencia para exercer cargos de eleição, excluindo-os das suas propostas. Vê, por isso, com prazer que se lhe vão reconhecendo os meritos e que se vae trilhando o caminho encetado pelo fundador desta associação, que a desenvolveu com admissão desses prestimosos collaboradores. Não vê, diz sua Ex.<sup>a</sup>, razão para se desdenhar dos socios honorarios e declara-se satisfeitissimo com as propostas apresentadas e com as palavras elogiosas do sr. Presidente que nellas reconheceu excellentes aptidões e qualidades notaveis de intelligencia.

O sr. Julio A. Ferreira pede a palavra e aplaude as ideias do sr. Ganhado não vendo, como sua Ex.<sup>a</sup>, razão para que os socios honorarios não exerçam cargos; concluindo o sr. Presidente por dizer que o facto apontado pelo mesmo sr., vem provar que Possidonio da Silva tinha a previsão e a presciencia do que havia de succeder e que são indiscutiveis os bellos resultados praticos que se tem obtido com a aquisição desses socios.

Postas á votação as duas propostas do sr. J. A. Ferreira, a assembleia approva-as por unanimidade e, em seguida, o sr. Presidente depois de applaudir a franqueza com que o sr. O'Sulivand expõe as suas ideias e discorda abertamente das opiniões contrarias, declara passar-se á segunda parte da ordem da noite que se refere á proposta de Mr. Elviro dos Santos, sobre a aparição d'uma lapide existente na Camara Municipal, num predio na rua do Arco do Marquez d'Alegrete.

Sobre este assumpto, diz o mesmo orador que visto não estar ainda feito o respectivo parecer, parece-lhe ser licito communicar á assembleia alguns esclarecimentos sobre o facto. Parece ter havido um accordo entre o proprietario do predio e o sr. Monteiro architecto da Camara que é um cavalheiro illustradissimo e em cujas mãos julga o negocio bem colocado.

A inscripção vae para a esquerda do logar que primitivamente occupava, mas elle, orador, lembrou a conveniencia de lhe juntar um gráfico, como no estrangeiro tem visto fazer, marcando o ponto exacto em que se encontrava, o que torna facilima a reconstituição, vendo-se immediatamente a reposição local, pela leitura da planta.

Demolido o passo como já está resolvido, podemos dormir descansados sobre o fim da inscripção.

Estando esgotada esta parte da ordem da noite Mr. Elviro dos Santos retira-se deixando sobre a mesa as seguintes propostas, as quaes seguidamente são lidas á assembleia pelo vice-secretario sr. Victor Ribeiro.

*1.<sup>a</sup> Proponho, que a Assembleia Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes eleja uma commissão de tres socios effectivos com o fim de procurar o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Conselheiro Augusto José da Cunha, e saber se deseja ou não continuar a ser Presidente da mesma Associação; no caso affirmativo pedirá para assistir ás sessões; no caso negativo proceder-se-ha á eleição d'outro Presidente.*

*Lisboa, sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes 14 d'Abril de 1908.*

*O socio effectivo — Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*

*2.<sup>a</sup> Constando pela imprensa, que a fachada da igreja da Conceição Velha d'esta capital vae em breve ser lavada, proponho que a as-*

*sembleia geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes eleja uma commissão de tres socios effectivos com o fim de procurar o Ex.<sup>mo</sup> sr. Ministro das Obras Publicas, e pedir, que em vez da lavagem da fachada se abra concurso entre os artistas nacionaes para o remate da mesma, e demolição do celebre frontão, que a encima, em harmonia com a proposta feita por mim ha poucos annos. Está concluido o desenho da referida fachada mandado fazer pelo Ministerio das Obras Publicas.*

*Lisboa, sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes 14 de Abril de 1908.*

*O socio effectivo — Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*

Sobre o assumpto destas duas propostas estabeleceu-se na Assembleia viva discussão, tomando a palavra os srs. Presidente e vice-secretario da mesa, e os dignos socios, srs. O'Sulivand e D. José Pessanha, resolvendo-se não admittir á votação a primeira proposta, visto não haver motivo algum para se fazer semelhante intimação ao Presidente da Associação, e ter esta para o substituir, nas suas funções, dois vice-presidentes; e quanto á 2.<sup>a</sup> foi adiada a sua apreciação para a proxima reunião da Assembleia, por carecer a discussão desse documento de alguns dados illucidativos que só o digno socio proponente poderá fornecer.

Sobre este assumpto pediu a palavra o sr. Victor Ribeiro, que declara penitenciar-se da opinião expendida no seu livro «A Misericordia de Lisboa.» Hoje é de opinião que o edificio deve ser conservado tal como está e tudo quanto se fizer, diz sua Ex.<sup>a</sup>, será adulterar aquella pagina truncada da nossa architectura e, aproveitando a concessão da palavra que lhe fora feita informa a assembleia que o boletim está proximo a sahir e que nelle vem inserto um bello artigo do sr. Mendes Guerreiro, ornado de muitas e magnificas gravuras. Outro factó que passou despercebido na sessão anterior e de que elle deseja dar conhecimento á assembleia, foi a apresentação de parte do catalogo dos azulejos, feito pelo sr. José Queiroz e que este senhor entregou á sahida ao continuo, para ser publicado no boletim. O catalogo da livraria tambem está quasi concluido, tendo havido entre elle, orador, e o sr. visconde da Torre da Murta, algumas combinações com referencia á metodisação dos verbetes, parecendo-lhe que seria conveniente ser tal duvida presente á commissão que foi nomeada para cui-

dar dessa catalogação. O mesmo orador faz notar ainda, uma publicação curiosa de que teve conhecimento, sobre a *Architectura Portugueza*, subscripta por D. Watson e editada pela casa *Constable*, de Londres. Ignora o valor do trabalho, porque apenas teve tempo para o folhear, mas as gravuras que o ornam são excellentes.

O sr. D. José Pessanha pedindo a palavra, diz que o exemplar dessa obra que foi para a Academia de Bellas-Artes, lhe deu tambem a mesma impressão favoravel quanto ao aspecto e quanto á maneira como está illustrado, declarando tambem que apenas folheára a obra, não podendo fazer sobre ella nenhum juizo seguro, a não ser que achou bastante deficiente a resenha bibliographica que a acompanha.

Pede a palavra, nesta altura o sr. J. A. Ferreira, para informar que os trabalhos da commissão revisora de contas se acham concluidos, faltando apenas acabar a elaboração do respectivo relatorio e aproveita o ensejo para agradecer a sua nomeação para tal trabalho, visto não estar presente na sessão em que essa nomeação foi feita.

O sr. D. José Pessanha pede ainda a palavra, para propor que na acta se consigne um voto de agradecimento ao sr. José Queiroz pela catalogação dos azulejos que a associação possui e com referencia á obra citada pelo sr. Victor Ribeiro, lembra ainda que a associação adquira um exemplar desse trabalho, que é interessante, antes que mais não seja como documento para provar como somos conhecidos no estrangeiro. São approvadas por aclamação ambas as propostas.

Seguidamente o sr. Presidente, depois de patentear algumas photographias da extincta abbadia de S. Salvador de Bravães, que é um bello monumento architetonico em estilo romano bisantino, a qual fica entre as villas da Barca e Caminha, faz differentes considerações acerca dos escassos meios de que dispõe a associação e lembra, para ser tratada opportunamente e convenientemente discutida, a maneira de solicitar do governo um subsidio, pequeno que fosse, para desafogar um pouco mais a nossa situação financeira.

Não havendo depois mais assumptos a tratar foi encerrada a sessão.

Eram 11 horas e meia da noite.

O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

## ACTA N.º 33

Sessão de Assembleia geral de 25 de Maio de 1908.

Presidencia — Rosendo Carvalheira.

Secretario — Gustavo de Matos Sequeira.

Vice-Secretario — Victor Ribeiro.

Foi aberta, a sessão, ás 9 horas e dez minutos da noite, estando presentes, alem da mesa, os dignos socios srs. Visconde da Torre da Murta, Jesuino Arthur Ganhado, Ernesto da Silva, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Francisco Soares O'Sulivand, D. José Pessanha, Dr. Arthur Lamas, Sebastião da Silva Leal, Mr. Alfredo Elviro dos Santos, Antonio Cesar Mena Junior, José Alexandre Soares e Julio Augusto Ferreira; passando-se logo á leitura da acta, que foi feita pelo signatario desta, finda a qual o sr. Presidente concedeu, sobre ella, a palavra ao sr. Victor Ribeiro.

Declarou este senhor ter apenas a fazer uma reflexão sobre esse documento e é ella julgar dever substituir-se o termo *repór*, ali empregado com referencia á inauguração dos retratos dos socios falecidos, pelo termo *pór*, que melhor exprime a verdade, mencionando tambem que, por lapso, não se encontra na acta exarado o alvitre do sr. D. José Pessanha sobre a aquisição da interessante revista portuense «A arte» — Em seguida o sr. Presidente, depois de fazer algumas referencias elogiosas ao signatario desta, declarou á assembleia que entende dever-se dar primacia, sobre todos os assumptos a tratar e sobre a propria leitura do expediente, ao acto solemne da entrega dos respectivos diplomas aos novos socios benemeritos de quem faz um caloroso e sentido elogio. Diz sua Ex.<sup>a</sup> que seria pleonasmio tentar esboçar os tópicos biographicos desses nossos illustres consocios, que são por assim dizer as raizes primordiães da arvore associativa por onde mais exuberantemente tem corrido a seiva que nos sustenta. Referindo-se ao sr. visconde da Torre da Murta cita, a par da devoção que lhe tem merecido todos os assumptos associativos, os primorosos relatorios de cuja elaboração elle tem o segredo, onde ha passagens didacticas de alto valor e a sua palavra elegante e artista que mais de uma vez nos tem deliciado. Falando do sr. Rocha Dias, elogia o

mesmo orador, este nosso illustre consocio, pelas suas poderosas faculdades de trabalho e pelo seu entusiasmo por tudo quanto diz respeito á nossa Associação, attribuindo-lhe a criação de um genero novo em literatura a que bem pode chamar-se literatura associativa. Com referencia ao sr. Ernesto da Silva, a quem nos habituamos a ver embranquecer no serviço desta associação, classifica-o como feliz herdeiro do honrosissimo legado paterno. Ao praticarmos estes actos de justiça, continua o sr. Presidente, bom é de notar que os honrados somos nós, não elles, e que estes actos de justiça são como ephemerides doiradas da nossa vida associativa.

Pede a palavra o sr. Visconde da Torre da Murta, que declara não saber como agradecer a honra que lhe fizeram. Foi uma surpresa grata que estava longe de esperar porquanto os seus serviços, embora prestados com bôa vontade, não tem a valia que a gentileza dos seus consocios lhes atribue. Agradece de todo o coração essa honra á Assembleia e principalmente ao sr. Ferreira, que teve a lembrança de o propôr para socio benemerito, e ao sr. Presidente pelas suas referencias elogiosas.

Pede a palavra o digno socio sr. Ernesto da Silva que agradece á Assembleia a honra que immerecidamente lha conferiu lembrando-lhe, porém, que essa honra é talvez ainda um reflexo dos serviços prestados por seu pae, e de que elle ainda vem a usufruir a consideração que lhe votavam tal como acontece com os titulos nobiliarchicos, que os reis concedem aos seus mais prestimosos servidores e cuja mercê ainda vem, mais tarde, beneficiar o seu primogenito. Esta Associação galardoou os serviços de seu venerando pae com uma medalha de oiro, unica que para esse fim se tem cunhado, e agora, não esquecendo a gratidão que devem á sua memoria, quizeram continuar essa demonstração de apreço honrando-o, a elle orador, com o titulo de socio benemerito. Agradece as palavras do sr. Presidente, sempre benevolo para com os seus fracos prestimos e aproveita a occasião para communicar á Assembleia que, de accordo com seu irmão Licinio da Silva, antigo socio honorario, vem offerecer, á Associação, as colleções aqui depositadas do Archivo de Architectura, 1.<sup>a</sup> série, annos de 1864-66 e da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries da Revista de Architectura e Archeologia, anno 1874 a 1883. Se acaso, continua o mesmo orador, a vida lhe faltar antes da coordenação desses exemplares, ficarão da mesma forma, propriedade da Associação.

Pede a palavra o sr. Rocha Dias que diz já ter enviado á mesa, na sessão anterior, um officio agradecendo todas as manifestações de apreço que lhe tem sido feitas e em especial ao sr. D. José Pessanha e ao sr. Presidente. Julgava pois que com esse agradecimento tinham terminado as apreciações aos seus diminutos serviços. Não foi assim porém. O diploma que lhe foi conferido obriga-o a agradecer de novo tão grande honra, declarando que não sabe como de futuro hade poder confirmar esse alto conceito que immerecidamente delle fazem.

Seguidamente o sr. Presidente, tomando a palavra declara não poderem ser, aquelles nossos dignos consocios, juizes em causa propria e que tudo quanto lhes fizermos será pouco em comparação dos muitos serviços que lhes devemos. Com referencia á offerta do sr. Ernesto da Silva, que mais uma vez vem confirmar a devoção que este nosso socio consagra á Associação, cumpre-lhe agradecer, em nome da assembleia, fazendo votos para que, sem a nota triste do descabro da sua preciosa saude, possa completa-la. Sua Ex.<sup>a</sup> declara, por fim que cumprido este grato dever, que se antepôs á ordem da sessão, vai passar-se á leitura do expediente.

Nesta altura da sessão pede, porém, a palavra Mr. Elviro dos Santos, ainda sobre a acta, e propõe que nella se transcreva a proposta por elle feita, que não foi admittida á discussão. Entende que essa commissão, por elle alvitada, para procurar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Augusto José da Cunha, não seria uma intimação mas apenas um acto administrativo. Quanto á outra proposta diz que extranha as opiniões expendidas pelo sr. Victor Ribeiro, trocando-se em seguida algumas palavras entre o orador e o sr. Presidenté que lhe observa que deve restringir as suas observações á analyse da acta, o que o orador impugna porque a demora da discussão de outros assumptos retardará a sua proposta para quando elle orador se tiver retirado.

Em seguida é approvada a acta da sessão anterior com as emendas e adições que se mencionaram. Passa-se em seguida á leitura do expediente que constou dos documentos seguintes:

1.º—Officio da Direcção Geral dos Correios e Telegraphos solicitando auctorisação para os congressistas estrangeiros ao Congresso Telegraphico Internacional poderem visitar o nosso museu, mediante apresentação de um simples-bilhete de identidade cujo modêlo envia conjuntamente.

2.º—Cartão de convite da Academia de Sciencias de Portugal,

convidando a nossa Associação a fazer-se representar á sua sessão inaugural.

Sobre o primeiro documento o sr. Presidente informou a assembleia, ter-se respondido em sentido afirmativo, facultando gratuitamente o museu aos congressistas, decisão esta de que elle orador tomou toda a responsabilidade por entender ser de toda a vantagem tal concessão. Não sabe se exorbitou. A assembleia o julgará.

Para melhor elucidação do assumpto foi lido pelo signatario desta acta o officio em resposta áquelle e tambem o officio em que a Direcção Geral dos Correios, agradecia á nossa Associação a amabilidade e rapidez dessa concessão.

Sobre o segundo documento informa o signatario desta, não ter chegado a tempo de nos fazermos representar na sessão inaugural daquelle Academia, tendo-se agradecido, porém, a amabilidade do convite n'um officio que, pelo mesmo, é lido á assembleia.

Seguidamente passa-se á leitura dos documentos enviados com o respectivo parecer, do Conselho Facultativo e que foram os seguintes:

1.º Pedido de demissão do Presidente da delegacia em Braga (Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manuel José Martins Capella) e apresentação, feita pelo mesmo de 2 propostas para socios correspondentes dos srs. Vasco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, de Braga, amator de archeologia, e do sr. José de Azevedo e Menezes, de Famalicão, genealogista e investigador.

A assembleia conformou-se gostosamente com o parecer do Conselho, no que dizia respeito á approvação da 2.ª parte desse documento, com referencia ás propostas, ficando esperada para ter votação em outra sessão a 1.ª parte que se refere á demissão do presidente da delegacia em Braga, por se ter provado, por esclarecimentos feitos pelo Mr. Elviro dos Santos, ter havido erro de interpretação no parecer do conselho, que decidira instar-se ainda, officiosamente, pela desistencia de tal proposito, e não a aceitar-a como por lapso se dizia no parecer.

2.º—Parecer favoravel do Conselho Facultativo com respeito á proposta feita, em assembleia geral pelo seu presidente para se nomear socio correspondente o distincto archeologo italiano sr. Canizarro e que o mesmo Conselho enviava á assembleia geral para que fosse apreciado.

Posta á votação, pelo sr. Presidente, é aprovada tal proposta, por aclamação.

3.º Ofício do secretario da delegação desta associação em Leiria, communicando a sua instalação e enviando copia da sessão inaugural, patenteando ao mesmo tempo á Associação a necessidade de se instar superiormente para a cedencia de um dos templos da Pena ou de S. Pedro para séde da mesma delegacia. Junto a este documento achava-se o parecer do Conselho Facultativo que tomava a honrosa iniciativa daquelles nossos consocios e propunha inquirir-se officiosamente, pelo sr. Gabriel Pereira, membro da comissão dos monumentos nacionaes, da veracidade do facto, apontado na referida acta, de ter a mesma comissão alugado o templo da Pena para um deposito de trapo.

Posto á votação foi aprovado este parecer.

4.º Officios do secretario da mesma delegacia communicando, o primeiro, alguns actos vandalicos cometidos nas ruinas do castello daquelle cidade e pedindo providencias, e o segundo dando contas de estas já terem sido tomadas e inquirindo da mesa se devia ou não arrancar a hera que revestia as ruinas do castello e transportar para o museu uma inscripção romana e alguns cippos que se acham na igreja da Pena.

Consultada a assembleia foi de opinião se approvasse o parecer do Conselho Facultativo, que acompanhava esses documentos, no sentido de não ser arrancada a hera das ruinas do castello, nem transportadas para o museu a inscripção e os cippos desde o momento em que se encontrassem nos logares proprios e primitivos.

5.º Carta do socio efectivo sr. Antonio do Couto pedindo a sua demissão.

6.º Carta do socio efectivo sr. José Navarro de Paiva Pereira de Andrade, fazendo identico pedido.

Estes dois ultimos documentos, já aprovados pelo Conselho Facultativo, foram tambem aprovadas pela assembleia, dizendo o sr. Presidente que a associação não podia, de forma alguma, violentar ninguem, sendo decidido, porém, que juntamente com a aceitação dessas demissões, manifestassemos a esses cavalheiros o nosso sentido pesar por essa sua decisão.

7.º Parecer do Conselho Facultativo, ponderando á assembleia a necessidade urgente de colocar nos seus devidos logares os retratos dos falecidos socios Conde de S. Januario e Valentim José Correia,

reservando-se a sua solemne inauguração para quando estiverem concluídos os elogios respectivos.

Sobre o assumpto deste parecer tomou a palavra o sr. Presidente que elucidou a assembleia sobre as decisões tomadas na sessão antecedente, sendo, por fim, aprovado por aclamação o parecer do Conselho.

O sr. Rocha Dias, pedindo a palavra, declara ainda haver outro retrato nas mesmas condições, que é do falecido socio Joaquim José da Nova e comunica á assembleia que o sr. Felix da Costa se prometticava a vir retoca-los e coloca-los, declaração esta que foi confirmada pelo sr. Visconde da Torre da Murta.

Pede a palavra o sr. Silva Leal, sobre o assumpto dos retratos a qual lhe é concedida para depois da ordem da noite e em seguida é a sessão interrompida durante alguns minutos:

Reaberta a sessão é concedida a palavra ao sr. Visconde da Torre da Murta para a leitura do relatório da Comissão Revisora de Contas, sobre o qual o sr. Presidente toma, depois, a palavra, declarando que aproveita a ocasião para frisar a assembleia a situação economica da Associação que, como se viu, não se apresentando extremamente critica, não está todavia isenta de dificuldades a que é mister atender. Toda a associação que necessita de ampliar-se e que tem, como a nossa, encargos pesados, tem igual necessidade de augmentar e avolumar as suas receitas. São escassos os nossos meios, e por isso torna-se preciso pensar a serio, e isso se tornará assumpto de uma proxima reunião, no nosso estado financeiro. Cumpre-nos solicitar do governo um subsidio a que os serviços prestados pela associação têm direito. É um pedido legitimo que demais a mais já tem precedentes. Sua Ex.<sup>a</sup> continua advogando com calor este assumpto primacial, citando a regularidade da frequencia ao museu e lamentando não se poder tão bem quanto seria para desejar, tornar accessiveis os terraços, do que nos resultaria uma nova fonte de receita; concluindo por pôr á votação um voto de louvor ao digno Thesoureiro, o qual é aprovado por aclamação e que o sr. Ernesto da Silva, em seguida, agradece penhorado.

Em seguida o sr. Victor Ribeiro lê a proposta de Mr. Elviro dos Santos ao tempo que este digno socio apresenta sobre a mesa outro documento da mesma natureza.

A proposta é a seguinte:

*No Largo da Magdalena d'esta capital existe um predio, que tem*

*entrada pela Travessa das Pedras Negras n.º 1, do lado da Travessa do Almada e juncto ao chamfro do demolido Arco de D. Thereza existem na parede na altura do primeiro andar quatro lapides ou cippos, que foram encontradas em 1749 (?) na occasião em que o proprietario João d'Almada mandou abrir os cavoucos para o referido predio.*

*Alli se tem conservado intactas até ha poucos dias; muitos dos nossos principaes archeologos taes como D. Thomaz Caetano do Bem, Vilhena Barbosa, Visconde de Castilho, etc. tem se occupado d'ellas; são monumentos preciosos do dominio romano em Lisboa.*

*Succede, porém, que ha poucos dias foram pintadas com alvaiade não só as cantarias das portas, janellas e cunhaes do primeiro andar do predio, contra o que dispõe o numero 4 do artigo 214 do Codigo de Posturas do Municipio de Lisboa, mas tambem as referidas lapides!*

*O actual proprietario do predio o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel de Castro Guimarães, morador no Pateo do Thorel d'esta capital, ignora, sem duvida, tal facto; é um cavalheiro illustradissimo, e por isso:*

*Proponho, que se eleja uma commissão de tres socios effectivos, que o procurem e peçam para mandar limpar as lapides, ou lhe peçam licença para serem depositadas no Museu da Associação, a fim de ficarem livres de qualquer profanação, de que possam de novo ser victimas.*

*Lisboa, sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes 25 de Maio de 1908.*

*O socio effectivo—Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*

Declara o sr. Presidente, finda a leitura, estar em discussão visto ser um assumpto já anteriormente tratado, devendo seguir esses tramites, no seu entender, de convenientemente discutido, cumprindo-lhe desde já esclarecer a assembleia que, nas estações officiaes, lhe disseram nada estar resolvido sobre a suposta lavagem da fachada do templo, julgando, por isso ser infundado o receio do proponente. O sr. José Alexandre Soares declara tambem nada lhe constar a tal respeito e quanto á planta, sabe que somente chegou a ser levantada a do estado actual em que se encontra aquelle edificio.

Para melhor elucidação é lida segunda vez a proposta e em seguida pede a palavra o sr. José Alexandre Soares. Este digno socio declara achar o assumpto extremamente espinhoso, visto não haver noticia historica que possa guiar o architecto na conclusão da fachada. Se alguma coisa se poderia propôr era a demolição do frontão classico

e das duas pilastras lateraes, mas isso traria difficuldades d'outra ordem. Aquella parte lateral do antigo templo e as duas janellas que a ladeiam, pediam é certo outro remate mas a igreja a que a fachada se encosta torna difficil tal substituição, e essas tres joias da architectura nacional devem, no seu entender conservar-se tal qual estão, cabendo-lhe bem a classificação de *ruínas mortas* que foi alvitrada no congresso de architectos em Madrid.

Mr. Elviro dos Santos, pedindo a palavra diz que a sua proposta já foi approvada e só pede para que ella vá ao governo e, quanto á conclusão da fachada, oferece-lhe dizer que alguma coisa ha escrito sobre a fachada primitiva. Algures o padre J. B. de Castro mencionava ter lá existido um campanario.

Seguidamente toma a palavra o sr. Presidente que declara estar em tudo de acordo com as ideias expendidas pelo sr. José Alexandre Soares. Possuimos uma pagina de esplendida architectura, simples pagina truncada de um livro de que não podemos obter o indice.

Tentar reconstituil-o é tarefa para fantasiosos somente. É certo que o frontão afronta a unidade do estilo, mas admite-se como moldura daquella obra de arte. É um simples paramento de silharia liza. Em muitos dos principaes monumentos deste genero observam-se factos analogos.

Na Cathedral de Milão, por exemplo, existem trechos classicos a par de pedaços de tradição gothica e o renascimento classico abraça-se a um conjuncto diverso. Por vezes, quando um vandalismo tem valor intrinseco, diz sua Ex.<sup>a</sup>, marca e define um periodo na separação de uma coleção artistica. Insistir neste ponto é collocaremo-nos n'uma situação difficil. Acha qualquer resolução muito grave e por isso julga dever, diz sua Ex.<sup>a</sup>, discutir este assumpto o mais possivel embora talvez saia da ordem a que se deve restringir; ao que o sr. D. José Pessanha, diz que o sr. Presidente está apenas dentro da verdade, e sua Ex.<sup>a</sup> conclue por dizer que aplaude as ideias do sr. José Alexandre Soares.

Usa da palavra, seguidamente o sr. D. José Pessanha. Diz que o sr. Presidente acaba de dizer com entusiasmo a verdade pura e simples e que o sr. Soares apresentou claras e precisas informações technicas sobre o assumpto. Nada por isso pode acrescentar de novo; porém, diz sua Ex.<sup>a</sup>, a sua posição official não permite que fique silencioso fazendo suas as palavras dos dois illustres architectos que o precederam na palavra.

Lamenta sinceramente que a Associação, a que ainda então não tinha a honra de pertencer, tivesse cometido a leviandade de aprovar a proposta de Mr. Elviro dos Santos. Não sabe se a uma coletividade ficaria mal reconsiderar n'uma decisão já tomada, diz sua Ex.<sup>a</sup>, mas parece lhe também que o não insistirmos mais na proposta talvez fosse tomado, nas estações officiaes, como uma reconsideração tacita. A não insistencia em tão importante assumpto é, sem duvida, já uma reconsideração (apoiados).

O sr. Presidente declara que não tem senão de louvar o obstruccionismo, e crê que todos fazem justiça á sinceridade do seu procedimento. Quanto aos dois modos de expressar a reconsideração, expostos pelo sr. D. José Pessanha, opta pela reconsideração expressa. Não vê inconveniente algum e o negocio arquivar-se-ha de vez empregando-se esse processo, porque sendo utilizada a reconsideração tacita tal archivação antolha-se difficil. A assumptos, como este, não se póde dar convalescença. Ou se lhes dá vida ou se aniquilam de vez.

O sr. José Alexandre Soares pedindo a palavra, aprova os alvitres do digno socio sr. Pessanha e no seu entender o silencio que as estancias officiaes teem guardado é bastante eloquente.

Pede a palavra o sr. Victor Ribeiro que declara mais uma vez penitenciar-se das ideias que outrora emittiu sobre a reconstrucção do templo e agora mais do que nunca depois de ouvir os oradores precedentes. Hoje segundo o seu criterio devemos dificultar todas as diligencias que se façam para reanimar a proposta e por isso propõe desde já que se declare na acta que nos abstemos de proseguir no assumpto. Nada ha que nos possa guiar na projectada reedificação. Todos os antiquarios se calam sobre esse assumpto e a propria porta ainda não se averiguou se era a principal ou se era a lateral. Da planta nada se conclue, pois mesmo nella ha elementos contraditorios. O campanario de que fala o padre Castro e a que se referiu o proponente devia talvez ser a velha torre da Misericordia, de que ainda hoje existem vestigios.

Toma a palavra o sr. Presidente que, fazendo um apello á assembleia, propõe que se resolva definitivamente o assumpto, travando-se a discussão na assembleia quanto á maneira de liquidar a responsabilidade da Associação na sua interferencia no assumpto sujeito, tomando a palavra os srs. D. José Pessanha, O'Sulivand, Ganhado e J. Alexandre Soares e, depois de lida outra vez a proposta acima transcrita,

é enviada á secção de Architectura, por proposta do sr. O'Sulivand, afim de ser devidamente informada.

Passa-se em seguida á leitura da proposta que Mr. Elviro dos Santos deixára sobre a mesa ao retirar-se, *referente a umas inscripções romanas existentes na parede d'um predio na Travessa do Almada.*

Finda a leitura o sr. Presidente, declara estar de accordo com a proposta excepto na parte que diz respeito á deslocação das inscripções visto que, deste modo, perderiam todo o valor local. Elle orador oferece-se para indagar do estado dos cippos e promover a sua conservação no sentido da proposta, o que a assembleia aceita e aplaude.

Ficando assim ultimada a ordem da noite e o expediente, declara o sr. Presidente, antes de encerrar a sessão, julgar dever agradecer ao sr. Julio Augusto Ferreira, nosso digno consocio, o oferecimento de uma collecção de jornaes onde tem publicado um valioso trabalho sobre archivos e bibliotecas, cujo valor bibliográfico é indiscutivel. Seguidamente o orador comunica á Assembleia as desagradaveis impressões que trouxe do estado em que se encontram alguns dos principaes monumentos historicos de Santarem onde teve de ir em commissão de serviço. É extraordinaria, diz sua Ex.<sup>a</sup>, a serie de vandalismos ali perpetrados, não se respeitando nem os propios ossuarios. O convento de S.<sup>a</sup> Clara, já demolido, presagia ao templo igual destino. Para aproveitar as alvenarias em construções, teem-se praticado as maiores atrocidades artisticas. A Capella-mór serve de palheiro. Santarem, continua o mesmo sr., tem um aspecto deploravel e é mister que se evite, por todos os meios, a derrocada final. A rosacea romano-gothica do templo é um exemplar de valor cuja destruição seria uma catastrophe. O portico do convento de S. Francisco, em estilo manuelino com o sabor poliedrico do periodo anterior, é de uma factura delicadissima e apesar d'isso está servindo de cosinha do quartel. A igreja da Graça, que possui a mais linda rosacea do paiz, d'uma integridade absoluta, está em perigo tambem. Santarem, conclue o orador, pede a altos brados a nossa caridade.

Apoz de muitos aplausos á interessantissima comunicação do sr. Presidente, pede a palavra o sr. Julio A. Ferreira que agradece as palavras amaveis do sr. Presidente aproveitando a occasião para manifestar tambem o seu reconhecimento ao sr. Visconde da Torre da Murta pelos conselhos com que o orientou no seu trabalho e pela amavel condescendencia em lhe facultar os livros de que tem tido necessidade para a sua factura.

Pede depois a palavra o sr. Mena Junior, que manda para a mêsua uma proposta para socio efectivo do sr. Jordão de Freitas, publicista distinctissimo e official da Bibliotheca da Ajuda, e conjuntamente um estudo historico do mesmo sr. para ser publicado no boletim da Associação. É aceita a proposta e remetida, para os devidos efeitos, ao Conselho Facultativo.

O Sr. Victor Ribeiro, comunica á assembleia ter chegado a Lisboa, n'uma missão de estudo e a fim de completar, com documentação fotografica, um trabalho que está escrevendo sobre os Jeronimos, o Dr. Feilchenfeld, subdito austriaco, julgando de toda a conveniencia que a nossa Associação, de qualquer maneira, lhe demonstrasse o agrado e apreço em que deve ser tida a sua devotada iniciativa a favor da arte portugueza.

O Sr. Presidente aplaudindo a ideia do sr. Victor Ribeiro, diz que os nossos brios devem reagir contra os que nos acoimam de pouco zelosos e não podemos ficar indifferentes á laboriosa interferencia dos estrangeiros no estudo da arte nacional.

O sr. D. José Pessanha, declara conhecer o prospecto do trabalho em questão, mas não tendo podido obter o primeiro fasciuculo, já publicado, nada sabe do seu valor. Basta, porém, a convergencia, da atenção desse escritor para esses trabalhos para que a nossa atenção seja tambem despertada, parecendo-lhe por isso que se deve procurar esse cavalheiro para o cumprimentar, em nome da Associação, convidando-o a visitar o nosso museu e oferecendo-lhe o nosso auxilio na conclusão da obra que projecta.

Nesta altura o sr. Presidente lembra o nome do sr. Gabriel Pereira para o encargo de procurar o Dr. Feilchenfeld e de se tornar o seu cicerone na visita ao museu: proposta esta que é aprovada por unanimidade, ficando a mêsua encarregada das diligencias a fazer nesse sentido.

Antes de se encerrar a sessão é dada ainda a palavra ao sr. Silva Leal com referencia á proposta do Sr. Visconde da Torre da Murta, sobre a colocação dos retratos, arrecadados na biblioteca da Associação, frisando o alto serviço prestado por aquelle nosso digno consocio e propondo que não se podendo, por ora, fazer uma sessão solemne, se organice por ocasião dessa colocação uma sessão especial.

A esta proposta redargue o sr. Presidente que não concorda com o alvitre e pensa que ceremonias dessa natureza ou se fazem a valer

ou não se fazem. Fazendo-se uma sessão especial é inevitavel o elogio, que conforme já foi dito está dependente do outro a cargo do sr. Marques Pereira. No seu entender a collocação não prejudica a inauguração.

A imponencia e a intensidade da cerimonia diluir-se-ia em duas sessões. É por isso contra a proposta.

O sr. Silva Leal réplica, dizendo que os serviços prestados por Valentim José Correia tudo merecem e classifica de lamentavel a demora havida receando que continue a dar-se essa mesma demora.

O sr. D. José Pessanha declara que ficou, na sessão anterior, encarregado de solicitar do sr. Marques Pereira a possivel brevidade na factura do elogio do sr. Conde de S. Januario, de que aquelle sr. estava incumbido. Soube que o trabalho ia adiantado e por isso não procurou aquelle cavalheiro, mas se tanto for preciso procural-o-ha e communicará á assembleia a sua resposta.

Em seguida o sr. Presidente, não havendo mais assumptos a tratar, encerrou a sessão.

Era meia noite e um quarto.

O Secretario

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA.

APPENSO Á ACTA N.º 33

Copia da acta da sessão da installação da Delegação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em Leiria.

Aos dezeseis dias do mez de Março de mil nove centos e oito, nesta cidade de Leiria, e no meu escriptorio no Largo da Sé, numero doze, ahi compareceram os socios correspondentes da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Ernesto Korrodi, Capitão José Diogo Lopes da Costa Theriaga, residentes nesta cidade e padre José Ferreira Lacerda, parocho da Vieira, por mim convocados, e lhes apresentei o officio de vinte e quatro de Fevereiro ultimo,

emanado da secretaria da referida Associação, pelo qual fôra auctorizado a crear uma delegação nesta cidade, que ficará sujeita ás disposições dos artigos trinta e dois e quarenta e um do regulamento em vigor, dado o caso de que os dignos socios aceitassem a honrosa commissão. Os socios presentes aceitaram unanimemente a organização da delegação, e resolveram que se agradecesse a honra que lhes é conferida pela assembléa geral da Associação. Deliberou-se mais que se solicitasse por intermedio da nossa prestante Associação, que fosse cedido a esta delegação o templo de S. Pedro, que está a cargo da Commissão dos monumentos nacionaes, que o traz arrendado por dois mil e quatrocentos réis por anno, para deposito de trapos e ossos, reparando o governo os telhados, que estão no mais deploravel estado e com as madeiras podres, a fim de alli se instalar a séde da delegação e um museu districtal de Archeologia. Resolveu-se mais, que para evitar os destroços e actos de vandalismo que se estão praticando na egreja arruinada do Castello, se restabeleça o antigo destacamento de reformados, para guarda destas historicas ruinas. Deliberou-se que sempre que se precisasse convocar os associados, se communicasse ao secretario para fazer as convocatorias, isto emquanto se não organisa o respectivo regulamento.

Em seguida entre os presentes se votou para presidente o socio José Diogo Lopes da Costa Theriaga, e para secretario eu Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, depois do que se deu este acto por findo, e lida esta acta vae assignada pelos presentes. E eu Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher secretario que a escrevi e vou assignar. (aa) José Diogo Lopes da Costa Theriaga — Ernesto Korrodi — José Ferreira Lacerda — Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.

Está conforme o proprio original. Leiria, dezoito de Março de mil novecentos e oito. E eu Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher a escrevi e assigno.

*Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher.*

APPENSO

AO

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO XI — N.º 7

- de que é singular patrona Nossa Senhora dos Martyres—  
Fr. Apollinario da Conceição (1750, t. I, unico impresso).
- 280 Des formations tertiaires du Portugal—Carlos Ribeiro.
- 281 Desacato (O) na Egreja de Santa Engracia e as insignias dos  
Escravos do Santissimo Sacramento—Arthur Lamas.
- 282 Descripçam corografica do reyno de Portugal—Antonio de  
Oliveira Freire (1739).
- 283 Descripção abreviada do concelho de Cabeceiras de Basto, prin-  
cipalmente da freg. de S. Miguel de Refoyos, sua capital—  
Por um cabeceirense (Lisboa, 1874).
- 284 Descripção da antiga igreja de S. Nicoláo de Lisboa, etc.—  
Francisco do Rosario e Mello (Lisboa, 1843).
- 285 Descripção da Chamusca, parte I—Francisco José de Andra-  
de (Lisboa, 1769).
- 286 Descripção da igreja cathedral de Evora remettida ao au-  
ctor do *Universo Pittoresco* em julho de 1844 e feita pelo  
conego da mesma cathedral D. João d'Annunciada (Lisboa,  
1844).
- 287 Descripção da fundação e voto da real irmandade de N. S.<sup>a</sup>  
da Saude e S. Sebastião e suas alfaias.
- 288 Descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas e no-  
ticia dos seus melhoramentos—Beneficiado Domingos Cal-  
das Barbosa.
- 289 Descripção da provincia de Trás os Montes—Columbano Pinto  
Ribeiro de Castro (Codice n.º 486 da Bibliotheca Municipal  
do Porto).
- 290 Descripção da quinta de Aguas Livres, extrahida dos artigos  
publicados no *Jornal do Commercio de Lisboa*, n.ºs 2388,  
2393 e 2397—Sebastião Bettamio de Almeida.
- 291 Descripção da villa de Caminha, extrahida de um manuscripto  
original (Vianna  $\frac{1}{4}$  in-8.º de 72 pag.).
- 292 Descripção da villa de Caminha (No jornal «O Viannense» de  
1859).
- 293 Descripção da villa de Caminha (Vianna do Castello, 1868).
- 294 Descripção da villa de Moura e da de Serpa por Fr. Diogo  
Vaz Paschoal (Ms. da Bibliotheca da Universidade de Coim-  
bra, x, 151, 4).
- 295 Descripção da villa de Paredes—João de Santa Maria de Je-  
sus (João Antonio de Azevedo).
- 296 Descripção da villa do Sabugal («Diario de Noticias», n.º  
14.763—1906).

- 297 Descrição da villa do Torrão na provedoria de Beja («Jornal de Coimbra» 1814).
- 298 Descrição das novas salas do real palacio da Ajuda—J. Posidonio N. da Silva (1865).
- 299 Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal—Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa.
- 300 Descrição de alguns silex e quartzites lascados, encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado (1871).
- 301 Descrição de Bucellas. Folhetim—Alberto Pimentel («Popular», n.º 2003).
- 302 Descrição de Coja e dos seus arredores (Ms. da Biblioth. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa).
- 303 Descrição de Collares («Diario de Noticias», 27, Maio, 1905).
- 304 Descrição de Cuba—Fr. Domingos de Oliveira (Codice n.º 104 da Bibliotheca do Porto).
- 305 Descrição de hum prodigio raro e descoberto em huma lapa no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira do rio Jamor, freguezia de Carnaxide &. 1822.
- 306 Descrição de Lisboa—Damião de Góes (Escrepta em latim).
- 307 Descrição de Pontevel—Padre Nicolau da Silva Castro (Tomo XXIX do «Diccionario geographico de Portugal», existente na Torre do Tombo).
- 308 Descrição de Portugal—Manuel de Figueiredo.
- 309 Descrição de Portugal—apontamentos e notas de sua historia antiga e moderna, ecclesiastica, civil e militar (Lisboa, 1817).
- 310 Descrição de sua patria Villa Viçosa, escripta em Angola no anno de 1683—Antonio de Oliveira Cadornega (Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa).
- 311 Descrição de Vidigueira e seu concelho—Ms. legado pelo dr. Agostinho Albino de Garcia Peres (Setubal).
- 312 Descrição do antigo hospital d'El-Rei ou de Todos os Santos situado outr'ora em parte do terreno, que hoje occupa o mercado da Praça da Figueira para servir por algum modo de guia á escavação da mesma praça (1835).
- 313 Descrição do convento do Bom Successo em Pedrouços—Francisco Simões Ratolla (1906).
- 314 Descrição do edificio de Mafra e apreciação architectonica—Joaquim da Costa Cascaes.
- 315 Descrição do palacio real na villa de Cintra, que teem os reis de Portugal—Abbate A. D. de Castro e Sousa (1838).

- 316 Descrição do Real Asylo de Invalidos Militares em Runa—  
A. C. de S. Escrivannis (Lisboa, 1882).
- 317 Descrição do real mosteiro de Belem com a noticia da sua fundação—  
Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa.
- 318 Descrição do reino de Portugal—Duarte Nunes do Leão.  
Edição de 1610, 4.º de XII—162 folhas. Ed. de 1785. 8.º  
de XX—376 pag.
- 319 Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego. («Livros  
ineditos de Hist. Portugueza», t. xv, pag. 546 a 613).
- 320 Descrição do veneravel sanctuario de N. Sr.ª da Peneda—  
Manuel José Pires (Porto, 1874).
- 321 Descrição dos monumentos sacros de Lisboa, ou collecção de  
todos os conventos, mosteiros e parochias no recinto da ci-  
dade de Lisboa em 1833—Luiz Gonzaga Pereira (Ms. da  
Bibliotheca Nacional de Lisboa).
- 322 Descrição e recordação historica do paço e quinta de Queluz  
—Marquez de Rezende («Panorama, XI, XII e XIV).
- 323 Descrição economica da Torre de Moncorvo—José Antonio  
de Sá («Mem. Econ. da Academia», t. III).
- 324 Descrição economica de certa porção consideravel de territorio  
da comarca de Thomar e proximo á margem do Tejo («Mem.  
da Acad. R. das Sciencias de Lisboa, t. VIII, p.ª 2.ª pag. 43).
- 325 Descrição geral de Lisboa em 1839 ou ensaio historico de  
tudo quanto esta capital contém de mais notavel e sua his-  
toria politica e litteraria até o tempo presente—P. P. da  
Camara.
- 326 Descrição historica da ermida de N. S.ª do Monte e S. Gens  
—Joaquim José da Silva Mendes Leal (1896).
- 327 Descrição historica e economica da villa e termo de Torres Ve-  
dras—Manuel Agostinho Madeira Torres.
- 328 Descrição historica e topographica da cidade de Penafiel—  
Antonio de Almeida («Mem. da Acad. R. das Sciencias de  
Lisboa», t. X, p. II).
- 329 Descrição minuciosa do monumento de Mafra. Noticia de Cin-  
tra, seus edif. e arredores—Joaquim da Conceição Gomes  
(1894).
- 330 Descrição miudamente circumstanciada da ant. igreja de S.  
Nicolau de Lisboa, abatida e incendiada por occasião do ter-  
remoto no dia memoravel do 1.º de novembro de 1755, e  
que comprehende a relação das alfaias e preciosidades que a  
irmandade do SS. Sacramento então perdeu (1843).

- 331 Descrição succinta do mosteiro de Santa Maria e Brevissima noticia do que ha digno de ver-se na villa e concelho de Alcobaga.
- 332 Descrição topographica da nobilissima cidade de Lisboa e plano para a sua limpeza e conservação da saude de seus habitantes—Joaquim José Ventura da Silva (1835).
- 333 Descrição topographica da villa da Sertan—Ivo Pedroso Barata dos Reis (1874).
- 334 Descrição topographica da villa e concelho de Buarcos e seus arredores—José Pinto Rebello de Carvalho.
- 335 Descrição topographica de Villa Nova de Gaya e da solemnisissima festividade que em acção de graças pela gloriosa restauração de Portugal se celebrou na igreja matriz no dia 11 de Dezembro de 1808—João Antonio Monteiro e Azevedo (Lisboa, 1813).
- 336 Descrição topographica e historica da cidade do Porto—Agostinho Rebello da Costa.
- 337 Descrição topographico-geographico-historica de Goes, inedita—Joaquim José Dias Corrêa, medico.
- 338 Descrição topographica, historica, ecclesiastica do bispado de Leiria—P.º Manuel R. de Faria (1859).
- 339 Descrição topographica e historica, da freguezia de S. Thiago de Milheirós—João Vieira Neves Castro da Cruz (1868).
- 340 Descriptio Poetica Villæ Calarisinæ (Descrição do Palacio de Calhariz)—Dr. José de Mattos Rocha (1739).
- 341 Description de la villé de Lisbonne, où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise, des moeurs des habitans, du gouvernement, des revenus du Roi, et de ses forces par mer et par terre, des colonies portugaises, et du commerce de cette capitale (1730).
- 342 Description et délices d'Espagne et Portugal—D. Juan Alvarez de Colmenar.
- 343 Dialogos de Christovão Rebello de Macedo, escriptos em 1625 por Fr. Francisco de Oliveira. (Ms. da Bibliotheca Municipal portuense, codice n.º 104. Estão publicados no *Bejense* com o titulo de *Peregrinos de Beja*).
- 344 Dialogos de varia historia—Pedro de Mariz.
- 345 Dialogos moraes, historicos e politicos sobre a fundação da cidade de Vizeu, etc.—Manuel Botelho Ribeiro Pereira (1630). Na Bibliotheca publica do Porto, B 4, 187.
- 346 Diccionario abreviado de chorographia, topographia e archeo-

- logia das cidades, villas e aldeias de Portugal—José Avelino de Almeida.
- 347 Dictionario bibliographico portuguez—Brito Aranha. (T. xvii, pag. 345-401, xviii, 351-392, xix, 369-406).
- 348 Dictionario geographico ou noticia historica de todas as cidades, villas, logares e aldêas, rios, ribeiras e serras dos reinos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras que nelles se encontram assim antigas como modernas. (Impresso até á letra C. O resto, manuscripto, está no Archivo da Torre do Tombo)—P.<sup>o</sup> Luiz Cardoso.
- 349 Dictionario geographico universal. Director, Tito Augusto de Carvalho.
- 350 Dictionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal—Sousa Viterbo.
- 351 Dictionario postal e chorographico do reino de Portugal—João Baptista da Silva Lopes (1891-1894).
- 352 Die Baukunst der renaissance in Portugal—Albrecht Haupt (I e II vol.)
- 353 Digressão (Uma) a Alcobça em março de 1876—A\*\*\* (Porto, 1876).
- 354 Diocese e districto da Guarda—Dr. José Osorio da Gama e Castro.
- 355 Directorio civil, politico e commercial da antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto e Villa Nova de Gaya (Porto, 1838).
- 356 Dissertação critico-filologico-historica sobre o verdadeiro anno da creação do tablado e orchestra do antigo theatro romano descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello desta Cidade—Luiz Antonio de Azevedo (Lisboa, 1815).
- 357 Dissertação historica e critica sobre a inscripção que existe no campo de Santa Anna da cidade de Braga, e huma moeda antiga do tempo de Julio Cesar, de que faz menção o M. R. P. D. Jeronymo Contador de Argote nas Memorias que escreveu do mesmo arcebispado. Dada á luz pelo Doutor Mathias Pinheiro de Azevedo, e escripta pelo muito rev. Doutor Bento Morganti.
- 358 Dissertação historica e critica, que mostra não deu o senhor rei D. Affonso Henriques ao mosteiro real de Santa Cruz de Coimbra o dominio temporal de Lèiria, nem na jurisdicção ecclesiastica que lhe doou foi comprehendida a villa de Al-

- jubarrota, etc.—Fr. Manuel de Figueiredo (Lisboa, 1790—4.º de 23 pag.)
- 359 Dissertação sobre a antiguidade, fundamentos e primeiros principios da cidade do Porto—Antonio Cerqueira Pinto. (Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa).
- 360 Dissertação sobre a renovação da cidade de Lisboa—Manuel da Maia (Ms. da Bibliotheca de Evora).
- 361 Dissertações chronologicas e criticas—João Pedro Ribeiro.
- 362 Districto (O) de Aveiro. Noticia geographica, estatistica, corographica, heraldica, archeologica, historica e biographica da cidade de Aveiro e de todas as villas e freguezias do seu districto—Marques Gomes.
- 363 Districto (O) de Aveiro—Jornal.
- 364 Districto (O) de Leiria—Jornal (11 de maio de 1889 a 24 de maio de 1890).
- 365 Do Chiado a Veneza—Julio Cesar Machado.
- 366 Documentos e memorias da Academia Real das Sciencias.
- 367 Dolmens ou antas dos arredores de Evora—Gabriel Pereira (1875).
- 368 Domingo (O) illustrado—Archivo de historia patria—collecção de notas historicas, relativas ás cidades, villas e parochias do reino, sua fundação, successos mais notaveis, descripção de monumentos, brazões d'armas, quando os possuam, lendas, tradições que as acompanham, etc. (Typ. da Bibl. Popular de Legislação, Lisboa).
- 369 Donatarias (As) de Alemquer. Historia da casa das rainhas. etc.—J. P. Franco Monteiro.
- 370 Douro (O) illustrado—Visconde de Villa Maior.
- 371 Duas palavras ácerca da Regua e seus arredores. Carta a A. L. S.—Julio Manso Preto (Coimbra, 1869).
- 372 Eduardo ou Os mysterios do Limoeiro—padre João Candido de Carvalho (Padre Rabecão). 1849.
- 373 Egreja (A) da Conceição Velha e varias noticias de Lisboa—Filippe Nery de Faria e Silva (1900).
- 374 Egreja (A) das Chagas—Carlos Testa.
- 375 Elementos para a historia do concelho da Figueira, 1.ª p.ª, 1899—Pedro Fernandes Thomaz.
- 376 Elementos para a historia do municipio de Lisboa—Eduardo Freire de Oliveira:
- 377 Elementos para um dictionario de geographia e historia portugueza. Concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa

- Boim e Villa Fernando—Victorino Sant'Anna Pereira de Almada.
- 378 Elogio historico de D. Pedro v recitado no dia 29 de setembro de 1873 na inauguração da estatua do mesmo rei em Castello de Vide e preced. de alguns apontamentos sobre o monumento e inauguração—Dr. José Frederico Laranjo (Porto, 1874).
- 379 Elucidario—Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.
- 380 Ementas historicas: Gil Vicente—Brito Rebello (Lisboa, 1902).
- 381 Encyclopedia das applicações usuaes—João Bonança.
- 382 Encyclopedia das familias. Revista de instrucção e recreio fundada em 1869 pelos editores Lucas-Filhos.
- 383 Ensaio da descripção physica e economica de Coimbra e seus arredores. (T. I das «Mem. Economicas da Acad.»)
- 384 Ensaio sobre a topographia medica de Lisboa, ou considerações especiaes relativas á sua historia, meteorologia, etc.—Francisco Ignacio dos Santos Cruz.
- 385 Ensaio topographico statistico do julgado de Montealegre—José dos Santos Dias (Porto, 1836).
- 386 Epitome historico da cidade de Beja—Fr. Francisco de Oliveira.
- 387 Erinnerungen aus Sudeuropa—Christiano Bellermann (Berlim, 1858).
- 388 Ermida (A) de N. S.<sup>a</sup> do Restello e a igreja da Conceição Velha—Filippe Nery de Faria e Silva (1897).
- 389 Esboceto historico da verdadeira imagem do Senhor dos Passos da Graça e templo da mesma invocação (1876).
- 390 Esboço historico. Vianna do Castello—Dr. Luiz Figueiredo da Guerra.
- 391 Esboço historico do concelho e Villa Nova de Ourem—Dr. José das Neves Gomes Elyseu (1868).
- 392 Esboços e recordações—P. W. de Brito Aranha.
- 393 Escriptos diversos—Dr. Augusto Filippe Simões.
- 394 Espelho da Côrte ou hum breve mappa de Lisboa, no qual epilogadamente se mostram e retratão as suas grandezas, e hum abreviado elogio e verdadeira copia dos bons costumes de seus habitadores—Manuel Marques Resende (1730).
- 395 Espelho de penitentes e Chronica da provincia da Arrabida—Fr. Antonio da Piedade e Fr. José de Jesus Maria (1728 e 1737).
- 396 Espelho de portuguezes—Alberto Pimentel.
- 397 Estação (A) archeologica de Alvarelhos—Dr. José T. R. Fortes (Porto, 1899).

- 398 Estatística do districto administrativo de Leiria—D. Antonio da Costa Sousa de Macedo.
- 399 Estatística do districto de Vianna do Castello—Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado. (Suppl. ao «Bol. do Ministerio das Obras Publicas», Dezembro 1860).
- 400 Estradas militares romanas de Braga a Astorga. Ms. do P.<sup>o</sup> Martin Sarmiento, apresentado por copia á Acad. R. das Sciencias de Lisboa por Christovam Ayres.
- 401 Estrangeiros (Os) no Lima.—Manuel Gomes de Lima Bezerra.
- 402 Estudo historico hydrographico sobre a barra e o porto de Lisboa—A. A. Baldaque da Silva (1895).
- 403 Estudos do Alto Minho—Dr. Felix Alves Pereira.
- 404 Estudos e notas elvenses—Antonio Thomás Pires.
- 405 Estudos eborenses, Historia, Arte, Archeologia.—Gabriel Pereira.
- 406 Estudos historicos e archeologicos—I. de Vilhena Barbosa.
- 407 Estudos historicos, juridicos e economicos sobre o municipio de Montemór o novo—José Hilario de Brito Corrêa e Dr. José Joaquim Lopes Praça (Coimbra, 1873-75).
- 408 Estudos historicos militares. I. Defesa de Campo Maior em 1801. II. Acções dos Padrões da Teixeira em 1808—Pedro Manuel Tavares (Elvas, 1890-92).
- 409 Estudos prehistoricos em Portugal: noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos. 1.<sup>a</sup> parte: Noticia da estação humana de Lisboa, nas visinhanças de Barcarena. 2.<sup>a</sup> parte: Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas—Carlos Ribeiro.
- 410 Étude sur quelques monuments portugais d'après des notes de M. le C.<sup>r</sup> da Silva, architecte—M. M. Paul Sédille et Charles Lucas, architectes.
- 411 Études sur les œuvres d'art de Raphael Sanzio d'Urbino, au monastère de Refoyos do Lima—Thomaz Mendes Norton (Lisboa, 1888—in-4.<sup>o</sup> com 19 phototypias).
- 412 Evolução do culto de Dona Izabel de Aragão, esposa do rei Dom Diniz de Portugal—Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos (Coimbra, 1894, 2 vol.).
- 413 Evora e seus arredores—Antonio Francisco Barata (Folh. de 50 pag. com 30 phototypias, 1904).
- 414 Evora gloriosa. Epilogo dos 4 tomos da «Evora illustrada» que compoz o R. P. M. Manuel Fialho da Companhia de Jesu. Eseritta, acrescentada, e amplificada pello P. Francisco da Fonseca da mesma Companhia (Roma, 1728).

- 415 Evora illustrada—por Fialho (Ms. da Bibliotheca de Evora).
- 416 Evora lastimosa pela deploravel catastrophe do fatal triduo de 29, 30 e 31 de Julho de 1808. Mem. hist. dos acontecimentos relativos especialmente ás corporações ecclesiasticas de um e de outro sexó, etc.—José Joaquim da Silva (Lisboa, 1814).
- 417 Excursão (Uma) á serra da Arrabida. Roteiro de Lisboa a Setubal—Pereira e Sousa e G. A. Vidal Junior (1903).
- 418 Expedição scientifica á serra da Estrella em 1881.
- 419 Exposição districtal de Aveiro em 1882.
- 420 Exposição districtal de Coimbra em 1884.
- 421 Exposição (A) industrial de Belem em 1893—A. E. F. Cavalleiro e Sousa.
- 422 Exposição historica da criação do Museu Portuense com documentos officiaes para servir á Historia das Bellas Artes em Portugal e á do cerco do Porto—João Baptista Ribeiro (Porto, 1836).
- 423 Exposição internacional do Porto em 1865. Catalogo official.
- 424 Exposição retrospectiva da arte ornamental portugueza (1882).
- 425 Extracto da descripção da Villa de Longroiva e suas aguas mineraes—José Pinto Rebello de Carvalho e Souto («Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa», t. VII).
- 426 Extremadura (A) portugueza—Alberto Pimentel.
- 427 Fabrica (A) das Caldas da Rainha—J. D. Ramalho Ortigão.
- 428 Fabrica (A) de faianças das Caldas da Rainha—Joaquim de Vasconcellos.
- 429 Fabricas (As) da Covilhã—Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.
- 430 Familia (Uma) ingleza—Julio Diniz.
- 431 Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania—Ignacio Barbosa Machado.
- 432 Figueira (A) da Foz. Artigo de Ramalho Ortigão nas *Republicas*, n.º 79, 1886.
- 433 Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia—dr. Theophilo Braga.
- 434 Flora latina inscriptionum urbis Portucalesis—P.º Francisco José Patricio.
- 435 Florilegio mystico das calinadas de um letrado socio da Sociedade de Geographia e da Associação dos jornalistas e homens de letras do Porto ou a 2.ª edição afinada do Dithyrambo para Seringa, composto sobre «As terras de Val de Vez». (Arcos de Val de Vez, 1900).

- 436 Fôra da terra— Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas.
- 437 Foraes da cidade do Porto. Impressos por ordem da Ill.<sup>ma</sup> Camara Constitucional (Porto, 1823).
- 438 Foraes de Villa Nova de Gaya (Porto, 1823).
- 439 Foral dado ao Porto por D. Hugo; e doações que lhe fez a Sr.<sup>a</sup> D. Thereza e seu Filho o Sr. D. Affonso Henriques; e tambem a carta de couto da egreja de Cedofeita, e confirmações posteriores da mesma. Tudo ordenado, traduzido, annotado e offerecido aos habitantes do Porto. (Porto, 1822, 4.<sup>o</sup> de 30 pag. <sup>s/n</sup>).
- 440 Foral da cidade do Porto de 20 de Janeiro de 1517 (Porto, 1788).
- 441 Foral de Lisboa (Lisboa, 1780).
- 442 Forasteiro (O) admirado. Relação panegyrica do triumpho e festas que celebrou o real convento de Lisboa pela canonisação da seraphica virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi — S. Ulperni.
- 443 Formã e verdadeiro traslado dos privilegios concedidos aos cidadãos, moradores da cidade de Braga (Reimpressão imitativa conforme a edição unica de 1633).
- 444 Fouilles de Cetobriga. Sociéte de Recherches archéologiques d'exploitation agricole du domaine de Troia (Portugal). (Paris, 1875).
- 445 Frei Gil de Santarem—dr. Theophilo Braga.
- 446 Freiras (As) de Lorvão—Lino de Assumpção.
- 447 Fundação, antiguidade e grandezas de Lisboa, etc.—Luiz Marinho de Azevedo (Vej. *Primeira parte da fundação*, etc).
- 448 Fundão (O) Breve noticia—José Germano da Cunha. Illustrada com 9 gravuras (Lisboa, 1898).
- 449 Gabinete historico—Fr. Claudio da Conceição (1818).
- 450 Galeria Pittoresca. Album da Villa de Ourem—José Flores (Lisboa, 1894).
- 451 Gazette diplomatique et consulaire du Portugal—(1896, 1897).
- 452 Geographia historica—D. Luiz Caetano de Lima.
- 453 Géographie générale—L. Grégoire (Paris, Garnier Frères, édit.)
- 454 Grades (As) de Santa Cruz de Coimbra—Dr. Sousa Viterbo.
- 455 Grande (A) catastrophe do theatro Baquet—Jayme Filinto (Porto, 1888).
- 456 Grandezas da villa de Caminha e seu termo—P.<sup>o</sup> Gonçalo da Rocha de Moraes (1722).

- 457 Grutas de Alcobça. Relatorio dos trabalhos de exploraço nas diversas estaçoõs neolithicas de Alcobça—M. Vieira Natividade.
- 458 Guerreiro e monge, romance historico—Antonio de Campos Junior.
- 459 Guia de Portugal. Indicador do viajante em Lisboa. 5 vol. adornados com gravuras—Francisco José de Almeida (1880).
- 460 Guia de viajantes em Lisboa (1845).
- 461 Guia do caminho de ferro do Minho (de Nine a Valença)—Dr. Figueiredo da Guerra.
- 462 Guia do forasteiro nas festas antonianas (1895).
- 463 Guia do Museu Municipal do Porto (1902).
- 464 Guia do Porto (com plantas).
- 465 Guia do viajante em Braga. Noticia historica sobre templos, monumentos, sanctuarios, etc.—Azevedo Coutinho.
- 466 Guia do viajante e roteiro de Lisboa para as cortes e cidades principaes da Europa, villas e logares mais notaveis de Portugal e Hespanha—Fr. A. de S. C. (1825).
- 467 Guia do viajante em Lisboa (1872).
- 468 Guia do viajante nos caminhos de ferro do norte—Alberto Pimentel.
- 469 Guia historico do viajante em Coimbra e arredores, Condeixa, Lorvo, Mealhada, Luso, Bussaco, Montemór-o-Velho e Figueira—Augusto Mendes Simões de Castro.
- 470 Guia historico do viajante no Bussaco—Augusto Mendes Simões de Castro.
- 471 Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes (1864).
- 472 Guia illustrado de Lisboa e seus arredores. Um volume de 500 pag. em portuguez e francez, contendo a descripço do que ha de mais notavel em Lisboa. Illustrado com optimas phototypias e duas excellentes plantas da cidade.
- 473 Guia illustrado de Lisboa e suas circumvisinhanças—D. Thomás de Almeida Manuel de Vilhena (1891).
- 474 Guia no Porto—Alfredo Alves (Porto, 1892).
- 475 Guia parochial da cidade de Lisboa para o anno civil de 1880—Augusto Xavier da Silva Pereira.
- 476 Guia portatil do viajante em Lisboa (1885).
- 477 Guia practico del viajero espanol en Lisboa.
- 478 Guia pratico do banhista na Figueira da Foz. Illustrado com vistas desta cidade, contendo variadas informaçoõs (Figueira, 1905).

- 479 Guide du voyageur à Lisbonne. Histoire. Monuments. Moeurs.  
—Olivier Merson (Paris, 1857).
- 480 Guide illustré de Lisbonne et de ses environs.
- 481 Guide (A) to Lisbon and its environs, including Cintra and  
Mafra, with a large plan of Lisbon—Joaquim Antonio de  
Macedo.
- 482 Guimarães. Apontamentos para a sua historia—P.<sup>o</sup> Antonio  
José Ferreira Caldas.
- 483 Guimarães e Santa Maria. Historia do culto de N. S. no con-  
celho de Guimarães—J. G. de Oliveira Guimarães (1904).
- 484 Handbook (A) for travellers in Portugal (1887).
- 485 Histoire du Portugal et de ses colonies—Auguste Bouchot  
(collection V. Duruy).
- 486 Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa  
de Amarante desde a sua primeira fundação pelos turdetanos,  
360 annos antes da vinda de Christo Senhor Nosso, até  
ser incendiada pelos francezes em 1809—P.<sup>o</sup> F. de A. C.  
de M. (capellão do conde de Amarante).
- 487 Historia breve de Coimbra—Bernardo de Brito Botelho (2.<sup>a</sup>  
edição annotada por Antonio Francisco Barata).
- 488 Historia chronologica e critica da Real Abbadia de Alcobaca  
para servir de continuação á *Alcobaca illustrada*—Fr. For-  
tunato de S. Boaventura.
- 489 Historia critica e apologetica do Santissimo Milagre da villa  
de Santarem—Fr. Manuel de Santa Anna Braga (Lisboa,  
1803).
- 490 Historia da administração publica em Portugal—Henrique da  
Gama Barros.
- 491 Historia da antiguidade de Evora—André de Rezende (1576).
- 492 Historia da antiquissima e santa igreja, hoje collegiada de S.  
Martinho de Cedofeita e da origem e natureza de seus bens  
—D. Prior D. Francisco Corrêa de Lacerda e Manuel Bar-  
bosa Leão.
- 493 Historia da cidade de Coimbra—D. Jeronymo de Mascarenhas  
(Cod. da Bibl. publ. de Evora).
- 494 Historia da freguezia d'Agua Santa (1877).
- 495 Historia da fundação da Ordem Terceira do Carmo. Descripção  
da procissão de Ramos. (Lisboa, 8.<sup>o</sup> de 8 pag.)
- 496 Historia da fundação do museu municipal de Bragança—(Im-  
pressa num grande cartão em fórma de quadro. 1904).
- 497 Historia da fundação do real convento de Santo Christo

- das religiosas capuchinhas francezas—D. José Barbosa (1748).
- 498 Historia da fundação do Real convento e seminario do Varatojo—Fr. Manuel de Maria Santissima (Porto, 1799-1800).
- 499 Historia da fundação do real convento do Lourical... e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora (1750).
- 500 Historia da fundação e dedicação do mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca—Fr. Bernardo de Brito (Nas «Memorias para a vida da Beata Mafalda» por Fr. Fortunato de S. Boaventura).
- 501 Historia da instrucção popular em Portugal—D. Antonio da Costa.
- 502 Historia da notavel villa de Moura—Luis de Almeida Cabral; Descripção da mesma villa e da de Serpa—Fr. Diogo Vaz Paschoal (Ms. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, x, 151, 4).
- 503 Historia da prodigiosa imagem de Christo crucificado, que com o titulo de Bom Jesus de Bouças se venera no logar de Matozinhos—Antonio Cerqueira Pinto (Lisboa, 1737).
- 504 Historia da Real Casa de Santo Antonio—Dr. Levy Maria Jordão e José do Nascimento Gonçalves Corrêa (1857).
- 505 Historia da Universidade de Coimbra—Dr. Theophilo Braga.
- 506 Historia das antiguidades de Evora—Amador Patricio (pseudonymo de Martim Cardoso Azevedo). Evora, 1739.
- 507 Historia das freguezias de Lisboa—Francisco Antonio Martins Bastos (publicada no jornal «O Ramalhete», t. iv e v).
- 508 Historia de Lisboa (Ms. A. 4-11 da Bibl. Nac. de Lisboa).
- 509 Historia de Penafiel—Luis Maria de Mesquita Carvalho e Vasconcellos (Inedita).
- 510 Historia de Portugal, popular e illustrada—Manuel Pinheiro Chagas, Barbosa Colen e Marques Gomes (3.<sup>a</sup> edição).
- 511 Historia de Santarem edificada—P.<sup>o</sup> Ignacio da Piedade e Vasconcellos (Lisboa, 1740).
- 512 Historia de S. Domingos—Fr. Luis de Sousa.
- 513 Historia de um fogo morto (subsídios para uma historia nacional) 1258-1848. Vianna do Castello (Factos politicos e militares) Porto, 1904.
- 514 Historia de Villa Viçosa—Francisco de Moraes Sardinha (Ms. da Bibl. nacional de Lisboa).
- 515 Historia do cerco do Porto—Simão José da Luz Soriano.

- 516 Historia do culto de N. S.<sup>a</sup> em Portugal—Alberto Pimentel.
- 517 Historia do Infante D. Duarte—José Ramos Coelho.
- 518 Historia do Instituto dos surdos mudos e cegos de Lisboa desde a sua fundação á sua incorporação na Casa Pia—José Chrispim da Cunha (Lisboa, 1835, 8.º, 55 pag.)
- 519 Historia do mosteiro da Vaccariça e da cerca do Bussaco—Antonio Augusto da Costa Simões.
- 520 Historia do municipalismo em Portugal (Lisboa, 1889).
- 521 Historia do reinado de el-rei D. José—Simão J. da Luz Soriano.
- 522 Historia do Senhor Roubado de Odivellas—P.<sup>o</sup> Luiz Montez Mattoso (Lisboa, 1745).
- 523 Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia—José Silvestre Ribeiro (tom. I a XVIII).
- 524 Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- 525 Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego—D. Joaquim de Azevedo. Continuada e annotada por um conego da Sé de Lamego (1878).
- 526 Historia ecclesiastica da egreja de Lisboa—Patriarcha D. Rodrigo da Cunha (1642).
- 527 Historia ecclesiastica dos arcebispos de Braga—D. Rodrigo da Cunha.
- 528 Historia genealogica da Casa Real Portugueza—D. Antonio Caetano de Sousa (vi, 78 a 81).
- 529 Historia miscellanea que comprehende a fundação dos Religiosos Descalços de Santo Augustinho na villa de Santarem—Fr. Luis de Jesus (Lisboa, 1734).
- 530 Historias de frades—Lino de Assumpção.
- 531 Horto seraphico, em que se trata da origem, fundação e progressos do mosteiro de Santa Apollonia, extramuros de Lisboa—Fr. Pedro de S. Diogo (1757).
- 532 Idyllios dos reis—Alberto Pimentel.
- 533 Ignez de Castro—Faustino da Fonseca.
- 534 Illustração portugueza—revista semanal illustr.
- 535 Imprensa (A)—jornal. Director, Affonso Vargas.
- 536 Imprensa (A) no districto de Vizeu—Dr. Maximiano de Araújo.
- 537 Impressions d'Espagne et du Portugal—Duc de la Salle de Rochemaure (Aurillac, 1905).
- 538 Impressões de um passeio á Arrabida. Descripção historica e

- topographica do sitio—Manuel Maria Portella (Folhetins da *Gazeta Setubalense*, n.ºs 215 a 219, julho a agosto de 1873).
- 539 In illo tempore—Trindade Coelho (Refer. a Coimbra—1902).
- 540 Incendiario (O) da patriarchal—Leite Bastos.
- 541 Indice chronologico dos pergaminhos e foraes; Indices e sumarios dos livros e documentos do archivo municipal de Coimbra—J. C. Ayres de Campos.
- 542 Industria (A) em Peniche—Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.
- 543 Ineditos de Historia Portugueza (t. v, pag. 609 e 610).
- 544 Infanta (A) D. Maria e o seu hospital da Luz—Victor Ribeiro.
- 545 Inquerito aos pateos de Lisboa, Anno de 1902 (Publ. pelo Min. das Obras Publ., Conselho de Melhoramentos Sanitarios).
- 546 Inscriptões e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes—Albano Bellino.
- 547 Inscriptões romanas de Braga (Ineditas)—Albano Bellino.
- 548 Instituições de beneficencia e associações de previdencia no districto do Porto—Visconde de Villarinho de S. Romão (Publ. do Ministerio das Obras Publicas).
- 549 Instituto (O)—revista de Coimbra.
- 550 Introducção á archeologia da peninsula iberica—Augusto Philippe Simões.
- 551 Inventos e varios planos de melhoramentos para este reino, escriptos nas prisões da Junqueira—Bento de Moura Portugal (Coimbra, 1821).
- 552 Investigação ao castello situado na serra de Cintra—Abb. A. D. de Castro e Sousa (1848).
- 553 Investigações historicas do regimento de infantaria n.º 19—Augusto Carlos de Sousa Escrivanis, major governador da praça de Cascaes (1900).
- 554 Invisiveis (Os) de Lisboa—Gervasio Lobato.
- 555 Istoria do cativoiro dos prezos d'Estado da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa durante a desastrosa epoca da usurpação do legitimo governo constitucional deste reino de Portugal—João Baptista da Silva Lopes, um dos martyres da referida torre (Lisboa, 1833).
- 556 Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho—Sebastião José Pedroso.
- 557 Itinerario lisbonense ou directorio geral de todas as ruas, travessas, beccos, calçadas, etc. (1804).
- 558 Jardim do Céu, plantado no convento de N. S.ª da Conceição

- da cidade de Braga, em que se trata das memorias da fundação deste primeiro convento do reyno dedicado á Conceição e se expoem a vida da veneravel D. Beatriz da Silva, fundadora desta Ordem, e as de outras religicsas illustres em santidade, que no referido convento florescerão desde o anno de 1629 até o de 1764—Madre Maria Benta do Céu.
- 559 Jardinagem (Da) em Portugal—Dr. Sousa Viterbo (1908).
- 560 Jayme (Dom), poema—Thomaz Ribeiro.
- 561 Jornadas no Minho—D. João de Castro.
- 562 Jornal das Bellas Artes (1843).
- 563 Jornal de Bellas Artes ou Mnemósine Lusitana.
- 564 Jornal de Coimbra.
- 565 Jornal do Domingo (1882).
- 566 Jornalismo no districto de Castello Branco—José Germano da Cunha (1893).
- 567 Judeu (O), rom. hist.—Camillo Castello Branco.
- 568 Justa defenza em tres satisfaçoens apologeticas a outras tantas invectivas com que... Fr. Manuel dos Santos... sahio á luz no seu livro intitulado «Alcobaça illustrada», etc.—P.º Francisco de Santa Maria (Lisboa, 1711).
- 569 La société de Lisbonne. Lettres humoristiques—M.<sup>me</sup> de Rute (Paris, 1887).
- 570 Lapide romana da estrada da Geira sem decifração plausivel até agora—J. J. da Silva Pereira Caldas.
- 571 Leiria illustrada—Jornal.
- 572 Lendas e narrativas—Alexandre Herculano.
- 573 Lendas peninsulares—José de Torres.
- 574 Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal—Émile Cartailhac (Paris, 1886).
- 575 Les arts en Portugal—Conde Raczynski.
- 576 Lindo (O) sitio de Carnide—Gabriel Pereira (1898).
- 577 Lisboa. Compilação e estudo—Alfredo Mesquita (400 gravuras). Publ. da Empreza Historia de Portugal. 1903).
- 578 Lisboa—preleção no Instituto Polyglotta de Paris no dia 28 de Outubro de 1884—Eduardo Coelho Junior.
- 579 Lisboa (De) a Paris—C. de Moura Cabral.
- 580 Lisboa antiga—Visconde de Castilho (Julio).
- 581 Lisboa antiga e Lisboa Moderna—Angelina Vidal (1903).
- 582 Lisboa de hontem—Julio Cesar Machado.
- 583 Lisboa d'outros tempos—Pinto de Carvalho (2 volumes).
- 584 Lisboa de relance—J. J. Caldeira Pires.

- 585 Lisboa destruida (poema)—P. Theodoro d'Almeida (Lisboa, 1803).
- 586 Lisboa em flagrante—Carlos de Moura Cabral.
- 587 Lisboa em 1854—Antonio José de Figueiredo (Artigo no «Archivo Pittoresco», t. vi).
- 588 Lisboa illustrada. Synopse da historia de Portugal—F. J. de Almeida (1880).
- 589 Lisboa moderna—Zacharias d'Aça.
- 590 Lisboa pittoresca—Album de vistas, monumentos e costumes (1901).
- 591 Lisboa reedificada. Poema epico—Miguel Mauricio Ramalho (1780).
- 592 Lisbon on the years 1821, 1822 and 1823—Mar. Baillie (London, 1825).
- 593 Lisbonne—Armand Dayot (Paris, 1893).
- 594 Lisbonne. Histoire, monuments, mœurs—M. Olivier Mersun (Paris, 1857).
- 595 Lisbonne et les portugais—Olivier de la Blairie (Paris, 1820).
- 596 Lista das inscrições de Chaves—João Carneiro de Moraes e Castro de Fontoura.
- 597 Litteratura, musica e bellas artes—José M. de Andrade Ferreira.
- 598 Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa e de alguns casos dignos de memoria, que nelle acontecerão—Soror Maria do Baptista (1618).
- 599 Livro das Grandezas de Lisboa—Fr. Nicolau de Oliveira (Lisboa, 1804).
- 600 Livro preto da Sé de Coimbra (Ms.)
- 601 Lobo (O) da Madragoa, rom.—Alberto Pimentel.
- 602 Lord Byron em Portugal—Alberto Telles.
- 603 Luiz de Camões, rom.—Antonio de Campos Junior.
- 604 L'Univers. Hist. et description de tous les peuples. Portugal—Ferdinand Denis.
- 605 Lusitanos e romanos em Villa Franca de Xira—Dr. Francisco Ferraz de Macedo.
- 606 Luso-arabes (Os). Scenas da vida musulmana no nosso paiz—Oliveira Parreira.
- 607 Mala da Europa. Jornal illustrado.
- 608 Manual descriptivo de Lisboa e Porto—J. J. C. Chianca (1845).
- 609 Manual do viajante, em que por jornadas se conhecem não só as distancias que ha de Lisboa para as principaes terras do

- reino, mas também as que fazem de umas para outras provincias, etc.—G. A. da S. C. (1845).
- 610 Manuel du voyageur en Portugal—L. de Mendonça e Costa. (175 grav., 4 cart. e 3 plans de villes, 1908).
- 611 Mappa breve da Lusitania antiga e Galliza Bracarense—P.<sup>o</sup> Francisco do Nascimento Silveira (1804).
- 612 Mappa de Portugal—João Baptista de Castro.
- 613 Mario, rom.—Silva Gayo.
- 614 Marquez (O) de Pombal, rom.—Antonio de Campos Junior.
- 615 Matadouro (O) municipal de Lisboa—Joaquim Sabino Eleuterio de Sousa (1878).
- 616 Materiaes para a archeologia do concelho de Barcellos—Dr. Martins Sarmiento.
- 617 Materiaes para a historia da Figueira nos seculos xvii e xviii —Dr. Antonio dos Santos Rocha.
- 618 Mattosinhos e Leça da Palmeira—Dr. P. A. Ferreira («Correspondencia de Portugal», n.<sup>o</sup> 603, 13, julho, 1883).
- 619 Melhoramentos de Lisboa e seu porto—Miguel Carlos Corrêa Paes (1883).
- 620 Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal—J. P. N. da Silva.
- 621 Mémoire descriptif du projet de la restauration pour l'église monumentale de Belem à Lisbonne, et le modèle en bois fait pour l'exposition universelle de Paris—J. P. N. da Silva.
- 622 Mémoire sur le projet d'agrandissement de la ville de Lisbonne —M. A. Thomé de Gamond (1870).
- 623 Mémoire sur le royaume de l'Algarve contenant la description des montagnes, des sources, des cours d'eau, des villes, etc., du climat, de la végétation, des animaux, de l'industrie, du commerce, etc., ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée—Charles Bonnet (Nas «Mem. da Academ. R. das Sciencias de Lisboa», 2.<sup>a</sup> série, t. II, p.<sup>o</sup> 2.<sup>a</sup>, pag. 1 a 176).
- 624 Memoria ácerca da fundação da Sé de Lisboa—Conego Luiz Duarte Villela da Silva.
- 625 Memoria ácerca da villa de Montemor-o-novo, escripta em 1854 —João de Sá de Sousa Chichorro Mexia Caiola (Ms. da Acad. R. das Sciencias).
- 626 Memoria ácerca da villa do Redondo—Bernardino Manuel da Costa Lima («Investigador Portuguez», n.<sup>o</sup> 43, Janeiro de 1815, pag. 345 a 367).

- 627 Memoria ácerca do Balsamão—A. I. de S. N. (Bragança, 1859).
- 628 Memoria ácerca do bispado de Beja.—Antonio José Boavida, vigario capitular do mesmo bispado.
- 629 Memoria a respeito da sepultura rasa do descobridor do Brazil na igreja da Graça em Santarem—Alberto de Carvalho (Lisboa, 1902).
- 630 Memoria chorographica. Questões sobre a divisão e demarcação dos limites do concelho de Gouveia e Manteigas—Antonio Augusto Pires (Coimbra, 1898).
- 631 Memoria da antiga villa do Banho e Caldas de S. Pedro do Sul—J. Augusto de Oliveira Mascarenhas (Viseu, 4.º de 27 pag.).
- 632 Memoria das antiguidades de Mertola observadas em 1877—S. Estacio da Veiga (Lisboa, 1880).
- 633 Memoria descriptiva da solemnisacão do 4.º centenario da Misericordia do Porto (1499-1899).
- 634 Memoria descriptiva do projecto de um porto de abrigo em Leixões (Lisboa, 1874).
- 635 Memoria do Bustello—D. Leite de Castro.
- 636 Memoria do concelho de Ferreiros de Tendaes—Basilio Alberto de Sousa Pinto, Visconde de S. Jeronymo (Coimbra, 1856).
- 637 Memoria do descobrimento e achado das sagradas reliquias do antigo sanctuario da igreja de S. Roque (1843).  
Memoria e estudo chimico sobre as aguas mineraes e potaveis de Unhaes da Serra—Vej. «Aguas».
- 638 Memoria e memorial ácerca do prior de S. Nicolau, Rosario e Mello, e a sacristia da igreja da Madre de Deus—J. J. Gomes de Brito.
- 639 Memoria estadistica ácerca da notavel villa de Montemór-o-Novo—Joaquim José Varella («Mem. da Acad. R. das Sciencias», v, 1).
- 640 Memoria historica da antiguidade do mosteiro de Leça, chamado do Bailio—Antonio do Carmo Velho de Barbosa (Porto, 1852).
- 641 Memoria historica da notavel villa de Niza—José Diniz da Graça Motta e Moura (Lisboa, 1877).
- 642 Memoria historica da villa da Povoia de Varzim—P.º José Joaquim Martins Gesteira (Porto, 1852).
- 643 Memoria historica da villa de Barcellos, Barcellinhos e Villa

- Nova de Famalicão—Domingos Joaquim Pereira (1867).  
Supplemento para unir á memoria historica (1872).
- 644 Memoria historica do hospital asylo de velhos pobres de Santo Antonio do Conde, na cidade de Evora, escripta por um antiquario eborense (Lisboa, 1874).
- 645 Memoria historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, suburbios de Braga, por occasião do centenario do lançamento da primeira pedra nos alicerces do templo actual—Fernando Castiço.
- 646 Memoria historica dos concilios nacionaes provinciaes e synodos da egreja de Braga—Mgr. Alfredo Elviro dos Santos (Porto, 1883).
- 647 Memoria historica e descriptiva ácerca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e mais estabelecimentos annexos—Dr. Florencio Mago Barreto Feio.
- 648 Memoria historica e descriptiva da freguezia da Carapinheira, concelho de Montemor-o-Velho, districto de Coimbra—Francisco Correia Lopes Sequeira (1899).
- 649 Memoria historica e descriptiva da villa do Barreiro—José Augusto Pimenta.
- 650 Memoria historica e descriptiva do Real Collegio Militar—Fernando Maya.
- 651 Memoria historica e estatistica sobre a necessidade da conservação do concelho de Alter do Chão e da transferencia da séde da comarca de Fronteira para a cabeça daquelle concelho—Manuel de Azevedo Coutinho Fragoso de Sequeira.
- 652 Memoria historica para servir de principio á Descripção physica e medica da cidade de Bragança—José Gabriel Ledesma (Ms. da Biblioth. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa).
- 653 Memoria historica relativa aos correios portuguezes desde o tempo de D. Manuel até nossos dias (Relat. postal de 1877-1878 e Relat. do Dir. Geral dos correios, 1889).
- 654 Memoria historica sobre a fundação da Cartuxa de Evora—A. F. Barata.
- 655 Memoria historica sobre a fundação da Sé de Evora e suas antiguidades—A. F. Barata (Coimbra, 1876).
- 656 Memoria historica sobre a fundação do hospicio da invocação de N. S.<sup>a</sup> da Divina Providencia, o qual pertenceu aos Clerigos regulares theatinos, actualmente Conservatorio Real de Lisboa—Abade A. D. de Castro e Sousa (1846).
- 657 Memoria historica sobre a origem da fundação do real mosteiro

- de N. S.<sup>a</sup> da Pena—Abbate A. D. de Castro e Sousa (1841).
- Memoria historica sobre a villa de Ceia (Vej. Memoria sobre a villa de Ceia).
- 658 Memoria historica sobre o concelho de Reguengos de Monsaraz—Dr. Pedro Manuel Nogueira («Instituto», vol. xxxiv).
- 659 Memoria historica corographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra—Dr. A. L. de S. Henriques Secco.
- 660 Memoria historico-descriptiva das linhas que cobriram Lisboa em 1834—por um official de engenheiros do exercito de Portugal (Pangim, 1840).
- 661 Memoria historico-economica do concelho de Mesão Frio—A. Maria de Fornellos (Coimbra, 1886).
- 662 Memoria historico-economica do concelho de Serpa—Dr. José Maria da Graça Affreixo (Coimbra, 1884).
- 663 Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha—Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.
- 664 Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na igreja de S. Roque de Lisboa desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894—Antonio Cesar Mena Junior.
- 665 Memoria para servir de indice dos foraes das terras do reino de Portugal e seus dominios—Francisco N. Franklin (Lisboa, 1825).
- 666 Memoria sobre a antiga Vianna de Santa Luzia—Dr. Luiz Figueiredo da Guerra («Boletim da R. A. dos A. C. e Archeologos Portug.», t. II, n.º 10).
- 667 Memoria sobre a defenza da povoação de Peniche—Francisco M. Melchiades da Cruz Sobral.
- 668 Memoria sobre a existencia do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra—D. J. M. D. A. C. R. (Lisboa, 1839).
- 669 Memoria sobre a fundação do asylo visiense da infancia desvalida.
- 670 Memoria sobre a fundação e progressos do Real Collegio das Ursulinas de Pereira.
- 671 Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal—Alberto Pimentel.
- 672 Memoria sobre a população e a agricultura em Portugal—Luiz Augusto Rebello da Silva.
- 673 Memoria sobre a torre de Belem—Sebastiano Locati.

- 674 Memoria sobre a villa de Ceia—Agostinho de Mendonça Falcão (t. VIII das Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa).
- 675 Memoria sobre a villa de Vianna do Minho—Fr. Manuel do Bom Jesus («Jornal de Coimbra», n.º 18, pag. 141, 1813).
- 676 Memoria sobre algumas inscrições encontradas no districto de Vizeu—José de Oliveira Berardo («Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias, nova série, t. II, parte II).
- 677 Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella—José Diogo Mascarenhas Netto («Mem. de Litteratura Portugueza da Acad. R. das Sciencias», t. III).
- 678 Memoria sobre as minas de carvão de pedra e ferro e estabelecimentos metallurgicos no districto de Leiria (Lisboa, 1857).
- 679 Memoria sobre as moedas romanas da serra do Candão e moeda gothica de Mortagua—Antonio Maria Seabra de Albuquerque.
- 680 Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes e poços publicos de Lisboa, Belem e muitos logares do termo—José Sergio Veloso de Andrade.
- 681 Memoria sobre estudos prehistoricos em Portugal—Carlos Ribeiro.
- 682 Memoria sobre o abastecimento das aguas de Lisboa—Dr. Hugo Mastbaum («Bol. da Direcção geral de agricultura», n.º 1, 1895).
- 683 Memoria sobre o abastecimento de Lisboa de aguas de nascente e aguas do rio—Carlos Ribeiro (1867).
- 684 Memoria sobre o concelho do Sabugal—Joaquim Manuel Corêa («Archeologo Portuguez», XI).
- 685 Memoria sobre o convento de Thomar da Ordem de Christo, public. pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis (1842).
- 686 Memoria sobre o convento da Ordem de Christo em Thomar—João da Cunha Neves e Carvalho Portugal.
- 687 Memoria sobre o Mondego e barra—Conselheiro Adolpho Loureiro.
- 688 Memoria sobre o pinhal nacional de Leiria—Francisco M. Pereira da Silva e Caetano M. Batalha (Lisboa, 1843).
- 689 Memoria sobre o porto e a barra da Figueira—Adolpho Ferreira Loureiro.
- 690 Memoria sobre o tanque e torre no sitio chamado em Lisboa «Amoreiras», pertencente ás Aguas Livres—Estevão Ca-

- bral (Mem. Econ. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa, t. III).
- 691 Memória sobre o templo e o culto de N. S.<sup>a</sup> da Encarnação, padroeira da Cidade de Leiria—Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher (1904).
- 692 Memória sobre Oliveira do Hospital—Adelino Julio Mendes de Abreu.
- 693 Memória sobre uma anta da serra de Cintra apresentada ao congresso de Bolonha em 1869—Possidonio da Silva.
- 694 Memória topographica da antiga Lisboa—José Joaquim de Ascensão Valdez.
- 695 Memória topographica descriptiva de Coimbra e seus arredores —Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão («Revista Universal Lisbonense»).
- 696 Memorial chronologico e descriptivo da cidade de Castello Branco—Joaquim Augusto Porphyrio da Silva (1853).
- 697 Memorial de Villar de Frades (Ms. existente na Torre do Tombo, *Conventos diversos*, 23 B, 44, 25).
- 698 Memórias chronologicas authenticas dos alcaides môres da villa de Santarem desde o principio da monarquia até o presente —Visconde de Santarem (1825).
- 699 Memórias da correição de Guimarães. (Ms. da Bibl. Nacional de Lisboa).
- 700 Memórias da igreja cathedral de Vizeu (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, A I, 46).
- 701 Memórias da villa de Oleiros—D. João M. Pereira do Amaral Pimentel (1881).
- 702 Memórias da villa de Torres Novas—Francisco Xavier de A. e Vasconcellos (Ms. da Bibl. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa).
- 703 Memórias da Villa de Vianna do Alemtejo—P.<sup>o</sup> Francisco de Oliveira (Codice 104 da Bibliotheca Municipal do Porto).
- 704 Memórias das principaes providencias que se deram no terramoto que padeceu a côrte de Lisboa no anno de 1755—Amador Patricio (pseudon.).
- 705 Memórias de Aveiro—Marques Gomês.
- 706 Memórias de Braga. Obra posthuma—Commendador Bernardino José de Senna Freitas (Braga, 1890).
- 707 Memórias de Bragança—J. Cardoso Borges (Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, B 2, 73).
- 708 Memórias de Bulhão Pato (t. III, 1907).
- 709 Memórias de Carne de—P.<sup>o</sup> José Baptista Pereira (Ms. existente

- na Bibl. da R. A. dos Architectos e Archeologos Portuguezes).
- 710 Memorias de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa
- 711 Memorias de Turquel—José Diogo Ribeiro (Porto, 1908).
- 712 Memorias do arcebispado de Braga—D. Jeronymo Contador de Argote.
- 713 Memorias do Bom Jesus do Monte e roteiro ou abreviada noticia de Braga—Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.
- 714 Memorias do Bussaco, seguidas de uma viagem á serra da Louzã—Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
- 715 Memorias do Bussaco. (Artigo de M. Pinheiro Chagas na «Gazeta de Portugal» de 17 de setembro de 1864).
- 716 Memorias do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra e dos seus collegiaes e porcionistas—D. José Barbosa (1727).
- 717 Memorias do concelho de Anciães—Dr. José Maria de Moraes da Mesquita.
- 718 Memorias do mosteiro de Cellas—José Maria de Andrade (Coimbra, 1882).
- 719 Memorias do mosteiro do Sacramento em Alcantara—P.º José de Sousa Amado (No folheto «Vida de Santa Estephania»).
- 720 Memorias dos vinte annos—Visconde de Castilho (Julio).
- 721 Memorias e datas para a historia da villa de Ovar—Dr. João Frederico Teixeira de Pinho (No *Jornal do povo*, de Oliveira de Azemeis).
- 722 Memorias e noticias historicas da celebre ordem militar dos Templarios na Palestina, para a historia da admiravel Ordem de N. S. Jesus Christo em Portugal—Dr. Alexandre Ferreira (Lisboa, 1735).
- 723 Memorias ecclesiasticas do reino do Algarve—Fr. Vicente Salgado.
- 724 Memorias ecclesiasticas para a historia do Real Archivo—Dr. João Pedro Ribeiro (Lisboa, 1821).
- 725 Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- 726 Memorias em respeito á cidade de Vizeu, sua antiga fortificação, cathedral, bispos e priores, cabido e ducado extincto, etc. Por um curioso viziense, 1876.
- 727 Memorias historicas da collegiada de Santa Maria de Alcaçova